ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A Covid-19 na informação de última hora no "Jornal da Tarde" da RTP1

Gonçalo Farinho

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Maria José Mata

Lisboa, outubro de 2022

DECLARAÇÃO

Declaro ser o autor do presente projeto, requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original e que nunca foi submetido, no seu todo ou em parte, a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou de outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações se encontram devidamente identificadas e acrescento ter consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

José Gonçalo Farinho

Lisboa, 21 de outubro de 2022

RESUMO

A pandemia da Covid-19 alterou a forma como se faz e vê televisão. Com um público forçado a cumprir quarentena, a televisão volta a ter mais espectadores, que são hoje mais exigentes. A difícil tarefa de manter a população informada durante uma pandemia foi posta à prova não só em Portugal, mas em todo o mundo.

O principal objetivo desta investigação é compreender a forma como as notícias de "Última Hora" de âmbito Covid-19 foram processadas pela coordenação do "Jornal da Tarde" da RTP1. Pretende-se por isso analisar 91 edições deste formato televiso, que serão trabalhadas através de uma meticulosa análise de conteúdos.

As principais conclusões retiradas apontam para um aumento da duração do programa analisado, consequência da pandemia, mas sem aparente relação com as notícias de "Última Hora". Além disso, conclui-se também que a quantidade de notícias de "Última Hora" avançadas no "Jornal da Tarde" tornaram-se previsíveis, uma vez que a sua maioria dizia respeito à atualização dos dados da Direção Geral da Saúde (DGS). Também o recurso às reportagens em direto para notícias de "Última Hora" foi escasso, uma vez que a sua utilização foi maioritariamente para acompanhar os pontos de situação diários da DGS.

Palavras-Chave: Última Hora; Jornalismo de Saúde; Telejornalismo; Jornal da Tarde; Covid-19.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic has changed the way television is made and watched. With an audience forced to comply with quarantine, television again has more viewers, who are now more demanding. The difficult task of keeping the population informed during a pandemic has been put to the test not only in Portugal, but throughout the world.

The main objective of this investigation is to understand how the Covid-19 "Breaking News" was processed by the coordination of RTP1's "Jornal da Tarde". It is therefore intended to analyse 91 editions of this television format, which will be worked through a meticulous content analysis.

The main conclusions drawn point to an increase in the duration of the analysed program, a consequence of the pandemic, but with no apparent relationship with the "Breaking News". In addition, it is also concluded that the amount of "Breaking News" advanced in the "Jornal da Tarde" became predictable, since most of them concerned the updating of data from the Direção Geral da Saúde (DGS). The use of live reports for "Breaking News" was also scarce, since its use was to monitor the daily data from GS.

Key-Words: Breaking News; Health Journalism; Telejournalism; Jornal da Tarde; Covid-19.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora doutora **Maria José Mata**, por todo o apoio, paciência e conselhos dados, em fases tão difíceis. Ser-lhe-ei sempre grato, e não tenho dúvidas de que este trabalho só foi concluído porque a tive como orientadora.

Ao **Francisco**, aquele amigo e companheiro que esteve sempre presente, nos bons e maus momentos, com uma palavra amiga.

À **Filipa**, companheira de muitas aulas e aventuras e que tantas vezes me incentivou e apoiou durante todo este percurso.

Ao meu amigo **Aurélio**, que, talvez sem saber, e com simples conversas, foi a ajuda que eu tantas vezes precisei.

Aos meus **pais** e **irmã**, por todo o apoio, e por tantas vezes me darem na cabeça para nunca me esquecer dos meus objetivos.

Aos meus quatro **avós**, que estarão todos os dias comigo, até ao fim.

ÍNDICE

Declaração II
Resumo III
Abstract IV
Agradecimentos V
Introdução 1
Capítulo I: Jornalismo Televisivo 3
1.1 O Telejornalismo 4
1.2 O Telejornalismo em Portugal 7
Capítulo II: A informação de Última Hora 14
2.1 O Valor Informativo 16
2.1.1 As causas e consequências dos diretos 18
2.1.2 O Tempo na Informação, o Imediatismo 24
2.2 O Telespetador: Consumidor *versus* Produtor 28
2.3 A presença da informação de Última Hora na televisão portuguesa: o caso do Telejornal 31
Capítulo III: Impacto da Pandemia da Covid-19 no Jornalismo 37
3.1 O Jornalismo de Saúde 37
3.2 A Pandemia de Covid-19 41
3.3 A importância da Informação 42
3.4 O papel da Televisão: o aumento do consumo 44
Capítulo IV: A Covid-19 – O processamento da informação de Última Hora em tempo real nos jornais televisivos: estudo de caso - Jornal da Tarde, RTP1 49
4.1 Objetivos 50
4.2 Metodologias de Investigação 50
4.2.1 Instrumentos 50
4.3 Apresentação e Discussão de Resultados 52
Conclusão 66
Bibliografia 69
Anexos 79
Anexo 1: Recolha de dados do mês de março 80
Anexo 2: Recolha de dados do mês de abril 81
Anexo 3: Recolha de dados do mês de maio 82

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: N.º de notícias de última hora, por dia, no "Jornal da Tarde", da RTP1, no mês de março de 2020 53
Gráfico 2: N.º de notícias de última hora, por dia, no "Jornal da Tarde", da RTP1, no mês de abril de 2020 53
Gráfico 3: N.º de notícias de última hora, por dia, no "Jornal da Tarde", da RTP1, no mês de maio de 2020 54
Gráfico 4: Presença da covid nas notícias de "Última Hora" relativas aos meses de março, abril e maio. 55
Gráfico 5: Presença da informação de "Última Hora" nos jornais trabalhados 56
Gráfico 6: Género adotado para a divulgação da informação de "Última Hora" 59
Gráfico 7: N.º de notícias de "Última Hora" que tiveram desenvolvimento no mesmo jornal 60
Gráfico 8: N.º de diretos e TH's utilizados para reportar conferências da DGS ou outros temas 61
Gráfico 9: Evolução do n.º aproximado de minutos de duração de cada "Jornal da Tarde" do mês de março 62
Gráfico 10: Evolução do n.º aproximado de minutos de duração de cada "Jornal da Tarde" do mês de abril 62
Gráfico 11: Evolução do n.º aproximado de minutos de duração de cada "Jornal da Tarde" do mês de maio 63

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Análise de conteúdo dos diretos 52
Tabela 2: Categorias temáticas das notícias de "Última Hora" e frequência 57
Tabela 3: Frequência das notícias de "Última Hora" relativas à prioridade do jornal ... 58

Introdução

A pandemia de Covid-19 veio mudar de forma drástica a vida na sociedade em todo o planeta. As rotinas e os hábitos foram alterados e as pessoas obrigadas a ficar em casa. Muitas refugiaram-se na televisão. A caixa mágica, que foi perdendo "os seus fiéis" para as plataformas digitais, tinha agora muito do seu antigo público de volta.

Era ao redor dos aparelhos televisivos que em todo o mundo – e Portugal não foi exceção – milhões de pessoas se mantinham informadas sobre o que acontecia para lá da porta das suas casas. Podemos, pois, afirmar que a televisão teve, sem solicitar, a oportunidade de voltar a reunir as famílias, mesmo que apenas durante alguns meses.

Com um público mais exigente de volta, os editores de informação compreenderam que a atualidade tinha de ser, inevitavelmente a Covid-19. O espetador, hoje, quer consumir os conteúdos que lhe interessam e sem ter de esperar. Assim, a pandemia veio "obrigar" os canais de televisão a trabalharem os conteúdos em tempo real. Foi mais uma oportunidade dada a este meio de comunicação – também sem ser pedida – a capacidade de mostrar que consegue acompanhar a cobertura de uma pandemia, de forma tão veloz quanto uma rede social.

Na mesma altura em que se começa a alterar a agenda mediática, com uma crescente presença da covid-19, estive inserido no contexto de trabalho de uma redação de informação de um canal de televisão, onde me foi possibilitado compreender como a informação de "Última Hora" foi, na sua maioria, para acompanhar a evolução da pandemia em Portugal, e onde se começou a apostar numa presença de comentadores e convidados especializados em saúde pública nos espaços de informação, na sua maioria com recurso a videoconferência.

É esta cobertura que nos leva a questionar, em plena crise sanitária, o que deve, ou não, ser considerado como conteúdo informativo de "Última Hora".

Desta forma, foi definido um objetivo principal para este estudo: compreender o processamento da informação de "Última Hora" no "Jornal da Tarde" da RTP1 em determinados momentos da pandemia.

Assim, o trabalho apresentado divide-se da seguinte forma:

No capítulo 1, aborda-se a evolução histórica do jornalismo televisivo com o objetivo de compreender quando e como se começou a utilizar a junção do vídeo com o som, com o objetivo de informar, ainda no cinema, bem como os avanços tecnológicos e sociais, que permitiram o advento da televisão. Ainda neste capítulo é traçada uma linha cronológica com a história do telejornalismo em Portugal. A ideia passa por entender a presença de conteúdos em antena, bem como a produção e impacto dos mesmos, num país em ditadura, e depois em democracia passando pela chegada dos operadores de televisão privada.

No capítulo 2 trabalha-se o conceito de "*Breaking News*", aquilo que vulgarmente designamos de notícias de "Última Hora". Neste capítulo relaciona-se o valor informativo da informação de "Última Hora" com as causas e consequências dos diretos e aquilo que pesa cada vez mais nas redações – o imediatismo. O papel do telespetador enquanto consumidor e produtor de informação é também aqui trabalhado. É ainda feito um levantamento da presença da informação de "Última Hora" na televisão portuguesa analisando o caso do Telejornal.

No capítulo 3 conceptualiza-se o conceito de jornalismo de saúde, e trabalha-se o impacto da pandemia da Covid-19 no jornalismo através de trabalhos académicos e científicos, entretanto lançados.

No capítulo 4 trabalham-se os objetivos, opções metodológicas do estudo e instrumentos utilizados, fazendo-se também uma apresentação e discussão de resultados.

Por último, na conclusão, faz-se uma reflecção sobre os resultados obtidos.

Capítulo I: Jornalismo Televisivo

Para compreendermos o contexto em que se desenvolve a narrativa jornalística, podemos retomar ao século XIX, altura em que se subleva um estilo romântico e ficcional de contar histórias e em que o documento autêntico em si é substituído pela reportagem jornalística (Maia, 2015, p. 313). Por sua vez, o romantismo histórico presente na literatura começa a confundir-se de alguma forma com a história factual, ambas contanto realidades semelhantes. No entanto, destaca Maia (2015), a reportagem jornalística mantivera-se imaculada pela sua autenticidade e destacava-se da literatura (Maia, 2015, p. 313).

Desta forma, a narrativa jornalística virá a constituir-se como um «novo elemento» desta também nova indústria cultural do século XIX. É então, ainda assim, que começa a viver um rápido declínio de natureza qualitativa (Maia, 2015, p. 314). Destaque-se que a imprensa passará a englobar também, já no século XX, o mundo do *enterteinment*, deixando um carácter «quase sagrado de monopólio da verdade» (Maia, 2015, p.314). Notamos uma viragem rápida daquele que era o papel e função da narrativa jornalística e informativa, desde o seu surgimento até sobretudo ao início do século XX.

Por outro lado, importa também compreender a história dos noticiários visuais, e como esta se liga diretamente à história do cinema, como destaca Vianna (2003). Neste contexto, em 1895, na cave do "Grand Café" de Paris, os irmãos Lumière projetaram as primeiras imagens em movimento. Teves (2007), por sua vez, afirma como esta primeira projeção de um pequeno filme permitiu que se afirmasse uma nova perceção: a de que cinema e televisão iriam partilhar muito do seu futuro (Teves, 2007).

Todos estes aspetos serão então os condutores para o surgimento novas formas de comunicação, face às alterações na narrativa jornalística, por exemplo, ou a introdução da imagem para fazer chegar a informação às populações. Como veremos, no final do séc. XIX haverá ainda um caminho a percorrer para conseguir concretizar a ideia de um jornalismo televisivo.

1.1 O Telejornalismo

As primeiras reportagens visuais informativas eram baseadas em pequenos filmes documentais que foram estreados muito antes da rádio ou da televisão existirem (Althaus, 2010, p. 194). Conhecidos como *actualities* em França, ou *newsreels*, no Reino-Unido e América, constituíam um sistema global de distribuição bissemanal de filmes noticiosos, que começou antes da Primeira Guerra Mundial, quase meio século antes de as notícias televisivas começarem a atrair grandes audiências; sete décadas antes de a CNN começar a distribuir imagens de notícias, uma vez mais, a todos cantos do mundo (Althaus, 2010, p. 194).

Por sua vez, estes noticiários não surgem sob a sua forma atual, tal como os conhecemos. Para aqui chegar, resultam de um processo de desenvolvimento que envolve diferentes dimensões, tais como industriais, financeiras ou políticas. Estes fatores desempenharam, inevitavelmente, também eles uma parte daquele que era um desejo de informar o público em geral sobre o mundo em que viviam (Baechlin, P., Muller-Strauss, M., 1952, p. 9).

Importa compreender, da mesma forma, a importância da guerra de 1914-1918 e aquilo que esta proporciona à película: um lugar e uma oportunidade para se afirmar progressivamente no mundo que pode agora obter informações sobre o que nele se passa, de uma forma inovadora. Assim nascerá o noticiário moderno, que acompanha os acontecimentos no mundo, tal como acontecia no período de guerra. Face a estas questões, destacam Baechlin & Muller-Strauss (1952), durante este contexto bélico, os filmes americanos vão ultrapassar os europeus, particularmente os franceses, que até então tinham ocupado um lugar de destaque no mundo das telas (Baechlin, P., Muller-Strauss, M., 1952, p. 11).

Entre o final da década de 1920 e o início da Segunda Guerra Mundial, e com a chegada do som aos *newsreel*, grande parte desta indústria foi dividida entre empresas multinacionais americanas, britânicas e francesas, que lutavam por quotas de mercado (Biltereyst, Bowles, Winkel, 2012, p.356). A popularidade e alcance dos noticiários eram tão significativos que, em meados da década de 1930, como afirma Fielding (2006) «the chances of an unexpected major news break occurring anywhere on the globe in the

presence of fewer than two or three competing cameramen became slim indeed» (Fielding, 2006, p. 171).

Outro acontecimento revolucionário – a chegada do som ao cinema – permitiu a escrita e a dobragem da narração em línguas locais. A juntar a outras formas de edição e especialmente à incorporação de filmagens locais, tornaram as *newsreel* um meio de notícias global, com uma função de prelúdio da longa-metragem e pelo elevado grau de homogeneidade, resultante da mistura de *hard news* com relatórios mais divertidos narrados num tom melodramático (Biltereyst, Bowles, Winkel, 2012, p.356).

No pós-segunda guerra mundial, a maioria dos *newsreel* americanos abordavam temáticas governamentais, de segurança interna ou assuntos internacionais (Althaus, 2010, p. 198). Os noticiários permitiram aos cidadãos observar com alguma regularidade os seus líderes nacionais em ação, proferindo discursos e frequentemente presentes em "eventos de média" organizados para as câmaras do noticiário (Althaus, 2010, p. 198). Entre vários fatores, Althaus (2010) destaca a velocidade com que as *newsreel* podiam abordar notícias de Última Hora e por isso existia uma preocupação em cobrir assuntos como a guerra, desportos, moda ou espetáculos (Althaus, 2010, p. 200). Contudo, o mesmo autor aponta um dos principais problemas deste tipo de jornalismo, que aliava o som à imagem:

> «Although newsreel cameras were often on hand to record breaking news stories, the time lag between the occurrence of an event and the initial distribution of newsreel film to first-run theaters meant that newsreels could not compete against newspapers or radio as a primary news medium» (Althaus, 2010, p. 200).

Como resultado, neste contexto, Taylor (2002, cit. por Althaus, 2010, p. 200) afirmou que a imprensa receava muito mais o domínio por parte da rádio do que pelo cinema. Segundo o mesmo, os *newsreel* não deviam ser encarados como concorrentes, mas sim como complementos a um público que já sabia da notícia, o que justificava a pouca duração deste tipo de boletins (Taylor, 2002, p. 68). Nesse sentido, mais do que um meio de repetição, o noticiário era um meio de reportagem (Althaus, 2010, p. 200).

Fielding (2006) afirmava q a queda das empresas de *newsreel*, que aconteceu primeiro na América e depois na Europa, foi motivada pelo aumento do consumo de televisão e alterações na indústria do cinema. Também Althaus (2010) defende que o fim

do cine-jornalismo pode dever-se, em grande parte, à crescente popularidade da televisão (p. 207). Note-se, neste sentido, que a aquisição de aparelhos televisivos aumentou de menos de 1% das famílias americanas em 1948 para quase metade das famílias em 1953 (Sterling e Haight, 1978, p. 372 cit. por Althaus, 2010, p. 207).

Além de diminuir a base de audiência de *newsreels*, a introdução da televisão e dos seus vários canais trouxe duas pressões adicionais a serem exercidas sobre o setor dos "cine-jornais": primeiro, notícias diárias na televisão foram capazes de mostrar imagens ao público de forma muito mais rápida do que a distribuição de noticiários duas vezes por semana nos cinemas (Althaus, 2010, p. 208); segundo, os gostos do público de cinema tornaram-se incompatíveis com os esforços feitos por algumas indústrias de *newsreel* que os tentavam tornar meios verdadeiramente jornalísticos (Cave, cit. por Althaus, 2010, p. 208).

Historiadores da programação televisiva como Barkin (2003, p. 24-29) ou Sterling e Kittross (2002), notam a influência formativa que os noticiários do cinema tinham em noticiários de televisão das décadas de 1940 e 1950 – por exemplo, durante esse período de transição, as imagens de notícias foram fornecidas em grande parte por empresas de jornais (Baechlin e Muller-Strauss 1952; Nielsen 1975), e grande parte da experiência técnica já vinha do cinema (cit. por Althaus, 2010).

Um pouco por toda a Europa, o modelo privado de televisão começa a consolidar-se no panorama audiovisual quando os noticiários começaram a ser entendidos como um veículo de legitimação da ação. Bustamante (2003) sublinha que o aumento da duração dos formatos televisivos de informação é consequência do crescimento do público, cada vez mais fiel a estes formatos, o que tem levado canais de televisão a incluir conteúdos comerciais durante os seus jornais.

Com o avanço do tempo, dos meios e das técnicas, o jornalismo televisivo tornou-se numa «forma de conhecimento crítico que tem como preocupação interpretar a realidade social» (Gomis (1991), Genro (1987), Meditsch (1992), Tuchmann (1983) cit. por Vizeu, 2009, p.77). Schütz (2003) considerou uma "atitude natural" o simples facto de se ver televisão. O autor faz notar que, «no dia adotamos uma postura de suspensão da dúvida em relação ao quotidiano, ou seja, cremos que as coisas são como estão evidenciadas na realidade» (cit. por Vizeu, 2009, p.77).

Goodwin e Whannel (1990) defendem que a televisão é para muitos um veículo de comunicação e conhecimento confiável no que respeita à informação mundial. O que, no ponto de vista dos autores, afasta a televisão da imprensa é não só a existência de menor partidarismo por parte da segunda mas também a existência de uma componente visual intrínseca à primeira, afastando-a positivamente da sua rival, a rádio. Para os autores, a televisão veio mudar as regras de produzir conteúdos, onde para além da transmissão de notícias, importa valorizar os equipamentos, e outras questões técnicas, bem como a forma o espectador recebe as notícias e até mesmo a escolha dos intervenientes dos programas.

Contudo, Althaus destaca que «the global television news systems in place today were neither the first worldwide news broadcast, nor the most popular, nor even the softest» (Althaus, 2010, p. 194). Segundo o mesmo autor, em 1922, a FOX concorria no mercado das "*newsreels*" e, segundo Fielding (2006) tinha mais de mil câmaras espalhadas pelo mundo (p. 61). Os "*newsreels*" produzidos pela empresa de forma bissemanal acabaram por ter tanta adesão que em 1946 já eram vistos em 47 países. Contrastando estes dados com o passado mais recente, em 2007, a FOX News tinha apenas três delegações fora dos Estados Unidos (Althaus, 2010, p. 194). Se quisermos compreender o impacto que estas cine-notícias tinham podemos olhar para aquilo que é hoje o canal internacional de notícias mais visto do mundo – a BBC World News – que tinha, segundo o mesmo autor, 1,2% de audiência semanal em 2008. Estes números correspondem a menos de metade da audiência que os "*newsreels*" da FOX em 1946.

1.2 O Telejornalismo em Portugal

Em Portugal, o telejornalismo iniciou-se com o começo das emissões regulares da Radiotelevisão Portuguesa (RTP), em 1957 (Sousa, 2008, p.42). Sem o Telejornal ainda em antena, a RTP dispunha de uma Secção de Cinema e Noticiários que produzia o "Jornal de Atualidades", um noticiário sem imagens ou com imagens fixas (Teves, 2007)[1]. Consistia num tipo de jornal com uma linguagem formal ("senhores telespectadores…") e com carácter de propaganda, uma vez que o Estado tinha a tutela da empresa e estava atento a tudo o que era emitido (Sousa, 2008, p.42). O noticiário era

[1] Teves, V. (2007), *RTP 50 Anos de História*. https://museu.rtp.pt/livro/default.htm.

lido ao vivo e introduzido em emissão por um dispositivo que mostrava, lado a lado, os distintivos da RTP e da Emissora Nacional (EN), uma vez que, por não dispor dos serviços das agências noticiosas, a RTP era forçada a utilizar os fornecidos à EN (Teves, 2007). Tendo surgido mais tarde que a maioria das televisões europeias e americanas, a RTP acabou por beneficiar dos seus exemplos no que respeita à técnica e à rotina de produção na prática jornalística (Sousa, 2008, p.42). Ainda no seu primeiro ano de existência, a RTP acaba por estabelecer acordos diretos com as agências: ANI, Lusitânia, France-Presse e Reuters. O Estado enviava para a RTP de forma diária, e com recurso a estafetas-ciclistas, todas as informações de cesura. (Teves, 2007).

Desde o seu início, a noção de tempo estava presente, principalmente em assuntos da atualidade. Assim, as reportagens filmadas e enviadas de Londres ou Nova Iorque pela *United Press* chegavam ao país por via aérea com destino ao aeroporto de Lisboa. Os atrasos dos aviões ou do desalfandegamento era a principal preocupação dos redatores da RTP (Teves, 2007). Já nos seus primórdios, a RTP teve enviados especiais. Os primeiros, Carlos Tudela, deslocado para Barcelona, e o segundo, em junho de 1957, Batista Rosa, ao Brasil, aquando da visita do Presidente da República àquele país (Teves, 2007). Batista Rosa, antes da sua viagem, terá afirmado: «A RTP tem estabelecido autênticos recordes de apresentação com as suas reportagens cinematográficas. Assuntos filmados às 7 horas da tarde têm sido apresentados 3 horas depois, mediando nesse curto espaço de tempo os complexos trabalhos de revelação, cópia, montagem e sonorização. Tencionamos corresponder à atualidade que a TV em geral – e a RTP muito em especial – sempre exige» (Teves, 2007). A RTP, tinha também na sua grelha a repetição da transmissão de notícias emitidas nos cinemas, uma vez que, naquela altura, os equipamentos de edição de televisão eram os mesmos que os de cinema (Sousa, 2008, p.42).

Foi ainda no ano que marcou as emissões regulares da televisão em Portugal, mais concretamente em novembro, a RTP recebeu o seu primeiro carro de exteriores, que permite a transmissão em direto, com múltiplas câmaras, para qualquer ponto do País (Sousa, 2008, p.42). Foi junto ao estádio José de Alvalade, a 9 de fevereiro de 1958, que se realizou a primeira reportagem em direto «do exterior para difusão pela rede de emissores da RTP»: o jogo de futebol entre o Sporting C. P. e o F. C. Áustria (Teves, 2007).

A informação da RTP tinha, em meados de 1959, substituído o seu "*Jornal de Atualidades*" pelo "*Jornal RTP*". Contudo, a 18 de outubro, estreou no único canal português o Telejornal (Teves, 2007). Na altura, o telejornal consistia apenas numa leitura de textos já censurados, saídos da redação, e era emitido duas vezes, uma após a abertura da emissão, às 20h30, com a duração de meia hora, e a segunda, antes do fecho de emissão (Teves, 2007).

> «A realização do Telejornal passou a ser confiada aos redatores e esse foi considerado, pelos resultados obtidos, um ponto positivo da nova estruturação do serviço. Também se passaram a incluir pequenas entrevistas no estúdio ou mesmo no exterior, balizadas, embora, pelo disposto numa Ordem de Serviço do Conselho de Administração (17.3.1959), em que se lembrava que ao Consultor Literário […] "incumbir-lhe-á... decidir sobre a conveniência de todos e quaisquer textos e programas sob os aspetos moral e político-social […]"» (Teves, 2007).

É apenas no final dos anos 60 do século XX que a emissão televisiva cobre o território nacional, surgindo o segundo canal da Radiotelevisão Portuguesa, a RTP2, no dia de Natal de 1968. Nos anos 60 acontece também a realização da primeira transmissão em direto do estrangeiro: o encontro de hóquei em patins entre Espanha e Portugal, bem como emissões transcontinentais em direto, graças aos satélites *Telstar* (1964) e *Early Bird* (1965) (Sobral, 2012, p.146), que permitem uma comunicação global. Um dos momentos informativos mais marcantes da época, motivado pelo lançamento dos satélites de comunicação, foi a chegada do homem à lua, como recorda Vasco Hogan Teves (2007).

> «Em Portugal Continental eram 3 h. 56 m. 20 s. da madrugada de 21 de julho de 1969. Olhos postos na RTP, os portugueses viram esse momento crucial, como tinham visto a escalada anterior até à Lua e veriam, depois, as manobras que precederam a viagem de regresso à Terra. Tudo na altura em que tudo decorria. Foram 18 horas de emissão que, pensa-se, foram vistas por dois milhões de portugueses que se deitaram mais tarde – ou se levantaram mais cedo... ou simplesmente não se deitaram – nessa madrugada de 21 de Julho, que caiu a uma 2ª feira, dia de trabalho».

A televisão em Portugal, nesta fase inicial, faz-se tendo como base o "monopólio estatal" (Sobral, 2012, p.146), que vai predominar até ao início da década de 90 do século XX, quando se inicia a atividade de televisão privada. A SIC é o primeiro operador de televisão privada a emitir em Portugal a 6 de outubro de 1992, inaugurando a sua emissão com a frase "estudantes de luto contra as propinas". A partir desse momento, a SIC assume o seu papel no que concerne ao jornalismo: «um jornalismo irreverente, de contrapoder, feito à revelia das fontes oficiais, mais preocupada com a plateia do que com aqueles que punham o poder em cena» (Lopes, 2012, p. 18 cit. por Lima, 2014, pp. 33-34), um noticiário onde pela primeira vez se deixava «ver a zona de retaguarda das notícias: o lugar onde elas são fabricadas» (Lopes, 2007, p. 7 cit. por Sobral, 2012, p.148). Menos de 1 ano depois, acontece a chegada da TVI, a 20 de fevereiro de 1993, o que não ameaça a concorrência. Bastaram 3 anos para a SIC atingir a sua liderança do mercado. O grande trunfo do canal privado, em comparação com a RTP e no contexto informativo foi a adoção de uma estratégia «desprendida das fontes oficiais para privilegiar o cidadão comum» (Lopes, 2012, p. 19 cit. por Lima, 2014, p. 34). Para fazer frente ao sucesso que a SIC tinha em horário nobre, a RTP aposta na informação e responde com o alargamento do horário de emissão do *Telejornal*. A SIC acabou por adotar a mesma estratégia, e prolongou a duração do *Jornal da Noite*, não conseguindo ultrapassar o concorrente da estação pública. Contudo, e segundo Felisbela Lopes (2012), é em maio de 1995 que, com a compra dos direitos de transmissão do casamento de D. Duarte de Bragança, a RTP é obrigada a colocar o *Telejornal* em segundo plano, dando-lhe apenas 10 minutos de duração. O público começa a optar pela SIC, e em setembro do mesmo ano, o *Jornal da Noite* ultrapassa o *Telejornal* em termos de audiência e mantém-se em primeiro lugar. No mesmo ano, e como descreve Vasco Hogan Teves (2007), Manuel Rocha, diretor de Informação da RTP em 1995, questionado sobre como alcançar o equilíbrio entre a qualidade e as audiências, respondia que tal seria possível:

> «[…] com uma Informação mais próxima do espectador, mas sem cedência a qualquer tipo de gosto primário. Se formos capazes de encontrar a forma fácil e clara, e de fazer com que a nossa Informação tenha a ver com as pessoas, não precisamos de fazer cedências na qualidade, teremos é que encontrar a ponte de comunicação com o espectador. Não é fácil, mas penso que é possível. Há algumas experiências, mesmo na RTP, em que isso se tem conseguido. Não devemos fechar a Informação para elites,

> para pequenos grupos de interesses políticos, económicos ou culturais. Os nossos jornais devem ser mais abrangentes em termos temáticos e geográficos […]».

Outro dos acontecimentos que marca a televisão e o telejornalismo português é a chegada da televisão por cabo em 1994/95, o que alterou a quantidade de canais de televisão no país (Sobral, 2012, p. 148). Segundo Martins (2006) a TVI começa a ser vista como concorrente a partir do momento em que é comprada pelo grupo Media-Capital, 1997-1998 (Lima, 2014, p. 35).

Com a chegada da SIC Notícias, o papel do jornalista altera-se e uma só pessoa assume as funções de repórter, editor e interprete, estando presente em todas as fases de produção (Martins, 2005, p. 1255). O canal foi fundado a 8 de janeiro de 2001, e foi o primeiro canal temático de informação português a emitir 24 horas por dia, com o slogan «vinte e quatro horas em direto e em português». Susete Francisco (2001) afirma num artigo escrito para o *Diário de Notícias*, escrito no dia de arranque do canal, que o país está prestes a assistir a uma "maratona informativa" sendo o tempo um fator intrínseco a esta estação temática. Miguel Gaspar (2004), por seu turno, afirma que os canais de notícias «não se limitam a abranger noções como as de "máquina do tempo" ou "primado do imediatismo e do direto", mas funcionam sem as limitações impostas por um canal generalista» transformando o fluxo contínuo de informação numa espécie de "noticiário infinito" (Gaspar, 2004, p. 44). O canal colocou na sua grelha, desde a estreia, notícias alternadas com programas de informação, algo que o país desconhecia, uma vez que se podia ligar a televisão e ter acesso a notícias atualizadas a qualquer hora, aspeto que lhe valeu a alcunha "CNN portuguesa" (Martins, 2005, p.256). A 31 de maio de 2003 surge a RTPN e a 26 de fevereiro de 2009 a TVI24, os dois canais informativos temáticos portugueses a juntarem-se à grelha da televisão por cabo (Sobral, 2012, p.148).

A evolução tecnológica tem obrigado a adaptação das televisões de forma constante. Ana Paula Andrade (2019) sublinha como «a internet e as tecnologias mudaram sobremaneira o formato de "ir e vir" da produção noticiosa televisiva. O "ter e mostrar" é uma tendência que se revela cada vez mais crescente nas redes» (p.1). Fundada há 9 anos, a CMTV, canal de televisão do jornal *Correio da Manhã*, tem agitado o

monopólio das televisões generalistas portuguesas uma vez que utiliza os recursos tecnológicos disponíveis na sua forma de informar (Andrade, 2019, p.4). A prática jornalística levada a cabo pela CMTV, que junta televisão, *internet* e jornal impresso, acaba por despertar a atenção dos canais concorrentes, incluindo a estação pública, que acaba também por preocupar-se com a questão das audiências (Andrade, 2019, p.4).

No seu estudo sobre a realidade televisiva portuguesa, Ana Paula Fernandes (2020) considerou que «o campo da informação foi, sem dúvida, o que sofreu grandes mudanças ao nível do tratamento do seu conteúdo e a importância que assumem as pequenas notícias (*fait divers*). As tendências que se evidenciam na grelha de programas, com o aparecer de novos géneros televisivos, como o *talk show* e o *reality show*, bem como a associação da informação ao entretenimento, designado por *infotainment*, conduzem a uma leitura das características que assume a informação no novo cenário televisivo. A espetacularização das notícias ou sensacionalismo tem sido a característica negativa associada à informação. Com o advento da televisão privada, surgem os formatos *soft news* e o sensacionalismo» (Fernandes, 2020, p. 12).

João Canavilhas (2001) defende que um programa de informação terá de transmitir uma noção e linguagem globais, de forma natural, para que consigam garantir audiências. Esta questão relaciona-se com a ideia de que o espectador deverá ser capaz de ter uma noção completa do mundo real, através do noticiário, como se estivesse no local da notícia. Aquilo que o autor considera ser um aumento da realidade pode prejudicar a qualidade da informação em matérias como «sensacionalismo», «ilusão do direto», a «uniformização» e os «efeitos perversos» (Canavilhas, 2001, pp.8-9). O que se refere ao sensacionalismo, o autor acredita que elementos como sangue, sexo e dinheiro são utilizados para fazer aumentar as audiências. Já sobre a ilusão do direto, garante um aumento das emoções, uma vez que a informação é dada no momento («se ao direto se associar o imprevisto, então a informação-espetáculo atinge o seu ponto mais alto») (p. 9); a uniformização prende-se com a questão de não haver margem para o tratamento da informação de formas diversificadas. Por último, os efeitos perversos referidos pelo autor acabam por ser consequência da rapidez da informação uma vez que o público vai sempre tirar as suas próprias conclusões, mesmo que ambas as partes sejam ouvidas (Canavilhas, 2001).

«Duas das escolas televisivas – a anglo-saxónica e a latina – tratam as questões de forma diferente. Os anglo-saxónicos assentam o seu sensacionalismo em factos comprovados e controlados, fazendo apenas uma abordagem que dê ênfase a determinados pormenores mais interessantes do ponto de vista das audiências. Na escola latina, a vertigem da "cacha" faz com que se esqueçam as confirmações. Se necessário recorre-se às muletas "cerca de" ou "segundo fontes bem colocadas", tecendo-se comentários com base em suposições. Um exemplo de como a antecipação sem confirmação pode resultar em cenas ridículas foi o caso de Angel Pui Peng, a cidadã portuguesa de origem chinesa condenada à morte. No "Novo Jornal", da TVI foi anunciada a execução de Pui Peng, emprestando uma emoção especial ao acontecimento com a adição de alguns pormenores dos últimos minutos de vida da condenada. No dia seguinte soube-se que a aplicação da pena tinha sido adiada.» (Canavilhas, 2001, p.8)

De acordo com Pinto (2005) qualquer serviço publico de televisão deve garantir que a sua informação é isenta e diversa, sem perder o rigor. A mesma informação deve ainda explicar os temas noticiados e oferecer ao público um conjunto de debates com os principais temas que estão na ordem do dia. Em suma, o autor defende que não deve ser permitido conteúdos que não sejam única e exclusivamente noticias, afastando o entretenimento da informação.

Capítulo II: A informação de Última Hora

De acordo com o artigo 3 da Resolução 1003/93 do Conselho Europeu, «o princípio básico da ética do jornalismo é a diferenciação entre notícias e opiniões, para que estas não sejam confundidas. A notícia é a informação sobre factos e dados, enquanto as opiniões incluem pensamentos, ideias ou julgamentos de agentes de imprensa, editores e jornalistas».

Com recurso a esta resolução, Georgiana Stănescu (2015) afirma que durante o processsamento de notícias de última hora o apresentador, o editor e o produtor devem ter cuidado ao fazer a diferença entre as opiniões de uma pessoa sobre um evento e o evento em si, pois a transmissão de uma notícia deve ser baseada na verdade, tal como refere a resolução 1003/93: "pela verificação adequada e meios de demonstração e pela imparcialidade na apresentação, escrita e narração".

De acordo com linha editorial da BBC[2], estação de televisão de renome a nível mundial, o conceito de última hora, mais conhecido por *breaking news*, está diretamente relacionado com o interromper de uma transmissão. A entrada de um ou vários acontecimentos imprevisíveis, estão na origem do seu surgimento no decorrer do noticiário. Para Stănescu (2015), informações recentes não são necessariamente informações de última hora. É de considerar que qualquer notícia recente que implique um certo interesse, deve ser transmitida rapidamente, mas só pode ser considerada notícia de última hora se cumprir com seis condições: ser uma informação extraordinária; ser única; ser uma novidade absoluta; ser de interesse geral; ter um grande impacto.

Através de um conjunto de entrevistas a jornalistas e diretores de informação americanos, Peter A. Casella (2013) determinou que o inesperado, o que surge em tempo real, adquire maior impacto na área televisiva, e, por conseguinte, junto do público. Um diretor de notícias afirmou que a natureza de um direto de notícias de última hora muitas vezes pode dificultar o julgamento da importância de uma notícia de última hora tal como ela está a acontecer. O outro diretor reconheceu que publicar essas histórias oportunas tem um preço. «O que perdemos é, às vezes, eu acho, uma história que é mais importante, que é mais relevante, e que acabamos por reduzir» (Casella, 2013, pp.366-367). Segundo afirma um importante repórter americano, muitas vezes, os editores não abdicam de

[2] BBC, (s.d.), Editorial Guidelines, www.bbc.com.

seguir o alinhamento, ainda que seja notória a pouca relevância do conteúdo, quando comparada com a notícia que não é última hora. «Alguém fez um protesto outro dia e eles pensaram que havia um tiro ao vivo e estavam umas quatro pessoas lá e eles ainda fizeram direto. Era ridículo... Isso não é um protesto, são quatro pessoas. Essa não é uma boa foto ao vivo.» (Casella, 2013, p. 367). Alguns dos diretores de notícias reconheceram isso e citaram a inexperiência como fator na transmissão de imagens ao vivo de acontecimentos de última hora que não eram especialmente interessantes.

Hoje, a notícia na televisão quase não possui margem de tempo para a divulgação entre o acontecimento e a confirmação dos factos, que acabam por ser emitidos no exato momento em que acontecem (Assumpção, Villegas, 2016, p. 773). Isto pode dar origem ao que Tuggle e Huffman (1999) batizaram de «buraco negro» (*blackhole*): as reportagens em direto de locais onde nada acontece na altura e de onde não se reporta nenhum acréscimo de informação nem novas imagens (Tuggle, Huffman, cit. por Casella, 2013 p. 362).

Existe hoje um grau de interatividade que era impensável há poucos anos (Assumpção, Villegas, 2016, p. 773). Nesta era, o acesso à informação e a relação do público com o jornalista também estão a mudar rapidamente. A tecnologia oferece agora a organização de contatos e informações, tornando ainda mais ágil o trabalho do jornalista e potenciando as práticas de apuração da notícia em tempo real.

É também esta interatividade que permite, cada vez mais, a existência de uma "relação" entre o espetador, podendo este desenvolver um papel de, não só espetador, mas também de produtor de informação (Tourinho e Lopes, 2011, p.2). Este é, contudo, o principal motivo que leva a surgirem cada vez mais *fake news*, com textos falsos e imagens manipuladas (Paine, 2015). No jornalismo digital mundial, informação não é só texto, não é só foto, não é só áudio, não é só vídeo, não é só interatividade: é agora tudo ao mesmo tempo (Lindoso, 2007, p. 104).

2.1 O Valor Informativo

Conforme a diretriz editorial da BBC[3], referência internacional no meio televisivo, nem todo o conteúdo informativo considerado recente, pertence a um acontecimento classificado como *breaking news*. No entanto, quando é atingido um nível de interesse com alguma expressividade para com o telespetador, a informação deve ser transmitida o mais depressa possível. De destacar, que apenas será uma notícia de última hora, caso se trate de algo extraordinário, que represente uma novidade e detenha um alcance e impacto gerais (Stănescu, 2015, p.82).

A conduta editorial da emissora de TV Digi24 dá alguns exemplos de potenciais assuntos de notícias de última hora, e entre eles estão os seguintes: «renúncia/acidente do Presidente, Primeiro Ministro; terramoto com vítimas na Romênia, não na Guatemala ou mesmo na Bulgária; o falecimento de um ex-presidente, de personalidade, mas não a internação/intervenção médica de tal pessoa; a quebra de um banco comercial na Romênia, mas não um recorde depreciação da moeda nacional em relação à moeda euro» (Stănescu, 2015, p.82). A dimensão de uma "última hora" está dependente do seu próprio valor de conteúdo informativo (Quinn, 2016, p. 56). No contexto de uma redação, a entrada de uma notícia deste tipo, significa uma mudança radical no programa alinhado, tendo que a equipa mobilizar meios, no sentido de recolher o máximo de dados possíveis. O objetivo é dar ainda maior ênfase ao que vai ser contado em breve, estando "no ar" o tempo que for necessário, e assim, culminar num evento de bastante importância, aos olhos do telespectador que assiste sem hesitar um segundo.

A linha editorial do respetivo canal de televisão refere ainda que as notícias de última hora devem ocorrer apenas num contexto especial, e que a transmissão de várias notícias de última hora por dia tem como resultado a ridicularização desse formato e a perda do interesse do público, uma vez que se cria uma ilusão ao telespectador.

Durante o processo de notícias de última hora, na maioria das vezes, a informação é não só apresentada, mas também é interpretada e comentada por especialistas, jornalistas, analistas políticos, de acordo com o acontecimento para o qual o programa normal é interrompido. No contexto em que as informações são fornecidas rapidamente, o telespectador deixa de ter a possibilidade de discernir, de organizar as notícias em

[3] BBC, (s.d.), Editorial Guidelines, www.bbc.com.

relação à sua existência, sentindo a necessidade de uma análise, de um comentário emitido por um pessoa autorizada (apresentador de TV, produtor, convidado), para esclarecer não só o que está a ver, mas também a razão pela qual isso aconteceu, e, assim, ter a capacidade de transferir a sua atenção do fenómeno mediático para o significado do evento ocorrido (Stanescu, 2015).

De acordo com a mesma autora, na literatura da especialidade, o conceito de *news alert* não foi devidamente abordado. Stanescu (2015) dá o exemplo do que aconteceu na Roménia, que começou a utilizar o termo *news alert* a partir de 2008, nos canais de televisão Realitatea TV e Antena 3. A autora refere também que o termo se tornou um recurso, cada vez que a estação se dirigia a novas notícias consideradas relevantes, com impacto, mas sem serem excecionais. Motivo pelo qual não se tratava de última hora, mas de um alerta, o que se repercute numa notícia verificada em pelo menos duas fontes numa estação oficial, existência de assunto entre 5 a 10 minutos por telefone ou vídeo, e logo de volta ao programa normal. Referir, que posteriormente, podem ainda surgir atualizações pontuais. Porém, o segundo dia implica a elaboração de acompanhamentos à notícia.

No entanto, muitas vezes o valor informativo de uma notícia cruza-se com o processamento emocional do espectador. Canavilhas (2001) afirma que a construção da realidade televisiva exige que se dê uma ênfase especial ao conteúdo dramático e emocional, cumprindo, no entanto, duas regras fundamentais: a) Garantir a compreensão universal do discurso através de um fio condutor percetível. Enquanto a realidade tem tendência para apelar a todos os sentidos, a realidade televisiva deverá procurar que os recursos mínimos sejam suficientes para que o telespectador entenda a mensagem. Esta forma de os media garantirem a compreensão da notícia colhida da realidade pode sintetizar-se em três processos: i) simplificação: construção de uma intriga, reduzindo o número de personagens/situações e eliminando os elementos de difícil compreensão; ii) maniqueização: separação da ação em dois polos de intriga: o bem e o mal. iii) atualização e modernização: os anacronismos intencionais são outra forma de facilitar a compreensão. O transporte de uma personagem/situação do passado para o presente permite uma percepção mais rápida da mensagem. Estes processos exigem do telespectador um raciocínio simples do género causa-efeito. b) Procurar uma linguagem simples e próxima da fala de rua. Este facto permite que o telespectador se transporte para o local do acontecimento. Esta linguagem massmediática pode ser caracterizada da seguinte forma:

i) predominantemente apelativa: embora esta característica seja mais fácil de observar na publicidade, no campo do jornalismo ela corresponderá ao lead da notícia. Resumem-se aqui os elementos mais importantes da notícia, procurando-se dessa forma despertar a atenção do telespectador. No caso da televisão, as chamadas "promoções", que marcam a separação entre os blocos noticiosos, são o expoente máximo da função apelativa; ii) nem verdadeira, nem falsa: outra forma de apelar à emoção recorrendo a chavões e a frases ambíguas; iii) tautológica: tentativa de explicação com base em palavras idênticas ou equivalentes ao que já foi dito; iv) hiperbólica: utilização de um discurso totalizante de pormenores. v) conjunção dos incompatíveis: ligação entre situações contrárias. vi) abolição da sintaxe: a linguagem massmediática cria neologismos por supressão ou adjunção de elementos, acumulando prefixos e sufixos (Canavilhas, 2001, pp. 5-6).

O mesmo autor refere ainda que o espectador consegue defender-se, filtrando, selecionando, rejeitando e assimilando apenas a informação que lhe convém. Também Dominique Wolton (1990) defende que uma vantagem da informação-espetáculo poderá ser a forma como ela transmite ao telespectador os limites do aceitável. Em lugar de criar um hábito, a repetição de determinadas imagens poderá alertar para o excesso. Canavilhas (2012) afirma que este postulado pode ser observado no atual panorama televisivo português bastando para tal perguntar a um vulgar cidadão o que pensa dos telejornais: a resposta habitual é que "só mostram desgraças", existindo assim uma tomada de consciência de que as televisões estarão no limiar do permitido pelo telespectador.

2.1.1 As causas e consequências dos diretos

Foi através do desenvolvimento das câmaras de vídeo portáteis, em 1974 (Farhi, 2002) e, pouco tempo depois, o acesso a preços mais baixos de viaturas de transmissão de sinal de direto, que se tornaram regulares os diretos de exterior.

Um dos grandes exemplos do poder da transmissão de diretos do exterior remonta ao dia do assassinato do Presidente Norte-Americano Kennedy, a 22 de novembro de 1963. Allan (2001, p. 80) escreve como Al Primo, chefe de redação de uma televisão local, observou que contínuas reportagens em direto do local do assassinato cativaram o público com o sentimento de *"you-are-here*" (você está aqui).

De notar que, Tuggle e Huffman (1999), repararam na atitude dos consultores de notícia, em valorizar as reportagens em direto. Quanto mais qualificadas e credíveis, maior a expressividade do canal de televisão em específico. Por sua vez, Bob Papper (2007) reiterou que o público valoriza o uso dos diretos em informação.

Esta ferramenta acabou por obrigar a uma alteração àquilo que era o alinhamento de um telejornal. A cobertura informativa passou a ser focada em acontecimentos porque os mesmos estão a acontecer "agora" e não devido à sua importância (Koppel, 1999).

Tuggle, Car e Huffman (2004) enumeravam as características tradicionais da noticiabilidade: proximidade, oportunidade, impacto, destaque e conflito, elementos que deixaram de ter importância para dar lugar a "live elements" para abrir os noticiários (Miller e Hatley-Major, 2005).

«In the competitive environment of local television news, being first on the air with live reports became a new measure of competition»

(Westin, 2000 *in* Casella, 2013, p. 363).

Tuggle and Huffman (1999) realizaram um estudo no qual se referiram pela primeira vez ao termo "*black hole live shots*", para classificar reportagens em direto onde nada estava a acontecer no momento e que não continham nenhuma informação de última hora ou novidades recentes. Na altura, tanto diretores de informação como jornalistas concordavam que reportagens em direto acrescentavam valor informativo, apesar de terem perspectivas diferentes quanto ao seu uso. Já em 2001, Tuggle referiu-se ao termo "black hole" para descrever reportagens no terreno, em direto de um local onde um evento ocorreu ou irá ocorrer.

Mais recentemente, em 2013, um estudo levado a cabo por Peter A. Casella, procurou ouvir um conjunto de diretores de informação e de jornalistas seniores, todos americanos, sobre a transmissão de reportagens em direto em notícias de última hora.

Nesse estudo, o autor concluiu que os diretores de informação estavam mais apreensivos com um risco particular de reportagens em direto em situações de notícias de última hora - a transmissão de informações não confirmadas. Como primeira razão, os diretores de informação apontam o dedo às fontes oficiais e não aos jornalistas. Segundo um dos diretores que foram entrevistados, a génese das notícias de última de hora, representa uma impossibilidade junto das autoridades, no que diz respeito à precisão de informações completas.

> "It is something that I think is the risk that we take by trying to bring any story to a home in a timely fashion . . . It is usually what we will call chaos news - fires and crimes and things of that nature."
>
> (News director in Casella, 2013, p. 367)

Por sua vez, os jornalistas reagem ao afirmar que são muitas vezes forçados pelos editores de informação para entrarem em direto quando não têm informações suficientes, dizendo também que a pressão principal incide em serem os primeiros a darem a notícia. Um jornalista com mais de 20 anos de carreira recordou um direto que fez após terem sido encontrados ossos ao lado de uma estrada:

> "We break in, send out a live truck, they found bones, they were there. Twenty minutes later, that same reporter had to go on the air and say it was a dead dog… Bones on the side of the road. I mean, what in the hell? That's all you know at that point? You don't know if they're human bones? You don't know if it's a dead cow? What do you mean bones by the side of the road? Don't just slop that on the air. What's the relevance to the viewer? What's the rush?"
>
> (Journalist in Casella, 2013, p. 367)

Nesse estudo, Casella (2013) concluiu que os diretores de informação estavam mais apreensivos com um risco particular de reportagens em direto em situações de

notícias de última hora - a transmissão de informações não confirmadas. Como primeira razão, os diretores de informação apontam o dedo às fontes oficiais e não aos jornalistas. Segundo um dos diretores que foram entrevistados, a génese das notícias de última de hora, representa uma impossibilidade junto das autoridades, no que diz respeito à precisão de informações completas.

O autor, com base nas entrevistas realizadas aos diretores de informação, responsáveis pelo conteúdo dos programas informativos, apontou quatro motivos que estes consideram legitimar verdadeiramente a utilização de reportagens em direto:

> «The first justification is breaking news. News directors agreed that, since the decision to cover these events is made close to news time, these breaking stories often take the time originally scheduled for news of greater impact. (...) The second justification for live reporting is editorial necessity. The news directors noted that staying on the scene longer gives reporters more time to gather news. (...) News directors identified newscast presentation as the third justification, saying such live shots provide a greater diversity of voices and locations to the program that, they said, helps keep the attention of viewers. Such live shots tend to build reporter credibility, they said, and also allow reporters to further discuss elements of the story that might otherwise go unreported, adding greater depth to reports. (...) The fourth justification for live shots is station identity. These live shots help stations create brands that are designed to create and maintain their identities for viewers.»

Também Yvana Fechine (2006) estudou as tendências, usos e efeitos da transmissão de reportagens em direto nos formatos de telejornal. A autora começa por mencionar que tem sido adotada, por parte dos telejornais, uma estratégia responsável por uma nova configuração dos processos comunicacionais. Cada vez mais é feita a transmissão "em direto" de notícias nos telejornais, quer seja com o objetivo de produzir um efeito de atualidade no que está a ser divulgado, quer seja na construção de um sentido de presença nos sujeitos envolvidos na comunicação. Esta necessidade de recurso à informação em direto durante um telejornal tem vindo a ser influenciada pela comunicação mediada por computador nos formatos televisivos (Vilches, cit. por Fechine, 2003, p.1).

A autora considera as estratégias de construção do tempo nos telejornais, fundamentais. O telejornal é visto como um enunciado englobante (o noticiário como um todo), que resulta da articulação, por meio de um ou mais apresentadores, de um conjunto de enunciados englobados (as notícias). São esses enunciados englobados que se organizam em função do enunciado englobante numa mesma temporalidade, que é definida pelo início e pelo fim do telejornal.

As "ligações ao exterior" num telejornal podem ser feitas através de duas possibilidades temporais: o tempo concomitante e o tempo não-concomitante. Quando o pivot passa a emissão em direto a um repórter, ambos partilham o mesmo *agora* enunciativo, estando presentes no mesmo tempo concomitante, que acaba por ser reforçado com a utilização do termo "direto" nas imagens. Se nos estivermos a referir a uma sequência gravada, conhecida como "falso direto", pressupõe-se necessariamente um deslocamento temporal, estando [jornalista e pivot] em tempos não-concomitantes (Fechine, 2001).

Fechine (2001) destaca, ao longo do seu estudo, situações em que não existe um deslocamento temporal, ou seja, quando jornalista e pivot estão em tempos concomitantes, os chamados *diretos*. A autora refere e fundamenta quatro fatores com os quais os telejornais se legitimam perante as suas audiências, e que se resumem *infra*: 1) tempo atual e tempo real; 2) autenticidade; 3) o efeito de vigilância; 4) as estratégias de interação.

1. Tempo atual e tempo real

Os coordenadores dos telejornais optam muitas vezes por criar estratégias que visam simular uma proximidade temporal entre uma ocorrência e a sua transmissão pelo telejornal, isto porque a maioria dos factos noticiados não ocorre quando o programa está no ar. O tempo atual refere-se aos diretos nos quais um jornalista fala de algo que já aconteceu; o repórter está no local onde se deu o facto reportado e, regra geral, são dois os recursos mais utilizados nestas situações: ou o repórter dá apenas as informações enquanto aparece na imagem (*stand-up*), ou, depois de dar as informações em direto, lança uma peça feita por si ou por outro jornalista. Apesar da informação que está a ser dada pelo repórter não ser concomitante ao seu momento de fala, este coincide com o momento em que o telejornal acontece, havendo uma diminuição na distância entre o

facto jornalístico e a sua divulgação pelo telejornal. Por outro lado, o tempo real associa-se a situações nas quais um telejornal regista e exibe um acontecimento que se dá no momento em que está a ser transmitido pela televisão. Aqui, há uma sincronia entre o jornalista e o pivot: uma duração na qual está a acontecer a notícia e, ao mesmo tempo, a acontecer o telejornal. Esta é a grande pretensão do telejornal – "injetar" no discurso uma espécie de duração extraída diretamente do mundo".

> «Colabora para a construção desse efeito de continuidade temporal a inserção do repórter, no ato da enunciação, no mesmo espaço ao qual se refere no conteúdo enunciado (espaço da enunciação = espaço do conteúdo enunciado). A adoção dessa estratégia de construção de uma continuidade espaço-temporal resulta, por fim, em um efeito de maior proximidade entre o conteúdo enunciado e o próprio ato de enunciação por meio do qual se diminui a distância entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal.» (Fechine, 2006, p.3)

2. Autenticidade

As entradas em direto conferem por si só um carácter testemunhal ao acontecimento. Por estar a ver um acontecimento em direto, o espectador é convidado a viver a realidade de muito perto, tendo a sensação que observa a verdade no seu pleno. O facto de durante a transmissão poderem ocorrer vários imprevistos, demonstra que o ambiente não é controlado, sendo o que lhes é apresentado, tido como transparente e claro.

> «Ao acompanhar, ao mesmo tempo, o se fazendo da transmissão e do próprio acontecimento transmitido, o espectador é confrontado com a promessa de que aquilo que ele vê é mais "verdadeiro" ou mais autêntico, justamente por ser menos manipulável a *posteriori*.» (Fechine, 2006, p.4)

3. O efeito de vigilância

Fechine (2006, pp.5-6) dá como exemplo a TV Globo e a importância da presença na informação. É referido o papel eficiente que os helicópteros têm na presença de um acontecimento em determinado local. É através destes meios que o telejornal na TV Globo garante uma presença mais prática e eficiente do que não está previsto no

alinhamento do jornal. Muitas das vezes é o próprio helicóptero que descobre as notícias antes destas chegarem à redação. O papel do jornalista que acompanha as imagens captadas por um helicóptero é, muitas vezes, limitado, isto porque existe uma carência e ausência de informações e dados que seriam mais fáceis de obter no terreno. A maior parte das vezes, o helicóptero não mostra nada de excecional, porque, na hora em que o telejornal vai para "o ar", a probabilidade de um helicóptero captar grandes acontecimentos é baixa. A autora acaba por comparar o papel do helicóptero com o das câmaras de videovigilância instaladas em locais públicos.

4. Estratégias de interação

O alinhamento de um telejornal cria um lugar virtual que só pode ser visto na televisão. Reúnem-se líderes comunitários e de autoridade, políticos, mundiais, diferentes posições, correspondentes em vários locais do mundo, muitas das vezes a discutir um mesmo tema. «Esse "lugar" criado pela transmissão funciona como um fórum, já que a temporalidade comum estabelece uma espécie de co-presença entre todos os sujeitos envolvidos na comunicação. É neste fórum que, cada vez mais, os espectadores são convidados a participar, seja com recurso ao telefone ou à internet.»

Segundo a autora (Fechine, 2006, pp. 6-8), é também exemplo de interação no jornalismo a utilização de janelas (divisão do ecrã em dois ou mais espaços, para a colocação de várias imagens no ecrã em simultâneo). No caso da CNN, a utilização deste recurso gráfico é constante, colocando muitas vezes na emissão, em simultâneo, dois ou mais correspondentes, convidados ou comentadores. Este recurso é também bastante utilizado em telejornais com o objetivo de permitir ao apresentador, de algum modo, "sair" do estúdio numa clara tentativa de diminuir barreiras no "aqui" e "lá".

2.1.2 O Tempo na Informação, o Imediatismo

Cada vez mais importante e definidor do telejornalismo que é feito por todo o mundo, o elemento do imediatismo nos formatos informativos traz uma vertente nova, que levanta alguns problemas. Alguns autores defendem que o noticiário televisivo que dá primeiro a notícia, seja ela qual for, tem primazia face aos restantes. Noutra ótica,

defende-se que é preciso estar desperto para os problemas que esta questão do imediatismo levanta, como a certificação de que a informação transmitida é correta, tendo de haver um trabalho de verificação das fontes que antecede a divulgação.

Sobre o imediatismo informativo, Assumpção (2016) realça como a instantaneidade e a «interatividade colaborativa na construção da informação jornalística», que toma, cada vez mais, formas «gigantescas» e tem repercussões, principalmente no público, que recebe por vezes versões contraditórias (Assumpção, 2016, p.774). Sobre isto mesmo, o jornalista Ricardo Noblat (2002, p.52) defende que caberá exclusivamente ao repórter a tarefa de perseguir a verdade, não permitindo que coexistam versões díspares, mas apenas a possibilidade de existirem narrativas diferentes sobre o mesmo acontecimento, prevalecendo sempre aquilo que é essencial.

O imediatismo presente no conjunto de meios de comunicação que recorrem a meios eletrónicos, defende o mesmo autor, tem um forte impacto naquela que é a qualidade do processo de apuração das notícias, devido precisamente à «velocidade de propagação e publicação» das notícias por parte da imprensa (Assumpção, 2016, p.774). O mesmo autor debate-se sobre o facto de, atualmente, existir uma «ansiedade publicadora de informações que transforma o profissional jornalista em difusor de notícias instantâneas e mal apuradas» (p. 775). Este será um dos motivos pelos quais é cada vez mais frequente, no conteúdo jornalístico, situações em que as notícias, enquanto «primeiras versões», «acabam sendo desfeitas por novas percepções», criando assim, em suma, aquilo que o autor designa «um fluxo informativo cuja principal característica é a falta de conclusões definitivas devido a essa pressa em informar» (Assumpção, 2016, p. 775).

Lewis & Cushion (2009) afirmam que se o imediatismo, atualmente, representa um fator vital da cultura de 24 horas de notícias, as Últimas Horas serão a sua apoteose (p. 304). Os mesmos autores sublinham como o stress competitivo com a constante procura em ser o primeiro a mostrar ao público notícias de Última Hora poderá ter contribuído para alterar um certo regulador daquilo que as histórias importantes o suficiente para interromper o planeamento das notícias. O imediatismo, por sua vez, na ótica de Lewis & Cushion, tende a poder vir a superar fatores como o impacto ou importância da notícia. Os autores apontam para o facto de, de entre os canais de notícias 24 horas, o fator “imediatismo”, contando ou não com imagens ao vivo, fontes bem

apuradas ou não, ter vido a tornar-se, cada vez mais, um importante critério na decisão daquilo que é ou não notícia (pp. 309-310).

Como destaca Assumpção (2016), vivemos atualmente sob «um grau de interatividade impensável» há alguns anos, e assistimos a uma transformação do acesso à informação, bem como da relação entre o público e o jornalista. A tecnologia traz a vantagem de oferecer uma «organização de contactos e informações, tornando ainda mais ágil o trabalho do jornalista». (Assumpção, 2016, p.773-774).

Por sua vez, a entrega de um produto que se descreve, como afirmam Lewis & Cushion (2009), como uma "cultura de *fast news*" não é nova para os jornalistas. Nas redações são tomadas decisões instantâneas contra reclamações de falta de tempo, que lhes são direcionadas, ou mesmo pedidos editoriais para mais espaço (p. 306).

Também Canavilhas (2012) faz alusão ao tempo em televisão, destacando como a «realidade é difícil de representar», uma vez que tendo de fazer «uma seleção de imagens, dá-se desde logo uma limitação no tempo e no espaço» (Canavilhas, 2012, p.5). Lewis & Cushion (2009) defendem que os valores atribuídos às notícias não estão imunes a restrições de tempo ou espaço, a par de existirem ordens competitivas lideradas pelos mercados, com a vontade de ultrapassar os seus rivais e, nas palavras dos autores, uma sede jornalística de ser o "primeiro" (Lewis & Cushion, 2009, p. 306).

Assim, o imediato televisivo habita também na «mudança de comportamento do telespectador», que cada vez mais procura «soluções rápidas para problemas complexos da sociedade». Esta diferença de comportamentos é comparada por Assumpção (2016), que refere que o antigo "leitor-espectador" que não se consternava com o facto de «esperar pela notícia de ontem nos jornais impressos», agora tornara-se um leitor que procura saber o que se passa à sua volta e noutras partes do mundo no instante em que se dão os acontecimentos. (Assumpção, 2016, p.774).

Tal como afirmam Lewis & Cushion (2009) existe, entre os canais que emitem notícias 24 horas, uma mentalidade onde a velocidade é o principal fator, ao contrário de ter mais tempo para explorar as histórias e investir na qualidade do produto final (p. 312). Desta forma, os autores recorrem aos exemplos dos canais Sky News e ITV para ilustrar aquilo que contestam, nomeadamente o facto de quando dispõem de pouca informação

para relatar, acabam por divulgar informações que não são ainda confirmadas e a difundir diferentes ideias da mesma história.

> «In short, the medium of breaking news is the message of breaking news. If audiences do want a constant ticker-tape of breaking stories – and there is little evidence of this – it has more to do with a semiotic display of immediacy than with becoming well informed.» (Lewis & Cushion, 2009, p. 313)

O imediatismo da notícia será motivado pela velocidade na difusão da informação, aspeto este que afasta cada vez mais a «apuração jornalística da pesquisa histórica publicada em livros». A sociedade atual impõe uma «alta velocidade» informativa, surgida com o «advento de novas tecnologias na comunicação social» (Assumpção, 2016, p.774).

Lewis & Cushion (2009) através daquilo que retiram dos seus estudos, indicam que ser o primeiro, na maioria das vezes, significam a habilidade de processar informação com o mínimo de pensamento e discernimento possível (p. 312). Nesse sentido, os autores apontam o facto de as principais barreiras para a transmissão imediata de notícias ser mais por questões de julgamento profissional do que por instinto, apontando assim o tempo que se leva para se decidir se vale a pena relatar uma história ou não, ou se é significativo quanto baste para interromper o noticiário (p. 312).

Lewis & Cushion (2009) chamam ainda à atenção para o facto de a falta de tempo para poder preparar as notícias de última hora levar a que estas, por definição, não sejam tão bem construídas e não se façam servir de uma variedade de fontes. Como sublinham os autores, havendo uma diminuição e um desinvestimento nos recursos jornalísticos, dando lugar a uma priorização das notícias de última hora, haja uma maior pressão sobre o jornalista e a sua capacidade para contar uma história e que a mesma tenha sentido (p. 313).

2.2 O Telespetador: Consumidor *versus* Produtor

Como consta no artigo "Existe interatividade no telejornalismo português", de Carlos Tourinho e Felisbela Lopes (2011), existem três linhas de investigação tradicionais que refletem sobre a interatividade, nomeadamente, a interação usuário-usuário, modelo ao qual a autora McMillan (2002) associa a comunicação humana; a interação entre o usuário e o conteúdo, que a mesma autora (2002) relaciona com a forma de interação entre as pessoas e os media, a interação entre usuário e os sistemas informáticos, ou seja, a interação entre as pessoas e computador ou outro tipo de sistema, informativo ou não, como os videojogos.

2.2.1 Linhas de pesquisa

Explorando melhor esta temática e as diferentes linhas de investigação e raciocínio, a interação usuário-usuário, também designada como uma "comunicação mediada por computador" (CMC) é caracterizada por uma comunicação que, embora assente na comunicação humana, a esta junta-se, como intermediário, a tecnologia. Esta interação está presente nas redes sociais, nos *e-mails*, nos *chats* de diálogo, entre outros. Desta forma, McMillan defende que a possibilidade de existir entre os usuários um discurso igualitário nas duas vias é aquilo que permite a existência deste modelo de interação. Também Hanssen (1996, p.61 in McMillan 2002, p.10) defende que os «papéis tradicionais de emissores e recetores» não são já aplicáveis às novas tecnologias de comunicação, pelo que estas possibilitam que se construam «ambientes virtuais» onde já não se requer a existência destes dois papéis.

A interação usuário-conteúdo é, por sua vez, um modo de interação em que o próprio usuário se relaciona, diretamente, com um meio de comunicação. Neste ponto McMillan (2002, p.14) sublinha, assertivamente, a colaboração por parte do usuário nos conteúdos, pela relação que se constrói entre o usuário e os media, ainda que seja nos media tradicionais. Para além disso, a mesma autora faz referência a um apontamento crítico em destaque nas procuras sobre comunicação de massa e jornalismo interativo. A crítica tem por base, os escassos momentos de oportunidade que os jornalistas propiciam ao público, para que se revele interativo (Newhagen, *et al*., 1996; Schultz, 1999). Neste

sentido, Carlos Tourinho (2011), afirma que esta realidade existe no contexto do telejornalismo em Portugal.

Também D. Gilmor, em 2005, destaca um novo papel para os cidadãos, na medida em que «têm de ser utentes ativos das notícias, não meros consumidores», «exigir melhor», pelo que iremos perder muito se isto não se verificar: «Um cidadão informado não fica à espera de mais do mesmo» (Gilmor, 2005, p. 229).

Por último, a interação humano-computador (HCI), sustem-se na interação que se realiza entre os indivíduos e o sistema informático em si, o computador. Neste processo interativo, o utilizador e o computador estão em comunicação constante, considerando inclusivamente os aspetos emocionais do Homem. Segundo a autora McMillan, a importância de se compreender naquilo em que interação humana enquanto um veículo para melhorar a interação entre o humano e o computador foi uma matéria explorada pelos cientistas da computação da década de 70 do século XX.

2.2.2. Níveis de interatividade

Tendo já sido elaboradas outras teorias a fim de medir o nível de interatividade oferecido pelo emissor, o autor J. F. Jensen definiu este conceito em quatro níveis, que estabelecem em si uma forma crescente. Em primeiro lugar, para a dimensão do espaço da interação, destaca a possibilidade de estabelecer uma comunicação assente em duas faces ou multilateral, permitida, de resto, por todos os media digitais. Em segundo lugar, numa dimensão do tempo, explora a amplitude da sincronização, ou seja, o estabelecer de uma interação que se desenvolva sequencialmente sem interrupções e num modelo de "ação e reação" ou, ao contrário, por exemplo, a falta de sincronicidade do correio eletrónico (Tourinho, 2011). Em terceiro lugar, Jensen remete para dimensão do controlo feito por ambas as partes que interagem – o emissor e o recetor –, uma dimensão que se define pela capacidade de estes trocarem de "posições", a qualquer momento. Desta forma, este nível demonstra a capacidade que o usuário (consumidor) possui para interferir/intervir no produto que recebe, o programa, ou a forma como este é estruturado. Tourinho (2011) explica que esta potência do usuário não é plenamente feita nos media digitais da atualidade.

Em quarto e último lugar, a interação é exercida entre todos os "inter-atores" envolvidos, agindo e reagindo compreendendo por completo os significados e contextos (Tourinho 2011). Tal como refere Jensen, esta é uma dimensão mensal enquanto condição necessária para a interação plena (Jensen, cit. em Van Dijk, 2009).

Por outro lado, Lemos (1997), refletindo sobre o processo evolutivo tecnológico televisivo, estabelece igualmente níveis de interatividade consoante as possibilidades de interação oferecidas por este meio de comunicação nas suas diferentes fases de evolução. Considerando, assim, sete níveis diferentes, começa por atribuir o nível 0 ao período da televisão em preto e branco, e oferecendo apenas um ou dois canais, no segundo caso permitindo maior interação, com a mudança de canal. Neste sentido, existe um nível de interação muito reduzido que passa por ligar e desligar o aparelho, controlar o volume, bem como regular o brilho e/ou o contraste da imagem recebida.

Num nível seguinte, o autor coloca o aparecimento da televisão a cores e o aumento do número de canais ou emissoras. Nesta fase, o telespectador tem já a possibilidade de comandar a mudança de canal, criando autonomia e uma maior liberdade na interação do recetor com o meio de comunicação. No segundo nível, outros equipamentos como leitores de cassetes de vídeo, consolas de jogos, câmaras portáteis, entre outros, juntam-se à televisão, enquanto aparelho, permitindo aos telespectadores um usufruo maior da televisão, tal como o jogo de videojogos ou a gravação de emissões, o que permite assistir aos programas gravados a uma hora e local pretendido e diferente. Em terceiro lugar, o autor remete para um nível de interação em que surgem os primeiros sinais do digital, permitindo nomeadamente a interação do telespectador nas emissões e no seu respetivo conteúdo através de telefonemas, mensagens, fax ou email. Esta interação traduz-se na participação do recetor em, por exemplo, votações, comentários ou participações diretas.

No quarto nível de interatividade, acontece o surgimento da "Televisão Interativa", que possibilita a participação do telespectador «no conteúdo informativo das emissões de qualquer programa, em tempo real» (Tourinho 2011), bem como a interferência no conteúdo que é transmitido. Lemos defende que a televisão digital engloba igualmente as interações com a máquina – mecânico-analógicas – e com o conteúdo – eletrónico-digital.

Em quinto lugar, a interatividade passa a caracterizar-se pela oportunidade que os telespectadores agora têm de participar na programação dos conteúdos, colaborando através de imagens ou vídeos de baixa qualidade. Num nível seguinte, estes vídeos enviados pelo próprio recetor passam a ter uma qualidade maior e semelhante àquela que o canal possui. No sétimo nível existe, por fim, uma interatividade plena entre o telespectador e a televisão, ou o consumidor e o produtor, podendo haver inclusivamente uma confusão dos papéis no processo de criação de conteúdo. No entanto, nestes últimos três níveis são descritas dimensões que se tornam possíveis de acontecer com a existência de uma via de retorno da interação, como por exemplo, o "cabo, o telemóvel, ou o satélite".

Atualmente é cada vez mais comum que seja admitido no alinhamento de um jornal conteúdos produzidos pelos espectadores, normalmente designados "vídeo amador". Os próprios canais de televisão já apelam aos consumidores dos seus conteúdos que estes lhes façam chegar fotografias e ou vídeos de acontecimentos que vão marcando a atualidade. Exemplos disso, são, na maioria, estragos provenientes de fenómenos meteorológicos ou climatéricos. É assim dada ao espectador, cada vez mais, a possibilidade de o mesmo ser, para além de consumidor, um produtor e interveniente nos conteúdos dos formatos de informação. O valor de um vídeo amador, gravado na primeira pessoa, ao ser mostrado quase quando ocorre, dá a sensação de imediatismo e, ao mesmo tempo, detém, por si só, credibilidade, uma vez que o espectador vê com os próprios olhos o mesmo acontecimento, assumindo que não há necessidade de que os factos sejam verificados.

2.3 A presença da informação de Última Hora na televisão portuguesa: o caso do Telejornal

Nos primórdios da televisão em Portugal, se as informações de última hora tinham uma presença escassa nos jornais televisivos, também o recurso às reportagens em direto era raramente utilizado. Através do artigo "A Notícia de Abertura do Telejornal ao longo de 50 anos (1959 – 2009)", de Felisbela Lopes, Manuel Pinto, Madalena Oliveira e Helena Sousa é possível ter uma noção clara de como os alinhamentos do Telejornal se foram alterando com o passar dos anos. A primeira análise de alinhamentos feita pelos autores diz respeito ao período entre 1959 a 1973. Aqui, o telejornal «mais do que uma função

informativa, assumia-se como uma cerimónia que mostrava, sobretudo, o poder em cena». A própria designação de "última hora" deixava de fazer sentido quando dizia respeito a notícias consideradas negativas para o governo, uma vez que "as más notícias eram dadas quando já haviam decorrido alguns dias sobre o que se reportava ou quando a desordem estava normalizada". (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, pp. 107-108). Veja-se o exemplo dado por Vasco Hogan Teves, 2007:

> «Uma outra Ordem de Serviço (2.7.1959), onde se podiam ler coisas tão surpreendentes como esta, "os redatores são obrigados a ler diariamente dois jornais da manhã e da tarde" (…) considerava que, depois de se iniciar a leitura do noticiário, não podiam ser entregues quaisquer notícias, "salvo casos especiais autorizados superiormente e em condições a fixar para notícias de última hora". Nunca essas condições foram estipuladas, mas, ainda que o fossem, tal significaria, na prática, e conhecendo-se as teias burocráticas existentes, que a notícia chegaria ao locutor com o Telejornal terminado. Para comunicar à mesa de locução noticiário de última hora, instalara-se na secretária do chefe da Redação um telefone direto, que raras vezes se utilizou (por via das tais burocracias) e que foi mesmo impedido de funcionar a partir do momento em que o chefe da Redação decidiu comunicar para o estúdio uma notícia acabada de chegar (mas que se aguardava com alguma expectativa) sobre a promoção de três ou quatro militares a oficiais-generais. Foi superiormente entendido que a notícia carecia de interesse, poderia ser lida nos jornais do dia seguinte e que o simples toque da campainha na mesa do locutor era suscetível de provocar expectativa alarmista nos espectadores. Foi isto, mais ou menos, que se evocou. Faltou coragem para dizer que a verdadeira razão era estar entre os novos oficiais-generais uma personalidade, provavelmente, não grata... E, a partir de então, o telefone da mesa dos locutores passou a ser um adereço que nem sequer dava dinheiro.» (Teves, 2007)

No período de 1959 a 1973 a tecnologia ainda não permitia a entrada em direto de repórteres no exterior. Por isso, a maioria das notícias eram dadas em formato de texto-pivot (70,3%), as peças totalizam uma percentagem de 21,8%, de carácter editorial (4,6%), de comentário (2,9%), de entrevista (0,2%) ou em rubricas (0,2%). Nestes 13

anos, e ao longo do Estado Novo, «não se nota uma grande valorização do valor-notícia "atualidade" enquanto sinónimo de algo que acaba de acontecer» (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 111). Apesar de pouco mais de metade dos alinhamentos analisados reportarem ocorrências diárias, a maioria dos acontecimentos eram, de certo modo, esperados, estando alguns até planeados antecipadamente. Segundo os autores, havia nesta altura dois modos de fazer jornalismo: o estrangeiro, mais substantivo, sucinto e ágil, e que estabelecia períodos curtos perante o que acontecia, e inclusive perante a respetiva mediatização; o nacional, encarado como difuso e mais descontraído em termos de pressões. O setor público televisivo estava, aos poucos, a ingressar numa nova realidade - o jornalismo televisivo, que se debatia com uma série de limitações, tais como, questões técnicas. Os autores dão um exemplo que mostra bem a omissão de notas em termos temporais, lidando com o "quando?", enquanto uma pergunta de pouco valor:

> «se a abertura do ano letivo da Universidade de Lisboa é notícia no próprio dia em que ocorre, a mesma cerimónia nas academias do Porto ou de Coimbra apenas tem essa possibilidade no dia seguinte, porque não há meios que encurtem distâncias.» (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 111)

O segundo período analisado pelos autores diz respeito aos anos de 1974-1976: "a conquista da liberdade". Continua a verificar-se uma vinculação muito forte, em relação aos acontecimentos colocados em agenda, pois a tecnologia ainda não permite dar resposta às notícias de última hora. Para os autores, «tendo meios limitados para cobrir acontecimentos de última hora, a televisão teria dificuldade em reportar acontecimentos de algum modo inesperados» (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 115). A maioria do telejornal continua a ser feita com recurso aos textos do pivot, por vezes, impostos sobre as imagens com o intuito de clarificar ao que o texto se referia. Neste período, apenas 8% das notícias de abertura do telejornal conseguiram antecipar o acontecimento, 69% das notícias foram do próprio dia (agenda) e 13% de acontecimentos do dia anterior e/ou da última semana. Denota-se uma evolução relativamente ao período anterior, que ficou marcado especialmente pela incapacidade de informar sobre a atualidade do dia.

Os autores analisam depois o período entre 1977 e 1991, que apelidam de "o caminho da democracia". Nesta época aumenta a possibilidade de o noticiário manter um elo de ligação com o surgimento de imprevistos. Apesar da previsibilidade na agenda continuar a ser elevada, o seu valor enquanto notícia, regista um decréscimo de 10% [de 69% para 59%] em comparação aos acontecimentos inesperados. (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 117).

Apesar da tecnologia ainda limitar o recurso aos diretos, verificando-se em apenas catorze das 393 notícias analisadas para informações de cariz nacional, já começa a permitir a realização de peças de informação, enquanto independentes, de forma cada vez mais recorrente. "O jornalista apresentador sentir-se-á dispensado de prestar todas as coordenadas de situação do acontecimento, remetendo esses esclarecimentos para o interior das peças" (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 118). O último intervalo de tempo analisado diz respeito ao período entre 1991 e 2009 a que os autores resumem como «a urgência de noticiar a última coisa que acontece […]

> A velocidade é um dos principais traços distintivos do Telejornal entre 1992 e 2009.» (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 119).

Para os autores, o início dos anos 90 mudou a forma de fazer informação na televisão portuguesa, motivada por um conjunto de causas: "Porque há […] produtos concorrentes nos canais privados. Porque os meios tecnológicos permitem cruzar lugares longínquos e encurtar intervalos de tempo entre o acontecimento e a respetiva mediatização. Porque as fontes de informação, que podem e costumam ser notícia, estão profissionalizadas nos ritmos cronometrados do trabalho jornalístico. Porque a redação da RTP soma mais de três décadas de experiência e, nesse tempo, foi adquirindo uma centralidade informativa, acentuada pelo surgimento da TV privada" (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 119). O espaço temporal que existe entre o acontecimento e a difusão, revela-se mais reduzido. O noticiário que é transmitido às 20h00, na estação generalista pública, demonstra os casos que ocorreram no dia. O que se repercute, principalmente, na abertura com dados que veem refletir um lado mais imprevisível, passando de cerca de 30% para 45%.

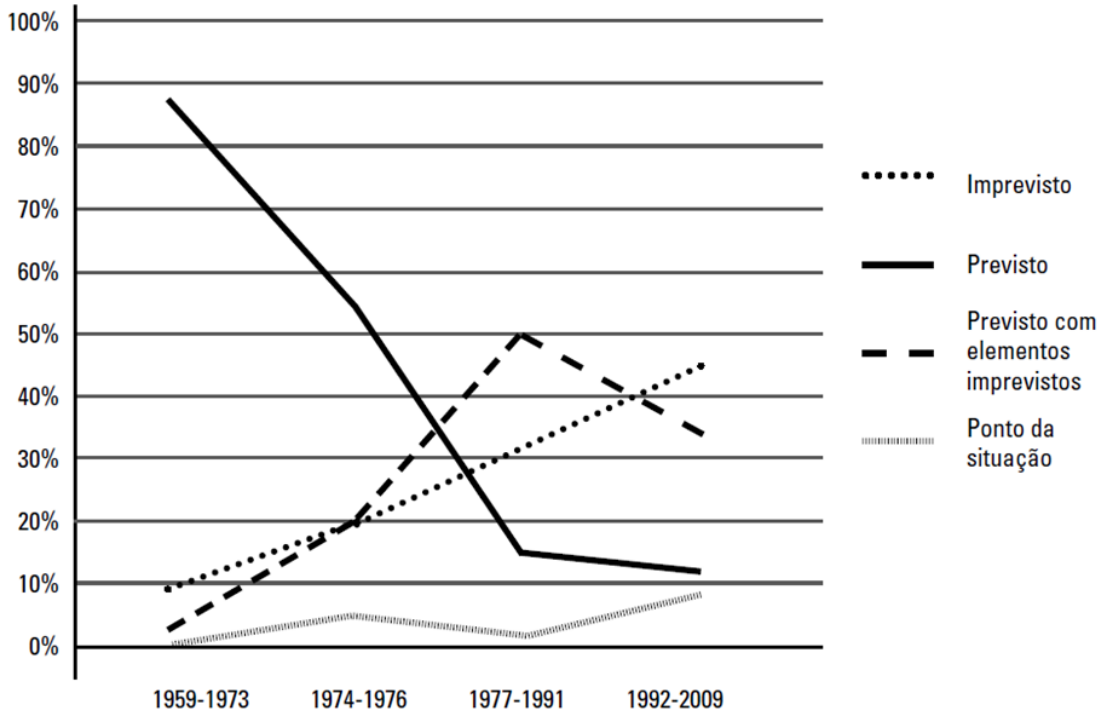

Figura 1: Grau de (im)previsibilidade dos acontecimentos em notícia entre 1959 e 2009 (valores percentuais) (F. Lopes, M. Pinto, M. Oliveira e H. Sousa, 2009, p. 123)

Mais recentemente, a temática dos diretos televisivos tem sido estudada no meio académico, com o intuito de compreender a sua importância e presença no jornalismo televisivo. Ana Silva (2018), por exemplo, opta por debater sobre o papel desempenhado pelos diretos nos noticiários televisivos em Portugal.

Assim propõe-se a analisar os telejornais dos três canais generalistas em sinal aberto: RTP1, SIC e TVI. Silva conclui que atualmente «o papel dos diretos nos noticiários televisivos portugueses é sobretudo mostrar ao telespetador que o meio de comunicação está representado no local do acontecimento e que pode transmitir a informação a qualquer momento» (p. 65), e mesmo quando o acontecimento já terminou, opta-se igualmente por fazer um direto, para mostrar ao espectador que a estação marcou presença no local. A autora faz também notar que, no contexto da ampla difusão das redes sociais, a informação imediata torna cada vez mais válido o recurso a diretos. No entanto, destaca também que «é essencial que os diretos sirvam para informar e não apenas para

os meios de comunicação se autopromoverem e mostrarem que estão no local, pois nem todos os diretos emitidos têm valor informativo» (Silva, 2018, p. 66).

Sendo o direto televisivo um recurso de baixo custo, o que tem levado a uma «banalização do direto», segundo a autora, são atualmente fáceis de concretizar e não requerem muitos meios técnicos. Por outro lado, a autora ressalva ainda que a concorrência de audiências leva também a um aumento do recurso a diretos por parte das estações televisivas, uma vez que «transmitir um acontecimento em tempo real pode originar um aumento de audiências» (Silva, 2018, p.66).

Capítulo III: Impacto da Pandemia da Covid-19 no Jornalismo

3.1 O Jornalismo de Saúde

A comunicação em saúde que, como sublinha Ana Margarido de Azevedo (2012, p.187) é uma das expressões possíveis traduzidas do termo *Health Communication* (ao lado de "comunicação da saúde" e "comunicação na saúde"), pode ser desenvolvida em várias dinâmicas, tais como a nível «interpessoal, organizacional, comunitário e nos *mass media*» (Azevedo, p. 187).

Ora, numa comunhão entre a sociedade e a ciência, o jornalismo de saúde tem procurado trazer uma abordagem especializada e sóbria, marcada pela estreita relação entre o jornalista e a classe médica, mas também biólogos, farmacologistas ou epidemiologistas. Ao mesmo tempo, uma outra componente desta abordagem jornalística passa pelo trabalho do jornalista em procurar ser um "descodificador de vocabulário, conceitos e discursos técnicos" (Vasconcelos, 2005, p. 248).

Tal como destaca Azevedo (2012), os profissionais de saúde, tal como psicólogos e médicos, começam cada vez mais a desempenhar um papel de «divulgação e promoção dos temas relacionados com essa área no campo da comunicação social». Isto verifica-se desde a escrita de colunas com um enfoque direcionado para a saúde à fundamentação teórica em programas televisivos sobre «medicina, saúde e comportamento» (Azevedo, 2012, p.186).

No entanto, a autora recorda que esta não é uma prática recente, uma vez que, remontando à década de 50 do século XX, aqueles que desempenham a função de "correspondentes de saúde" eram precisamente os médicos-jornalistas. Neste contexto, note-se ainda que, noutra dinâmica editorial, na mesma década, regista-se o exemplo de uma médica francesa que, no jornal *Le Monde*¸ se dedicava a escrever semanalmente uma coluna dedicada à saúde. Esta prática leva a mesma médica a abordar temas de interesse quer para a sociedade civil quer para os seus colegas de profissão, levando a que, mais tarde, já na década de 70, se desenvolvesse «a figura do doutor-jornalista». (Azevedo, 2012, p.186).

Enquanto matéria de estudo, a comunicação na saúde terá dado os seus primeiros avanços durante a década de 1970 nos Estados Unidos e mais tarde nos territórios anglo-

saxónicos (Lopes, *et. al.*, 2013, p. 29). Mais tarde, o campo da comunicação em saúde, assistiu a uma «época áurea» durante anos 80, inserida em dimensões entre a política, o sociocultural e o campo científico. Destaca-se, assim, por exemplo, o aumento do cuidado e preocupação com o corpo e a aparência física, o crescimento de casos de sida e do consumo de drogas, ou a criação da revista *Health Communication*, que permitia «reunir de forma sistemática pesquisas na área da comunicação em saúde». Na política, a reunião que culmina com a "Carta de Otava", traduzindo-se no delinear de «estratégias comuns entre os diversos países com o objetivo de melhorar a saúde mundial» (Azevedo, 2012, p.190).

Sintomático dos progressos e novas abordagens técnicas que o Jornalismo tem testemunhado, a saúde, enquanto objeto do jornalismo, entra neste campo e requer ao jornalista uma constante atualização de conhecimentos, bem como uma formação direcionada para um foco diferente. Esta abordagem jornalística, atualmente, tem vindo a desenvolver-se e a autonomizar-se, desprendendo-se assim das dimensões política, económica e social, para criar ela própria uma «agenda de saúde». (Vasconcelos, 2005, p. 247).

Pela constante atualização de dados na área da saúde, o jornalista dedicado a este campo será quem melhor saberá comunicar e selecionar – tratar a informação – e transmitir da melhor forma possível ao público. No entanto, sendo uma abordagem ainda em desenvolvimento, existem alguns conflitos entre, por um lado, os que se dedicam à ciência, como «clínicos e investigadores, técnicos e académicos», por outro, os próprios jornalistas. Se estes se queixam de alguma incapacidade por parte dos especialistas para explicar o seu trabalho ou a falta de cooperação no sentido de comunicar resultados de investigação, aqueles criticam os jornalistas de uma comunicação marcada por uma «alarmismo, sensacionalismo, especulação, superficialidade e ignorância grosseira sobre aspetos elementares das ciências médicas» (Vasconcelos, 2005, p. 248).

Além disso, a autora faz ainda notar que uma interdisciplinaridade entre a área da comunicação e a área da saúde tem vindo a ser encarada cada vez mais como «necessária para melhorar a saúde pública e individual». A comunicação em saúde permite, além disso, fazer uma correspondência a dimensões que se complementam, bem como «a literacia da saúde, a educação para a saúde», ou mesmo a comunicação de risco e de crises (Azevedo, 2012, pp.187-188).

Schiavo defende que a comunicação em saúde – conceito este que tem vindo a ser discutido e que sobre o qual se começa então a testemunhar algum consenso – passa por uma «abordagem multifacetada e multidisciplinar», tomando como objetivo o de influenciar e apoiar as várias audiências que consegue alcançar, nomeadamente individuais, comunidades, profissionais de saúde, legisladores e o público em geral, procurando introduzir estas audiências ao respetivo assunto, adotar um determinado comportamento, prática, ou até uma política, que consequentemente permita melhorar resultados de saúde (Schiavo, 2007, citada em Azevedo, 2012, 188).

Lopes, *et. al.* (2013), a par de definirem este campo jornalístico como «um conjunto de processos e mensagens à volta de temas de saúde» (2013, p. 29), dão também destaque para a forte vertente multidisciplinar, bem como para o de ser um campo da comunicação no qual existe uma «área de estudos muito alargada, direcionada para diferentes níveis», vinculada para canais de comunicação que se inserem em diferentes contextos sociais. A par destas questões, destacam também que é notória uma «maior diversidade de perspetivas aplicadas a esses estudos» (Lopes, *et. al.*, 2013, p. 29).

Por outro lado, Azevedo (2012) destaca também que o jornalismo de saúde e a sua cobertura têm, sistematicamente, «resvalado» para «o sensacionalismo, a banalização, a parcialidade e a imperícia dos temas cobertos». A par destas questões, levantam-se ainda problemas como reduzido foco que é atribuído às mesmas coberturas, uma vez que, como é explicado através do trabalho de Shuchman & Wilkes (1997), havendo uma grande diversidade de temas a explorar, dificulta o desenvolvimento de outros. Denuncia-se também a má explicação da informação, uma vez que esta não é transmitida detalhadamente com receio que o jornalista não a compreenda, e, por último, uma cobertura reduzida de temas que, embora importantes, não «entram na pauta das redações» (Azevedo, 2012, p.190).

Colocando o enfoque no consumidor, aquele que recebe os conteúdos deste campo jornalístico, Lopes, *et. al.* (2013), destaca como este «pode ser influenciado no processo de tomada de decisão relativamente à sua própria saúde», sendo, por isso, necessário que o trabalho dos jornalistas se rege em construir «uma informação equilibrada e rigorosa» (Lopes, *et. al.*, 2013, p. 28).

Ao mesmo tempo, Azevedo (2012) revela que, atualmente, o jornalismo de saúde influencia a permanência na «agenda pública temas relacionados com a saúde pública e individual», levando também a que alerte para determinados comportamentos e tipos de risco, ou até para «reforçar processos de mudança». É, assim, através do agendamento, que o jornalismo, como demarca a autora, «cumpre a importante tarefa de manter os temas das campanhas de saúde visíveis» (Azevedo, 2012, p.189).

Também Corbett e Mori (1999) são defensores de que o jornalismo de saúde se pauta por ser um jornalismo diferente quer do jornalismo generalista como daquele designado "beat reporting", ou seja, um jornalismo que incide num determinado, focalizando-se. (*in* Tanner, 2004, p. 352) / (*in* Lopes, *et. al.*, 2013, p. 30).

Recentemente, nas palavras de Lopes, *et. al.* (2013), o campo da saúde tem sido alvo de uma mediatização que se justifica por diferentes motivos, tais como um crescente interesse do público, um aumento da disponibilidade dos "atores" deste campo da saúde no sentido de responder aos pedidos e questões dos jornalistas, com o intuito de «promover o respetivo trabalho», assim como uma maior disponibilidade e abertura por parte dos jornalistas aos temas que à saúde dizem respeito. A par destas questões, as mesmas autoras destacam ainda um «reforço das atividades de marketing e comunicação estratégica das instituições ligadas à saúde» (Lopes, *et. al.*, 2013, p. 29).

Nas palavras de Ana Margarido de Azevedo, «o jornalismo tem desempenhado um papel coadjuvante enquanto campo estratégico para influenciar comportamentos e atitudes individuais e coletivas» (Azevedo, 2012, p.188).

> "Mais do que ser o primeiro, é importante estar certo. Os jornalistas podem não precisar de competências especiais para cobrir notícias de saúde, mas precisam de uma grande dose de avaliação especial na altura de tomar decisões."
>
> (Schwitzer, 1992 *in* Lopes, *et. al.*, 2013, p. 30)

3.2 A Pandemia de Covid-19

A pandemia de Covid-19 tem impacto mundial no dia 11 de março de 2020, data em que foi decretado pelo diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) o estado pandémico, devido à «disseminação mundial de uma nova doença». Nesta altura, segundo o jornal *Expresso*, mais de 122 mil pessoas, de 121 países, tinham sido diagnosticadas com o novo Coronavírus, havendo mais de 66 mil pessoas já curadas desta doença respiratória. Sublinhamos também o facto de que o diretor-geral, na ocasião deste anúncio, afirma que o termo *pandemia* «is not a word to use lightly or carelessly. It is a word that, if misused, can cause unreasonable fear, or unjustified acceptance that the fight is over, leading to unnecessary suffering and death».

Em Portugal, entre o Governo e a Direção-Geral de Saúde (DGS), começaram a tomar-se também algumas medidas de prevenção da doença. Em fevereiro, a partir do dia 4, surgiram no país os primeiros casos suspeitos de contágio. Aproximadamente um mês depois, a 2 de março de 2020 foram confirmados os primeiros casos de Covid-19 em Portugal e, a partir de então, como veremos no Capítulo seguinte, assistimos a uma intensificação da cobertura informativa sobre o estado da doença em Portugal. Por sua vez, após no dia 12 ser decretado pelo Primeiro-Ministro o encerramento do ensino público e privado, bem como as atividades desportivas, no dia 18 de março procede-se à Declaração do Estado de Emergência, quando se registava já a primeira morte devido à Covid-19.

A par do contexto político, económico e social que se alterou devido à pandemia da Covid-19, analisando os dados que dispomos atualmente, evidencia-se, uma expansão «geográfica/económica» (Cunha, Cabrera & Martins, 2021) da pandemia, mais acentuada numa geografia correspondente a uma globalização neoliberal, onde se pauta a «desigualdade de acessos a habitação, educação, mobilidade, saúde e proteção social», elementos condicionadores que surgem assim como estando «na génese do padrão de transmissão COVID-19». Assim, a pandemia do novo Coronavírus veio evidenciar as fragilidades da globalização, expondo a dependência de vários países a um único fornecedor de materiais médicos, expondo as desigualdades entre países, entre populações e, ainda, a desigualdade de acessos (saúde, educação, proteção social, entre outros) (p.9).

Por conseguinte, tal como destacam Cunha, Martins & Cabrera (2021b), a comunicação sobre a pandemia tornou-se sistematicamente uma preocupação das instituições internacionais e nacionais, procurando fornecer informação adequada aos atores políticos com o principal intuito de promover a implementação de medidas sanitárias de contenção deste vírus do foro respiratório. Assim, as autoras sublinham como os meios de comunicação assumiram um papel relevante enquanto mediadores entre os diferentes atores sociais, algo que é possível de constatar através de um conjunto de estratégias levadas a cabo pelos mesmos, tais como: i) o recolher e processar informação sobre a pandemia; ii) o desenvolvimento, por parte de organizações de saúde, de estratégias de comunicação; iii) a comunicação governamental; iv) informações internas e externas de organizações; v) informações fornecidas aos meios de comunicação e jornalistas; entre outros.

3.3 A importância da Informação

Neste período, o combate à desinformação e à transmissão de notícias falsas tornou-se uma preocupação fundamental, principalmente por parte das organizações supranacionais, tal como a UNESCO que, no ano de 2020, fala de uma «desinfopandemia» no documento designado *Journalism, Press Freedom and Covid-19*, que devia ser combatida pelos órgãos de comunicação, fossem eles *media mainstream* ou mesmo *media* independentes. Fazendo alusão a uma frase deixada neste documento – «Now is not the time to mask truth.» – compreendemos como esta era realmente uma preocupação destas entidades, remetida também para as empresas tecnológicas, pelo que deviam ser «reguladas e mais transparentes nas ferramentas que utilizam» (Cunha, Cabrera & Martins, 2021, p.11). Por outro lado, a informação, inserida neste contexto pandémico, acabou por se revelar um aliado no combate à pandemia. Tal como o defende o historiador e filósofo Yuval Harai (2020, p.7), o acesso à informação diversificada, assim como o respeito e confiança no conhecimento científico, contribuíram para uma maior e melhor proteção dos cidadãos face à pandemia (e tudo o que ela envolvera).

Tanto o combate à desinformação como o apelo a uma comunicação rigorosa são aspetos promovidos por instituições internacionais, tais como a OMS e a UNESCO. Como revelam Cunha, Martins & Cabrera (2021b), a Organização Mundial de Saúde, além de reunir esforços para recolher e processar os dados referentes à pandemia,

disponibilizando toda a informação disponível no seu *website*, empenhou-se em fornecer as informações mais recentes através de boletins, especialmente para os profissionais do jornalismo. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por sua vez, optou por dedicar-se também ao apoio na resposta à covid-19 por parte dos países e respetivos governos, bem como contribuir para o combate à desinformação. A estas instituições supra e internacionais vem também juntar-se, por exemplo, o FMI, direcionando-se, desta vez para as alterações económicas e sociais devido à pandemia, tal como o fez a União Europeia, ao acionar um dispositivo de comunicação com o intuito de combater a pandemia e apoiar os estados-membros (p. 37).

Cunha, Cabrera & Martins (2021) chamam à atenção para o facto de esta «mudança de paradigma na informação», impulsionada pela pandemia do novo Coronavírus, fazer traduzir a *crise do jornalismo* num «descritor de desordem institucional global, com efeitos nas instituições das sociedades demográficas, no crescimento dos populismos e dos autoritarismos». Assim, as autoras apontam uma ideia fundamental, que passa por conceber o facto de que «a pandemia veio dar um novo alento aos *media mainstream* ao criar uma disrupção no sistema mediático» (p. 13).

O estudo de Magalhães, *et. al.* (2020), levado a cabo logo em abril, vem ajudar analisar o impacto social da pandemia. Um dos pontos em destacados faz referência às fontes de informação e conclui que os entrevistados – que, no entanto, não representam toda a população portuguesa – na grande maioria tem confiança na informação que é transmitida quer pela televisão quer pela imprensa. É preciso, contudo, excluir deste grupo os jovens, bem como os inquiridos que detenham menor nível de instrução, uma vez que estes tendem a confiar menos nestas fontes noticiosas, depositando maior confiança nas informações provenientes das redes sociais, no seio familiar, ou nos discursos de pares (p 14). Este estudo ajuda-nos a compreender como a informação que é difundida, procurando ser precisa e rigorosa, ainda que procurada, não é recebida da mesma forma pelos diferentes grupos sociais.

Já no estudo desenvolvido por Reis, Sierra & Vences (2021), no qual se propuseram a analisar as notícias mais consumidas e as suas características, os autores constatam que, quase exclusivamente, as «manchetes da crise da pandemia gravitaram […] acerca de assuntos de saúde» (cerca de 87,8%), o que configura «uma agenda mediática minimalista, centrada nos aspetos sanitários da pandemia e não procedendo a leituras complementares do fenómeno», dando pouco espaço para temáticas variadas

como *Meio Ambiente* (3.3%) ou *Educação* (1.1%). Concluem ainda que «o ator coletivo que mais despertou o interesse dos meios de comunicação digitais», foi a *Sociedade Civil* (52.2%), recebendo o maior protagonismo, acompanhada pela questão *Sanitária* (25.6%) e temáticas do foro *Institucional/Oficial* (15.6%). À parte destas questões, podemos ainda sublinhar que, segundo o tratamento de dados feito pelos mesmos autores, regista-se um «enfoque da crise fundamentalmente no nível nacional (regional e local)», em mais de metade (51.1%), para em seguida, «de forma muito limitada», narrar aquilo que acontecia no mundo em geral (24.4%), União Europeia (17.8%), Ásia e Estados Unidos.

3.4 O papel da Televisão: o aumento do consumo

No contexto pandémico, a televisão retomou uma posição de destaque por todo o mundo, por ser, novamente, uma "janela" para a atualização informativa, que procurava ser fidedigna, de qualidade e que permitisse divulgar informação sobre esta nova variante do Coronavírus. Tendo conseguido, em suma, reunir vários agregados familiares ao seu redor, era na televisão que se assistia às conferências de imprensa, atualizações médicas, aumento ou diminuição de número de infetados e mortes, ou mesmo dado a conhecer medidas do foro político, económico e social. Assim, para retomar a ideia de Wolton (1994), as televisões retomam a função de *elo social* (*in* Cunha, Cabrera & Martins, 2021, p. 11), abrindo-se então à informação do momento, em *tempo real*, e «preenchendo *slots* de *prime-time* com a temática da pandemia». A par disto, como destacam as autoras, a versatilidade e capacidade da televisão em conseguir «mostrar, incluir e partilhar notícias das redes sociais» impeliu a um aumento da atenção dada pelo público, que se encontrava confinado, a este meio de comunicação (p.14).

Por sua vez, Reis, Sierra & Vences (2021) vincam igualmente que chegou a registar-se, neste período, «um aumento considerável do consumo de informação nos suportes digitais». A par disso, através do jornal *Expresso*, compreenderam como o comportamento via *online* dos portugueses durante o confinamento se dividira em torno de três eixos importantes: i) ao nível de preocupações como vacinas ou seguros de vida; ii) no âmbito de uma gestão doméstica, isto é, ao nível da educação, segurança, etc.; iii) na procura por entretenimento, tomando como exemplo filmes, poker *online* ou experiências de realidade aumentada (pp. 53-54).

Segundo relatam Cunha, Cabrera & Martins (2021), quando se dá o «eclodir da doença», assiste-se a um aumento do consumo de televisão, nomeadamente em 23% no primeiro mês de confinamento e em 33% no segundo (p. 14), confirmando-se o aumento da procura, por parte do público, por informação fidedigna e verdadeira, bem como a procura por uma constante atualização face ao estádio do conhecimento sobre a pandemia. Também para responder a esta procura de informação, lembram as autoras, no início do confinamento, em março de 2020, e posteriormente com a declaração do Estado de Emergência, «a informação adquire grande destaque nas televisões generalistas» (p. 15). Para corroborar esta afirmação através dos dados, as autoras recorreram ao jornal *Público*, que logo a 17 de março de 2020 noticiou este aumento relativo ao mês de março. Assim, a partir do dia 13, quando Portugal entrou em Estado de Alerta pela primeira vez, «mais 623 mil pessoas viram televisão do que habitualmente» (Público 17/03/2020, cit. por Cunha, *et al.*, 2021, p. 15). Durante o mês de março, a RTP1, SIC e TVI emitiram, aproximadamente 264 horas de informação regular, somando um total de 6582 notícias, condicionando a programação habitual. Desta forma, estes números perfazem um aumento de 21,5% em informação, comparando com o mês anterior. No mesmo estudo, as autoras debruçam-se também sobre o aumento das horas de informação nos meses de abril e maio, referente aos três canais, totalizando-se «mais de 286 horas de informação regular, mais 8,5% do que no mês anterior» em relação ao mês de abril. No mês de maio foram transmitidas acima de 290 horas de informação regular, por conseguinte mais 1.5% que no mês anterior (Cunha, Cabrera & Martins, 2021, pp. 15-16).

Em Portugal, o acordo estabelecido entre os canais generalistas de televisão – RTP, SIC, TVI e CMTV – e a DGS revela uma «cooperação com as entidades públicas […] [bem como] uma orientação editorial da informação» (Cunha, Cabrera & Martins, 2021, p. 11). Além disso, a par de outras «estratégias anteriores subjacentes ao *infotainment*», assistimos, com este emergir da atenção dada novamente à televisão, a um «desenvolvimento de cenários temáticos nos estúdios, as infografias, as reportagens nos hospitais em ambiente de cuidados intensivos ou, ainda, o papel dos pivôs – ainda que com protagonismo reforçado» servem de exemplo para ilustrar a «a linha de continuidade seguida pelas televisões» (p. 14).

Neste sentido do crescimento da produção informativa, também a OberCom, num estudo publicado em abril 2020, dá conta de que o histórico pico de audiências se concentra na informação, deixando para trás o entretenimento, «género-âncora

fundamental para as marcas portuguesas», que terá ficado parado ao nível da produção (OberCom, 2020, p. 5). Paralelamente, o mesmo estudo faz notar que a atenção dos portugueses se focou na televisão, com o fim de obter informação sobre a Covid-19, e internet, com os intuitos de trabalho, serviços ou estudo (p. 15).

Reis, Sierra & Vences (2021) apontam ainda para o facto de se ter registado que se por um lado se regista «uma crescente tendência para o consumo informativo» em formato digital, há, por outro lado, «uma queda no consumo de notícias nos meios *offline*» (p. 55). Os autores defendem a realidade de uma «coexistência e complementaridade entre a imprensa tradicional e a digital», na qual o papel das redes sociais são o de facilitar o acesso a conteúdos informativos (p. 56).

A alteração da metodologia de trabalho

Como denotam Cunha, Cabrera & Martins (2021), a pandemia levou a que se modificassem métodos de trabalho, rotinas e procedimentos nas redações, contribuindo para que as «estratégias de bastidores na recolha de informação», desde a verificação de fontes nas redes sociais, a utilização de «videochamadas para contactar fontes ou obter testemunhos», ou ainda a utilização de imagens provenientes de agências, uma vez que não era possível sair em reportagem, passassem a ser frequentes e a estar no «*frontoffice* da produção noticiosa» (p. 14). Assim, percebemos que começa a desenvolver-se um novo modelo na produção jornalística na televisão, pelo que estas «restrições à mobilidades impostas pela pandemia» trazem aquilo que se designa como um "jornalismo confinado", que recorre em massa às tecnologias digitais, a partir de casa, desenvolvendo novos formados – ou formatos híbridos – tais como videochamadas em estúdio, aumento da presença de comentadores especialistas nas temáticas abordadas, acompanhando o pivô, ou ainda o impulso dado ao design gráfico, como por exemplo em *videowall*, para melhor ilustrar dados novos, tais como, essencialmente, os relatórios diários emitidos pela Direção-Geral da Saúde.

Do ponto de vista do jornalista, enquanto grupo profissional, como destacam Cunha, Cabrera & Martins (2021), viu cresceu a pressão que lhes era imposta, «ameaçados por um público que é, também, produtor de informação» que sabe trabalhar com as tecnologias digitais e, além disso, dispõe de redes sociais sem se sentir pressionado pelos «constrangimentos de uma ética profissional» (p. 13).

A partir da ótica do jornalista e do jornalismo, Camponez *et al.* (2020) no relatório do estudo *Os efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no contexto da pandemia Covid-19* identifica quais as principais alterações ocorridas durante as seis semanas em que decorreu o Estado de Emergência, tendo como objetivo analisar as alterações na prática jornalística e noticiosa, enquanto a informação sobre a Covid-19 e a pandemia ganhavam cada vez mais destaque. Podemos, a partir do mesmo, destacar, por exemplo, o facto de que: i) as redações foram substituídas pelo próprio domicílio dos jornalistas em cerca de 66,7% no total dos casos analisados, apesar de a televisão e rádio terem sido os meios de comunicação que mais recorreram ao trabalho presencial (e não teletrabalho); ii) a pandemia diminuiu a agenda jornalística, ocupando o trabalho de 68% destes profissionais; iii) maior recurso às vias de comunicação como o correio eletrónico e telefone, mas também uma forte utilização de novos meios, plataformas de reunião, de forma síncrona, o que também implicou a aquisição de material; iv) limitações físicas, destacando-se o exemplo das conferências de imprensa, que impulsionaram a que – algo inédito – o mesmo jornalista pudesse representar múltiplos meios de comunicação; v) diminuição no número de reportagens; vi) crescimento da precarização da profissão (Camponez *et al.*, 2020; Cunha, Cabrera & Martins, 2021).

O relatório de Camponez *et al.* (2020) faz também refletir a preocupação dos jornalistas inquiridos sobre «problemas éticos e deontológicos na cobertura jornalística» durante este período de Estado de Emergência, nomeadamente ao nível da qualidade informativa, do rigor, da independência ou das fontes de informação, mas também sobre a privacidade dos cidadãos, como a «identificação de protagonistas nas notícias» (Cunha, Cabrera & Martins, 2021, p. 17).

Longe das redações, ainda mais perto do Jornalismo foi o nome dado à análise levada a cabo por Verdade (2020) para a revista *Jornalismo e Jornalistas*. Aqui, a autora constata, com recurso a entrevistas a profissionais da informação, três questões importantes que se alteraram: a metodologia de trabalho, o "jornalismo monotemático" emergente neste período e, por último, o aumento da prática de *fact-checking*. Verdade sustenta-se nas afirmações dos jornalistas para fazer mostrar como foi necessário «aprender a trabalhar de uma forma completamente diferente daquela que» estavam habituados, como afirma Mário Carneiro, diretor de informação da Sapo. Por sua vez, aborda também como a agenda jornalística foi condicionada pela pandemia, sendo que a ação de «ligar a televisão, abrir um site de notícias, ouvir a rádio, não fazia diferença,

tudo ia dar ao mesmo assunto: Covid-19». A sobrecarga de trabalho, que na ótica dos jornalistas «parece ter duplicado», passando a abordar temáticas como questões de saúde, o impacto do confinamento ou as implicações da pandemia causada pelo vírus do SARS-CoV-2, esteve concatenado com o «aumento da procura de informação por parte dos cidadãos». Neste sentido, verificou-se também um maior acesso a *fake news*, e à difusão de desinformação sobre a pandemia e a doença. Tal como cita a autora, segundo João Francisco, jornalista do *Observador*, «é neste momento que temos de nos chegar à frente e contribuir para que a desinformação não se traduza num problema de saúde pública».

Capítulo IV: A Covid-19 – O processamento da informação de Última Hora em tempo real nos jornais televisivos: estudo de caso - Jornal da Tarde, RTP1

Como vimos anteriormente, a agenda mediática será alterada, predominando entre as diferentes temáticas uma total cobertura à Covid-19 e ao desenvolvimento da pandemia pelo mundo, fazendo notar os impactos que esta estava a ter nos diferentes países. Neste contexto, os telejornais nacionais farão esforços para conseguir acompanhar a atualidade e as novas informações que surgiam consecutivamente.

No sentido de perceber as transformações ocorridas ao nível do desempenho da profissão de jornalista, a alteração da agenda mediática ou, ainda, a adaptação das redações às restrições trazidas pela pandemia do novo Coronavírus, propusemo-nos a fazer um estudo de caso sobre o Jornal da Tarde, da RTP1.

A escolha deste formato de informação, o segundo noticiário com maior audiência da RTP1, prende-se com o principal facto de acontecer no decorrer do dia, altura em que surgem novas informações, sobre as quais se fará a cobertura jornalística, com recurso, por vezes, ao direto no local, o que não é tão frequente nos telejornais da noite, como o Telejornal. São os telejornais da tarde os principais difusores de novas informações e atualizações sobre a doença, sobre a situação do país, bem como aqueles que irão trabalhar, neste contexto, com um maior número de notícias de "Última Hora". Além disso, destaca-se também o facto de ser serviço público de televisão, por pertencer à estação pública de televisão em Portugal. Tal como podemos ler no site da RTP, sobre o Jornal da Tarde, este formato é transmitido em simultâneo em diferentes canais da estação televisiva, tais como: RTP Internacional Ásia, RTP Internacional América, RTP África e RTP Internacional, o que nos ajuda rapidamente a compreender o alcance deste programa, bem como a difusão das notícias por ele apresentadas, sobre o Portugal e o mundo em geral. Durante o período trabalhado, o "Jornal da Tarde" era coordenado por Susana Santos e Pedro Figueiredo. António José Teixeira, por sua vez, ocupava o cargo de diretor de informação na estação.

A agenda mediática do "Jornal da Tarde", em antena desde 1986, não se distingue atualmente, na sua grande maioria, daqueles que são feitos ao mesmo horário pelas outras estações televisivas, abordando as mais diferentes temáticas desde economia, política, internacional, desporto, sociedade, entre outros.

Deste modo, a partir da análise das notícias de Última Hora do “Jornal da Tarde" da RTP1 emitidos durante os meses de março, abril e maio do ano de 2020, estudaremos a forma como foram processadas e transmitidas estas notícias.

4.1 Objetivos

Partido de um objetivo principal, nomeadamente o processamento de informação de Última Hora em tempo real nos jornais televisivos, estudando o caso do “Jornal da Tarde” da RTP1, desenvolvemos os seguintes objetivos concretos:

1. Perceber em que momentos e com que frequência é usada a informação de “Ultima Hora” neste espaço informativo;
2. Compreender qual a prioridade dada às notícias de “Última Hora”; se surgem na abertura do jornal, ou no decorrer da primeira ou segunda partes;
3. Perceber a influência das notícias de “Última Hora” na estruturação do jornal e na sua duração;
4. Refletir sobre a relevância da informação de “Última Hora” tal como ela é integrada nos espaços de noticiário.

4.2 Metodologias de Investigação

Para ir ao encontro dos objetivos deste trabalho, a metodologia de investigação utilizada consiste em técnicas de investigação de natureza documental, nomeadamente a análise diária de um total de 91 edições do “Jornal da Tarde” da RTP1, referentes aos meses de março, abril e maio de 2020. Importa, no entanto, referir que a edição do jornal do dia 11 de março não foi analisada por não se encontrar disponível em linha. Desta amostra de 91 jornais, foram identificados um total de 59 situações de “Última Hora”.

4.2.1 Instrumentos

A análise de conteúdos das Últimas Horas presentes nestas 91 edições do telejornal foi feita com recurso a uma grelha, que discrimina as várias questões levantadas pelas diferentes situações de Última Hora. A referida grelha possibilitou a esquematização de cada edição do telejornal, para que pudesse referir cada caso, em cada dia diferente. Além disso, a própria grelha foi sendo ajustada consoante os

desenvolvimentos destas Últimas Horas, nomeadamente se a notícia era abordada novamente no decorrer da edição. Na Tabela 1, abaixo elaborada, constam os parâmetros tidos em conta na recolha dos dados[4].

Data Emissão: Data de Emissão do jornal (dia, mês e ano)
Dia Semana: Dia da Semana da Emissão do jornal
Link: Endereço *web* do jornal
Tema: Assunto da notícia de Última Hora Exemplos: Confinamento/Isolamento Nº de casos/mortes Política Internacional Direção Geral de Saúde Não-Covid
Abertura do Jornal: Se a notícia de Última Hora surge, ou não, logo na abertura do telejornal
Prioridade: Hora e minutos a que surge a notícia de "Última Hora" pela primeira vez no noticiário
Abordagem: Como foi feita a abordagem e que meios foram utilizados para divulgar a notícia em questão. Exemplos: Pivot, Direto, Rodapé, Entrevista, Peça, TH
Duração: Duração de cada uma das abordagens que compõem a Última Hora divulgada no Jornal
Observações: Informações adicionais sobre o Última Hora em causa ou outros assuntos relevantes
Desenvolvimento?: Se a notícia teve desenvolvimento durante o jornal depois de ter sido divulgada pela primeira vez. Caso surgisse novamente, importava repetir os parâmetros anteriores. Se a notícia foi desenvolvida mais uma vez - os dados são inseridos a vermelho; Se a notícia foi desenvolvida pela segunda vez - os dados são inseridos a verde; Se for desenvolvida pela terceira vez – os dados estão a azul; Se for pela quarta vez – os dados estão a laranja; Se for desenvolvida pela quinta vez – os dados estão a roxo

[4] Os parâmetros preenchidos encontram-se nos anexos 1, 2 e 3 desta investigação.

Duração 1.ª Parte: Duração total em minutos e segundos da 1.ª Parte do Jornal	
Duração 2.ª Parte: Duração total em minutos e segundos da 2.ª Parte do Jornal	
Duração 3.ª Parte: Duração total em minutos e segundos da 3.ª Parte do Jornal	
Duração Total do Jornal: Duração total do jornal em minutos e segundos	
Outras Considerações: Apontamentos cronológicos para referência, e indicações de notícias de última hora, não relacionadas com a covid, assinaladas a amarelo	

Tabela 1: Análise de conteúdo dos diretos

Após elencados os parâmetros a trabalhar, segue-se a apresentação dos resultados obtidos através do visionamento dos noticiários e da análise de conteúdo de situações de Última Hora ocorridas ao longo dos três meses em estudo.

4.3 Apresentação e Discussão de Resultados

Para responder aos objetivos acima apresentados foram analisados um total de 91 edições do "Jornal da Tarde", correspondentes aos 31 dias do mês de março, 29 dias do mês de abril, uma vez que a edição do dia 11 não está disponível na plataforma RTP Play, e 31 dias do mês de maio. Os dados abaixo trabalhados foram primeiramente reunidos em três tabelas que se encontram no anexo deste trabalho.

Os três gráficos abaixo mostram o número de notícias de Última Hora, por dia, no decorrer do "Jornal da Tarde", da RTP 1, nos meses de março, abril e maio.

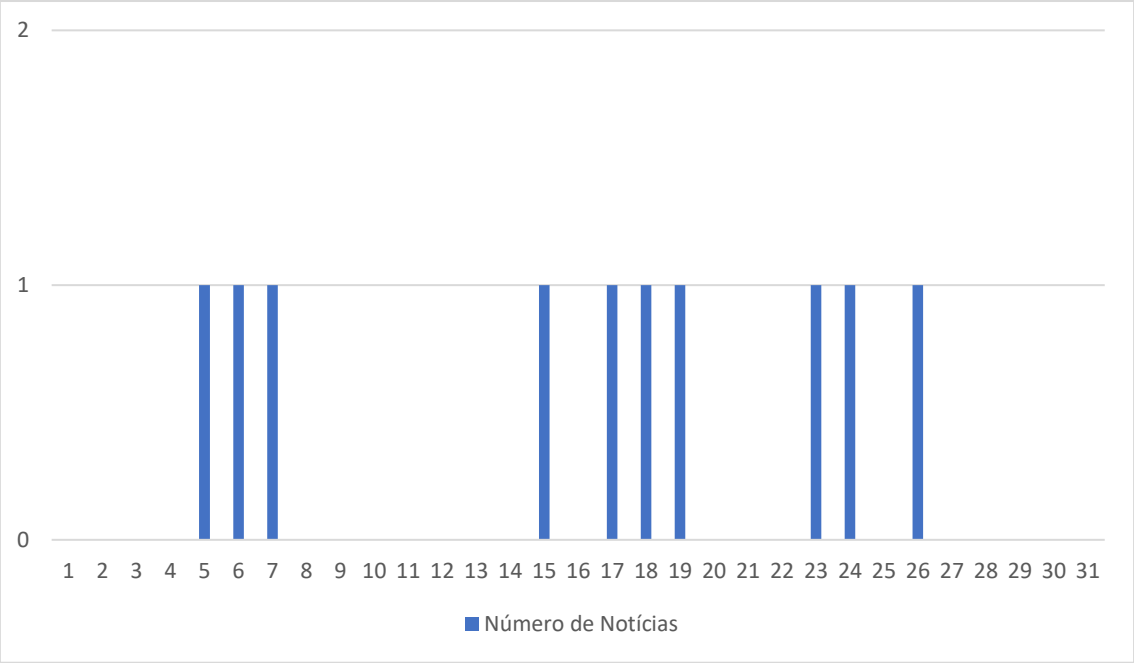

Gráfico 1: N.º de notícias de última hora, por dia, no "Jornal da Tarde", da RTP1, no mês de março de 2020

Através da leitura do gráfico 1, percebe-se que do total de 31 programas, apenas houve o recuso a informação de última hora em 10. Em nenhum destes se verificou mais do que um acontecimento marcado como "Última Hora".

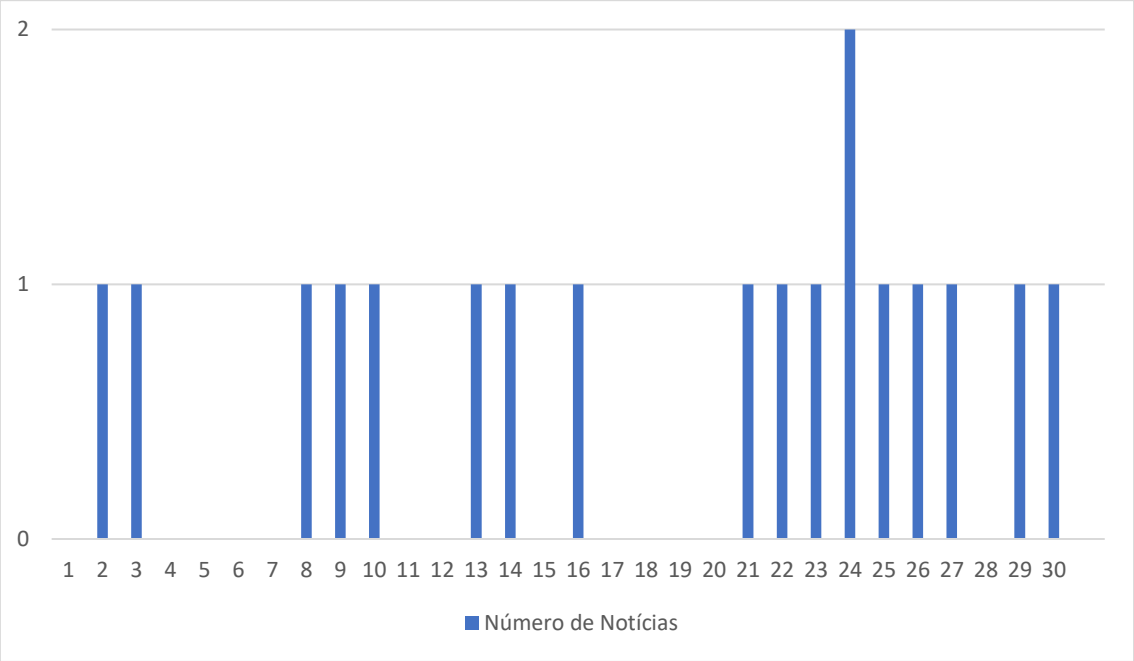

Gráfico 2: N.º de notícias de última hora, por dia, no "Jornal da Tarde", da RTP1, no mês de abril de 2020

O gráfico 2 mostra que, com exceção do dia 11 de abril, uma vez que o jornal em causa não foi disponibilizado pela RTP Play, o informativo da hora de almoço da RTP 1, avançou com 18 noticias de última hora, em 17 dias do mês, verificando-se por isso, mais do que uma notícia de Última Hora no dia 24.

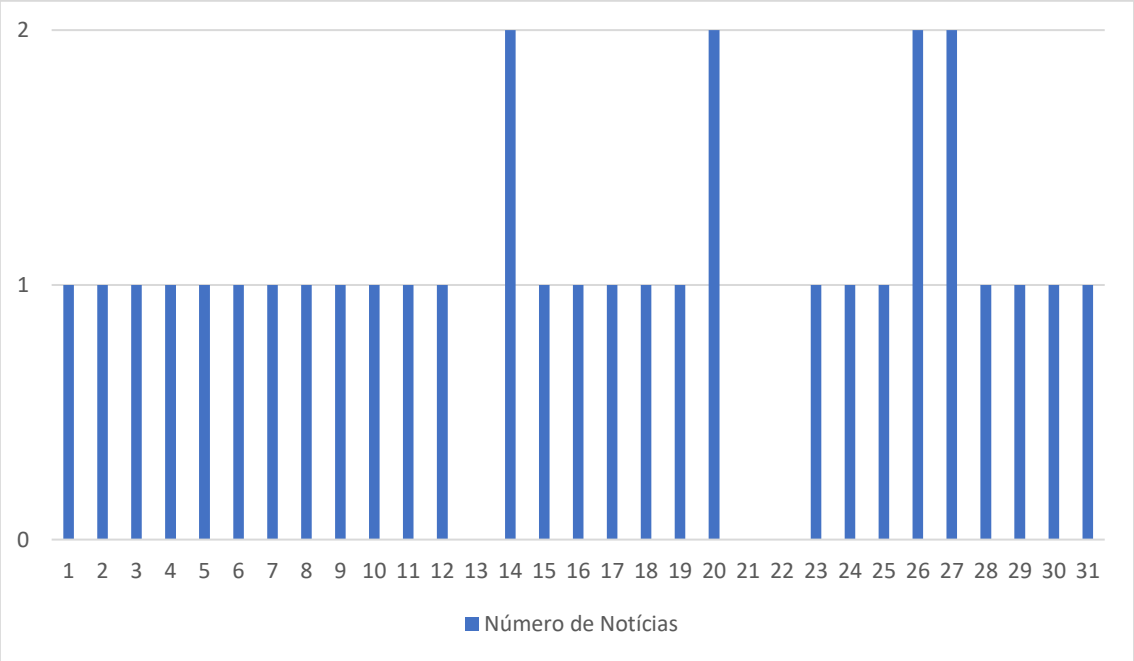

Gráfico 3: N.º de notícias de última hora, por dia, no "Jornal da Tarde", da RTP1, no mês de maio de 2020

Através de uma análise ao gráfico 3 percebe-se que a presença de notícias de "Última Hora" foi quase diária, tendo acontecido em 28 de 31 dias. Houve também o registo de duas notícias de Última Hora, em quatro jornais diferentes.

Uma análise comparativa aos três gráficos, permite concluir:

- Um aumento progressivo do número de notícias de "Última Hora" em cada mês: 10 em março, 18 em abril, 28 em maio;
- No período em analise, foram avançadas mais do que uma notícia de "Última Hora", no mesmo jornal, por cinco vezes diferentes, uma no mês de abril (dia 24) e quatro no mês de maio (14, 20, 26, 27);

- Nos 91 programas analisados, o mínimo de notícias de Última Hora avançadas num mesmo jornal foi zero e o máximo duas.

Em seguida apresentam-se três gráficos circulares que representam o número total de notícias de Última Hora "covid" e "não-covid", por mês.

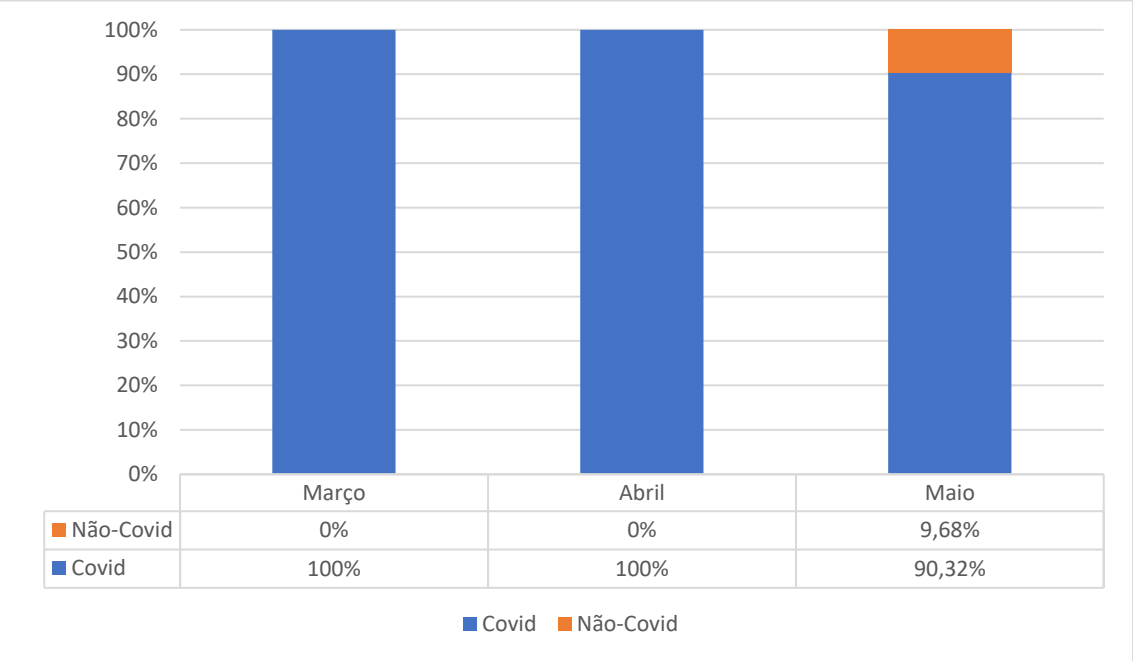

Gráfico 4: Presença da Covid-19 nas notícias de "Última Hora" relativas aos meses de março, abril e maio.

Uma leitura do gráfico 4, permite concluir que nos meses de março e abril, a totalidade de notícias de última hora avançadas no "Jornal da Tarde" foram relativas à Covid-19.

Conclui-se também que no mês de maio, 9,68%, ou seja, 3 das 31 notícias de Última Hora desse mês, não foram relativas à covid-19. Se recorrermos ao gráfico 3, percebemos que no mesmo mês houve quatro dias em que o jornal teve duas notícias de última hora. Num desses quatro dias, as duas notícias de Última Hora foram relacionadas com a covid-19. Já nos restantes três dias, para além de uma notícia de "Última Hora" relacionada com a Covid-19, uma outra notícia de Última Hora "não-covid" entrou no alinhamento, o que nos leva a perceber que com o evoluir da pandemia a covid-19 deixa de ser o único tema considerado "Última Hora".

Como se comprova também no gráfico 5, abaixo apresentado, de um total de 91 jornais, entraram no alinhamento 56 notícias de última hora relacionadas com a pandemia de Covid-19 e apenas 3 cujo tema não esteve relacionado com a SARS-CoV-2.

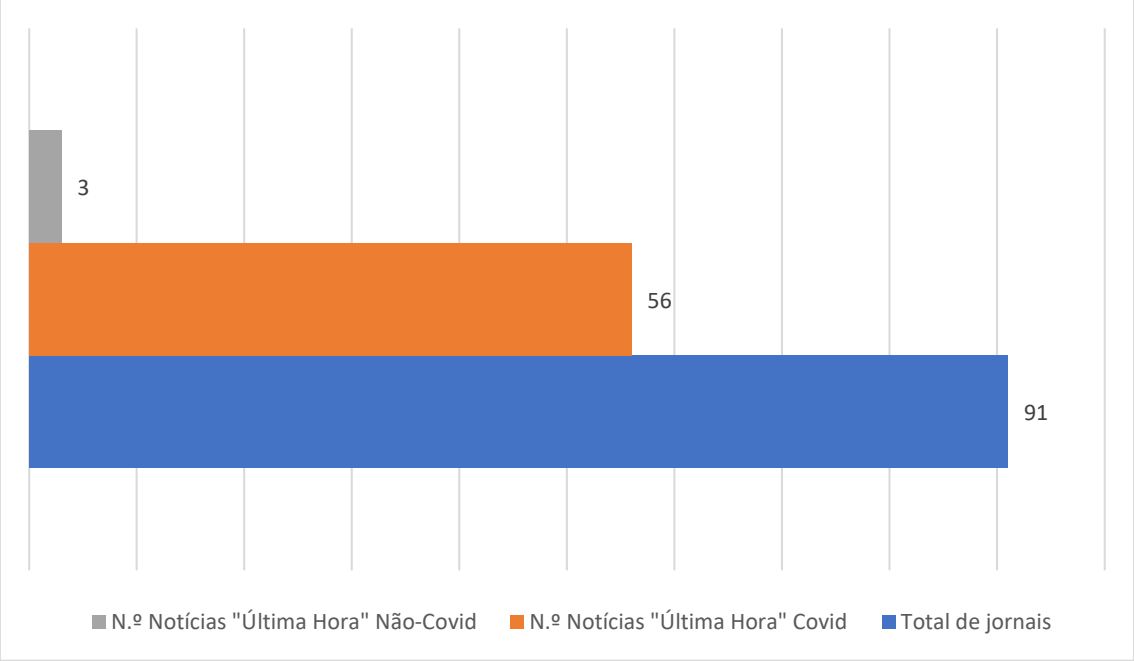

Gráfico 5: Presença da informação de "Última Hora" nos jornais trabalhados

Outro dos temas propostos neste trabalho foi a compreensão das temáticas das notícias de "Última Hora" presentes no Jornal da Tarde da RTP1 bem como a sua frequência.

Categoria Temática	Frequência	Percentagem
Isolamento / Confinamento	3	5,08%
N.º Casos / Mortes[5]	42	71,19%
Política e Economia	5	8,47%
Internacional	4	6,78%
DGS	2	3,39%
Não-Covid	3	5,08%

[5] Apesar de a fonte dos casos diários de Covid-19 ser a DGS, esses dados entram nesta tabela como notícias relacionadas com o número de casos/mortes diários.

TOTAL	**59**	**100%**

Tabela 2: Categorias temáticas das notícias de "Última Hora" e frequência

Da análise de 91 blocos informativos, e com recurso à tabela 2, é possível retirar as seguintes conclusões:

- Notícias sobre isolamento/confinamento foram consideradas como "Última Hora" três vezes. Esta temática aborda informações referentes ao cumprimento de isolamento por parte lares e escolas;
- O número de casos diários de covid-19 em Portugal ou de máximos de mortes pela doença foi o assunto considerado "Última Hora" com maior frequência, 42 vezes (71,19%). Tal pode ser justificado pelo facto de os dados da DGS serem divulgados durante a transmissão do "Jornal da Tarde", algo que começa a acontecer de forma regular a partir de 22 de abril. Assim explica-se também o aumento do número de notícias de "Última Hora" do mês de abril, em comparação com março, e de forma ainda mais acentuada, do mês de maio em comparação com o mês de abril, como se confirma nos gráficos 1, 2 e 3;
- Reuniões de Conselho de Estado e/ou de Ministros, Orçamento do Estado ou propostas do Presidente da República enquadram-se na temática de Política e Economia, apontada por cinco vezes como informação de "Última Hora";
- Nas notícias que integram a temática de "Internacional", são exemplos as restrições de viagens, decisões da UEFA sobre adiamento de campeonatos, o desabamento de um hospital na China ou a demissão de Regina Duarte, no Brasil. Estas notícias foram avançadas em "Última Hora" por quatro vezes no seu conjunto;
- Com exceção da atualização quase diária dos dados da pandemia, as declarações ou recomendações da Diretora-Geral da Saúde ou da Direção-Geral da Saúde entraram no alinhamento do "Jornal da Tarde" como sendo "Última Hora" em dois momentos diferentes: a recomendação do uso de máscaras em espaços fechados e o levantamento da cerca sanitária em Ovar. Esta foi a temática que menos presença teve enquanto "Última Hora", apenas 3,39%;
- Três notícias não-covid foram consideradas "Última Hora", como política internacional ou acidentes.

A frequência com que as notícias de "Última Hora" surgem no decorrer dos jornais é também pertinente. A tabela apresentada em baixo mostra a frequência com que as informações de "Última Hora" surgem no decorrer do alinhamento do "Jornal da Tarde".

Prioridade	Frequência	Percentagem
Abertura	13	22,03%
1.ª Parte	40	67,80%
2.ª Parte	6	10,17%
TOTAL	**59**	**100%**

Tabela 3: Frequência das notícias de "Última Hora" relativas à prioridade do jornal

Como se verifica na tabela 3, na maioria das 59 notícias com carácter de "Última Hora", 67,80% das vezes as mesmas entraram na primeira parte do alinhamento. Já 22,03% das notícias de abertura do espaço informativo analisado foram de "Última Hora" e apenas 10,17% das informações de "Última Hora" foram "para o ar" na segunda parte do jornal.

Observamos agora o gráfico 6, para compreender os géneros jornalísticos utilizados sempre que uma notícia de "Última Hora" foi avançada.

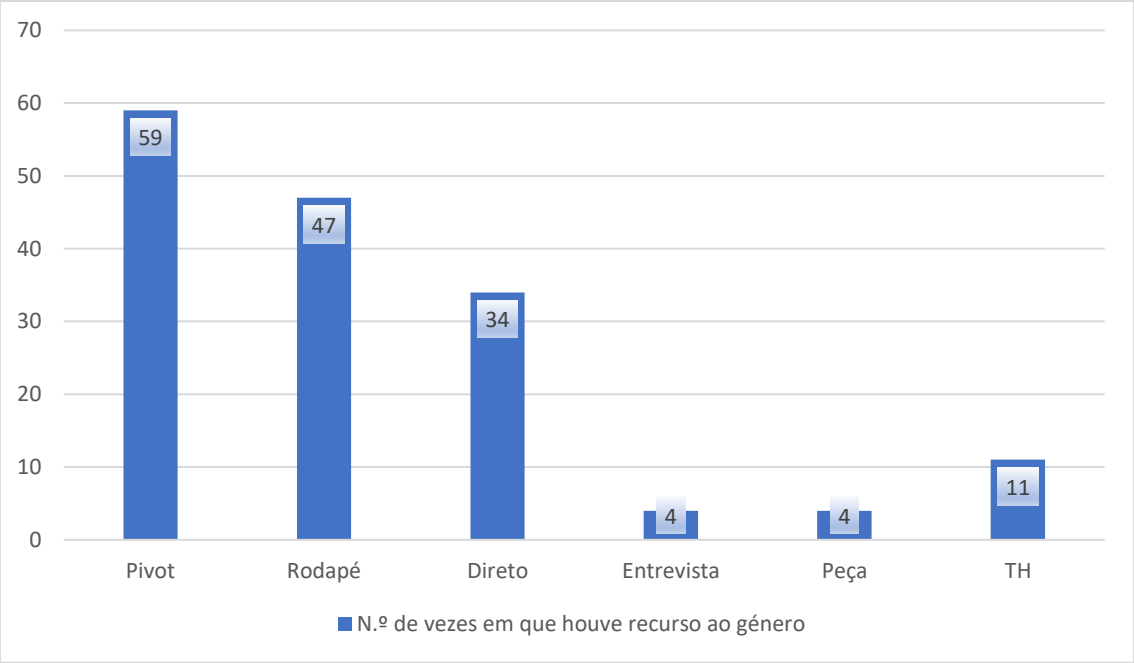

Gráfico 6: Género adotado para a divulgação da informação de "Última Hora"

Uma análise cuidada ao gráfico 6 mostra que nas 59 notícias de "Última Hora" presentes nos 91 jornais analisados, em todas houve recurso ao pivot. A utilização de rodapés foi também de destaque, tendo os mesmos sido utilizados por 47 vezes, ou seja, em 79,66% das vezes. Os recursos aos diretos estiveram presentes em mais de metade das notícias de "Última Hora" (57,66%), mas, como se irá notar no gráfico 8, a sua maioria foi sempre com o mesmo objetivo. Convidados em estúdio ou por videochamada bem como a utilização de peças jornalísticas foram os géneros menos escolhidos pela coordenação dos blocos informativos analisados, com o recurso a apenas 6,78% de cada. Conforme se verifica nos anexos 1, 2 e 3 deste trabalho, a utilização das 4 peças aconteceu sempre na sequência do desenvolvimento de notícias de "Última Hora". *Talking Heads* (TH) foram opção da coordenação para reforçar 11 notícias de "Última Hora". À semelhança dos diretos, também nos TH's existiu um padrão, apresentado no gráfico 8.

Da amostra de jornais analisada, 36 das 59 notícias de "Última Hora" tiveram o seu desenvolvimento ainda no mesmo jornal, o que corresponde a 61,02%, como se mostra no gráfico abaixo apresentado.

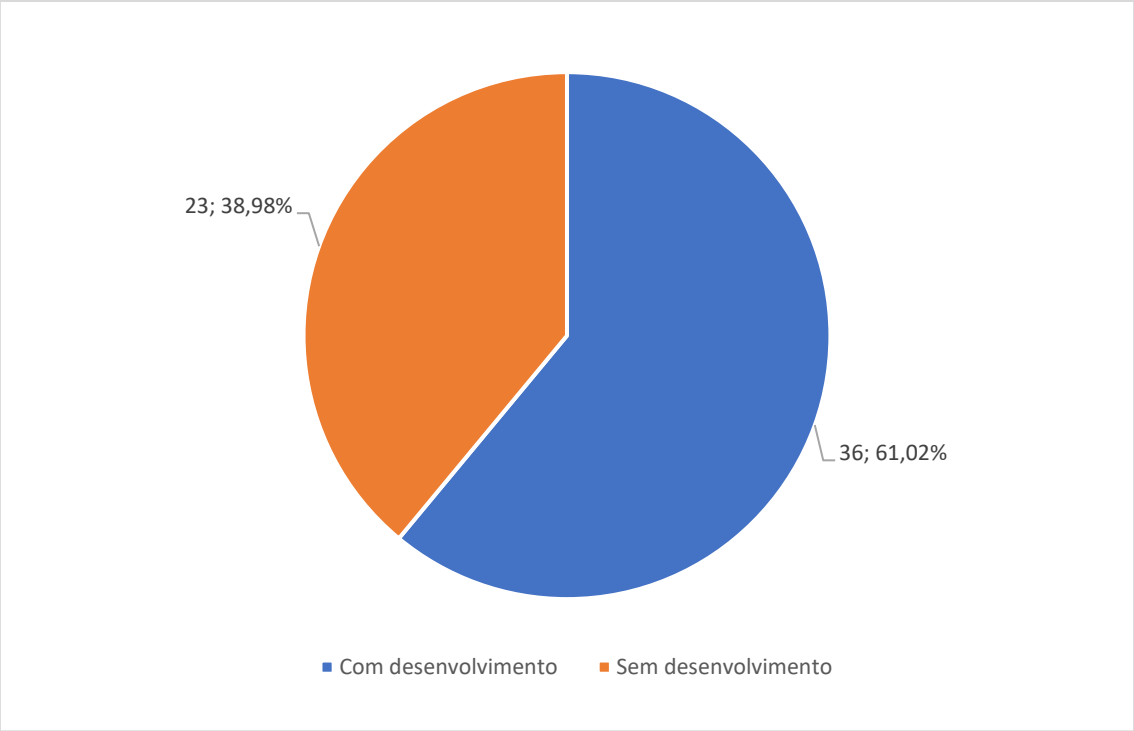

Gráfico 7: N.º de notícias de "Última Hora" que tiveram desenvolvimento no mesmo jornal

Com o objetivo de compreender o conteúdo dos diretos e dos TH's utilizados nas notícias de "Última Hora", apresenta-se o gráfico 8, que divide os seus conteúdos em "Conferência DGS", ou seja, declarações do secretário de estado da saúde ou da Diretora Geral da Saúde sobre os casos diários de covid-19 e "Outros Assuntos", como declarações do presidente da República, elementos do governo, isolamento/confinamento ou assuntos não-covid.

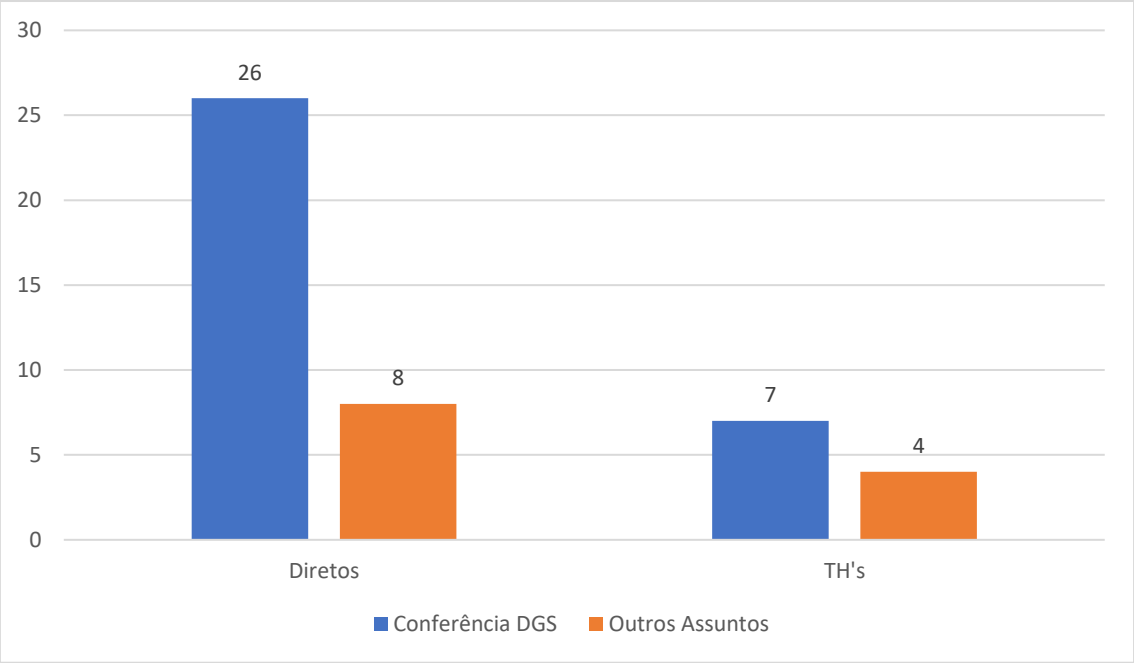

Gráfico 8: N.º de diretos e TH's utilizados para reportar conferências da DGS ou outros temas

Ao cruzar a informação constante nos gráficos 6 e 8, é possível concluir que:

- Dos 34 diretos utilizados nas notícias de "Última Hora", a maioria foram para reportar a conferência da DGS e a habitual divulgação do número de casos diários. Assim, podemos afirmar que estas informações de "Última Hora" são na verdade eventos fabricados, uma vez que já se sabia que o evento ia acontecer;
- Também quanto ao recurso aos TH's, pode ser retirada a mesma conclusão, uma vez que dos 11 *Talking Heads* utilizados, 7 foram de declarações da DGS retiradas da conferência diária, os restantes 4 foram relativos a outros assuntos.

Por último, considera-se de extrema importância entender o impacto, ou não, que a covid-19 teve na duração do "Jornal da Tarde" ao longo dos três meses trabalhados (março, abril e maio). Para tal, considera-se a duração aproximada, o número de minutos arredondado pelos segundos, ou seja, nos primeiros 30 segundos, do último minuto de duração, permanece no mesmo minuto, enquanto nos últimos 30 segundos, arredonda para o minuto seguinte.

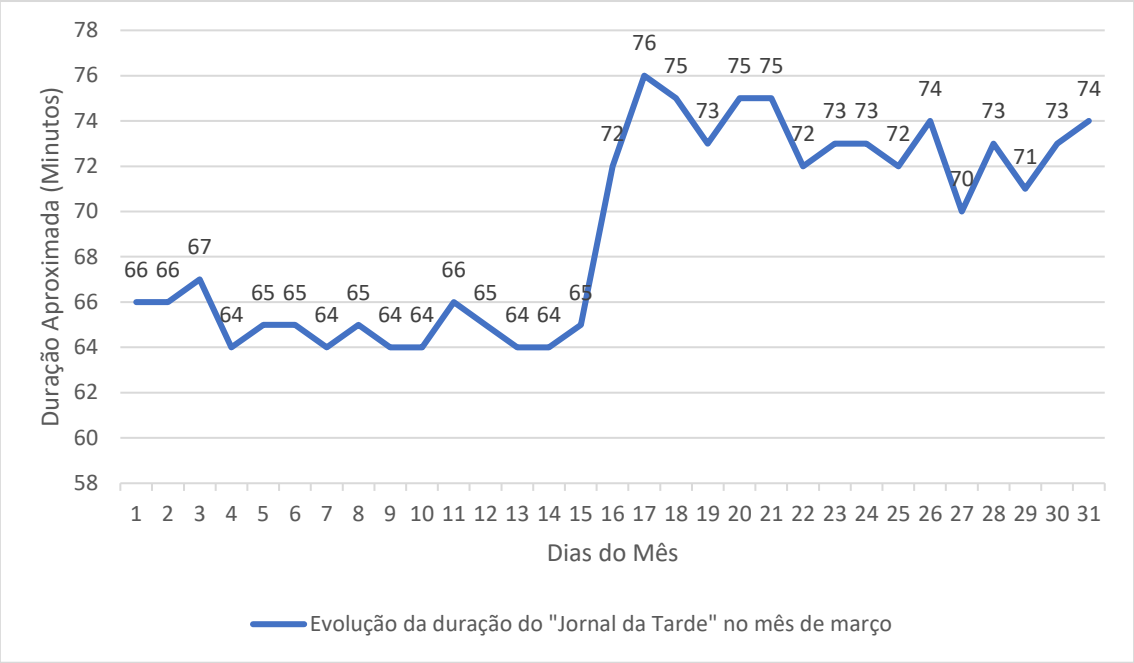

Gráfico 9: Evolução do n.º aproximado de minutos de duração de cada "Jornal da Tarde" do mês de março

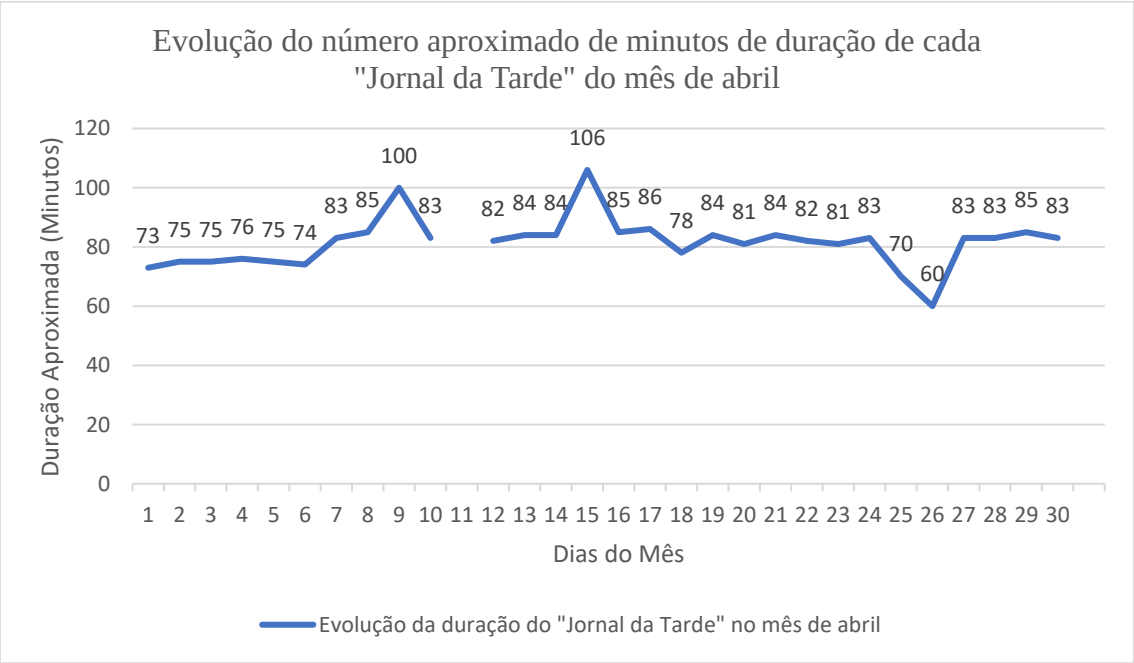

Gráfico 10: Evolução do n.º aproximado de minutos de duração de cada "Jornal da Tarde" do mês de abril

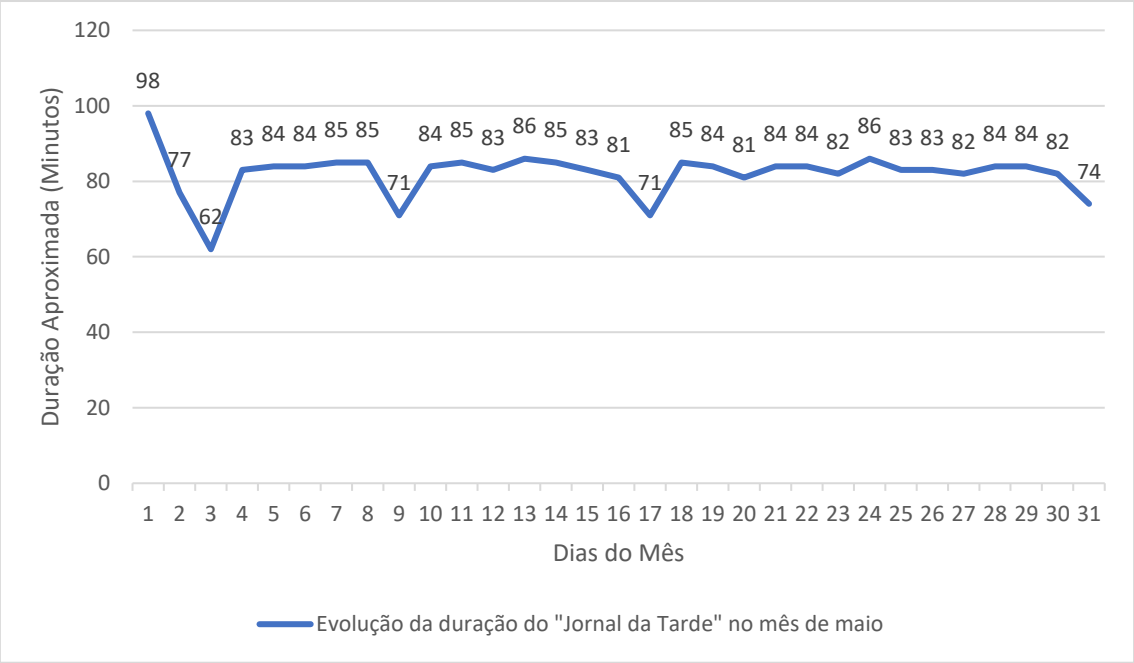

Gráfico 11: Evolução do n.º aproximado de minutos de duração de cada "Jornal da Tarde" do mês de maio

É possível, através de uma análise aos 3 gráficos acima apresentados, perceber que à medida que a pandemia se foi alastrando em Portugal, acompanhando a amostra estudada, a duração do "Jornal da Tarde", da RTP1, foi aumentando até estabilizar em mais 17 minutos.

Conclui-se também, e relativamente ao mês de março, que:

- Nos primeiros 15 dias do mês de março, a duração do "Jornal da Tarde" manteve-se no seu tempo habitual, com uma média de 65 minutos, mesmo com os primeiros casos de covid-19 em Portugal confirmados no dia 2 do mesmo mês;
- A partir do dia 16 de março e até ao último dia do mês, o "Jornal da Tarde" passa a ter uma média de 73 minutos, um acréscimo de 8 minutos no total da sua duração;
- A duração máxima do jornal no mês de março foi de 74 minutos, no dia 17. O aumento da duração poderá estar relacionado com a própria cadência noticiosa dos acontecimentos e número de acontecimentos novos a noticiar, mas não há uma relação direta entre o aumento da duração do jornal e a presença de notícias de "Última Hora" no mesmo. Consultando o gráfico 1, verifica-se que esse dia foi o primeiro de três dias seguidos com uma notícia de "Última Hora" transmitida em

cada dia. Contudo, não se pode associar um acontecimento ao outro, uma vez que já no início do mês (dias 5, 6 e 7) o "Jornal da Tarde" tinha tido no seu alinhamento três dias seguidos com notícias de "Última Hora", e não houve alteração imediata na sua duração.

Já sobre o mês de abril, é possível concluir que:

- A média de duração de cada "Jornal da Tarde" foi de 82 minutos, ou seja, mais 9 minutos que a média verificada na segunda metade do mês de março;
- O "Jornal da Tarde" do dia 15 de abril foi o que teve maior duração, com 106 minutos, contudo, se olharmos para o gráfico 2, não houve qualquer notícia de "Última Hora". Já o jornal com menos duração do mês, 60 minutos, remonta ao dia 26. Nesse dia registou-se uma notícia de "Última Hora".

Quanto ao mês de maio, o gráfico 11 mostra que:

- A média de duração do "Jornal da Tarde" desse mês foi de 82 minutos, exatamente a mesma verificada também no mês de abril;
- O "Jornal da Tarde" do dia 1 de maio registou a maior duração, 98 minutos, dia em que se registou uma notícia de "Última Hora" e a menor duração, 62 minutos, no dia 3 de maio, quando também se registou uma notícia de "Última Hora".

Da análise conjunta dos gráficos 1, 2, 3, 9, 10 e 11 é possível concluir que não existe uma relação aparente entre o número de notícias de "Última Hora" e o aumento da duração do "Jornal da Tarde". Conclui-se também que a duração média dos jornais analisados aumentou de 65 minutos para 82 minutos, um aumento de 17 minutos.

Já sobre o que marcou a atualidade em notícias de "Última Hora", numa avaliação qualitativa, em cada mês, e através das observações anotadas nos anexos 1, 2 e 3 desta investigação, podemos retirar que:

- Relativamente ao mês de março, a informação de "Última Hora", embora, como já vimos, num número mais reduzido, foi marcada pelo aumento dos isolamentos profiláticos e quarentenas, bem como das confirmações dos primeiros casos de covid-19. Veja-se por exemplo o dia 6 de março, em que a ministra da saúde, em "Última Hora", confirma 13 casos positivos da doença. É neste mês que são dadas a maioria das notícias de "Última Hora" de cariz internacional (3 num total de 4

notícias), em matérias como o desabamento de um hospital que acolhia cidadãos em quarentena na China, no dia 7; a retenção de Portugueses em Marrocos, no dia 15; e o adiamento do EURO 2020 para 2021, no dia 17.

- No mês de abril, para além das atualizações diárias dos números da pandemia, em "Última Hora", e que começam a ser cada vez mais frequentes, a informação de "Última Hora" do mês ficou marcada pela proposta da renovação do Estado de Emergência, feita pelo Presidente da República no dia 10 e também pela recomendação da DGS, do dia 13, relativamente ao uso de máscaras em espaços fechados. Ainda neste mês destaca-se a proibição de circulação entre concelhos nos dias 1, 2 e 3 de maio, decretada no dia 24 de abril.
- Por último, o mês de maio ficou marcado por uma predominância das notícias de "Última Hora" relativas ao balanço dos dados diários da covid-19 em Portugal. Contudo, marcaram o mês como informações de "Última Hora" notícias como o ultrapassar da barreira dos 1.000 mortos, logo no primeiro dia do mês, a demissão de Regina Duarte, no Brasil, no dia 20 ou a informação da data do debate parlamentar sobre o Orçamento suplementar. Foi ainda neste mês que foram avançadas as primeiras notícias de "Última Hora" não afetas à temática da covid-19, desde o dia 1 de março.

Conclusão

A realização deste trabalho deu-nos alguns dados que nos permitem compreender como foi processada a informação de "Última Hora" relacionada com a Covid-19, nos primeiros três meses de pandemia em Portugal.

É certo que a chegada do SARS-CoV-2 ao país alterou por completo os hábitos, rotinas e decisões editoriais na informação portuguesa. De um momento para o outro, os jornalistas foram impedidos de fazer o seu trabalho de forma livre, uma vez que passou a ser regra, em conferências de imprensa do governo, estarem apenas dois a três jornalistas, sendo um da televisão pública, e outro a representar os canais SIC, TVI e CMTV, privando assim muitos outros órgãos de comunicação de fazerem as suas próprias perguntas e conseguirem assim verificar fontes, pelo menos até à utilização das plataformas digitais que voltaram a permitir, de forma virtual, a presença de mais jornalistas.

Também o ambiente de trabalho da classe dos jornalistas foi alterado. Com a propagação da covid-19 em Portugal, as redações tiveram de se adaptar e muitas acabaram por adotar sistemas de teletrabalho rotativo. Neste sistema, foram definidas equipas que trabalhavam de forma contínua durante uma ou duas semanas em casa, enquanto outras equipas trabalhavam nas redações e vice-versa. Tal, obrigou a que, nas suas semanas de teletrabalho, os jornalistas tivessem de trabalhar a partir de casa, sem poder ter contacto ao vivo com os acontecimentos ou as fontes. Até mesmo os jornalistas que estavam nas redações, acabaram por ter de trabalhar sob regras de distanciamento social extremamente apertadas, e as saídas em reportagem eram feitas em casos excecionais.

Assim, os géneros de informação acabaram por sofrer alterações fortes. Diretos ou entrevistas passaram a ser reduzidos e, até mesmo, alterados. Por ter estado na mesma altura, inserido numa redação de informação de um canal de televisão, foi-me possibilitado compreender como os diretos televisivos com carácter de "Última Hora" foram, na sua maioria, para acompanhar as conferências da DGS, e as entrevistas foram extremamente reduzidas e, em parte, feitas com os convidados por videoconferência. As peças passaram a ser feitas sem o uso de "vivos" dos jornalistas, muitas das vezes

gravadas em casa e com o aumento da utilização de imagens de agências, uma vez que foi dado destaque à evolução pandémica em todo o mundo[6].

A covid-19 veio também dar uma nova oportunidade aos principais meios de comunicação de captarem de novo a atenção das massas. Com o país fechado, a televisão foi para muitos o meio escolhido para acompanhar as comunicações do Governo ou da DGS e, até mesmo, para fazer companhia durante os confinamentos, ou seja, o aumento do consumo foi inquestionável. Tal, obrigou ao acréscimo da responsabilidade dos órgãos de comunicação em reforçar a verificação dos factos, uma vez que a desinformação gerada nas redes sociais aumentou com a pandemia. A grande maioria da população continuou, contudo, a confiar informação transmitida pela televisão ou imprensa[7].

Através da análise de conteúdos realizada para este trabalho, foi possível concluir um conjunto de consequências diretas provocadas pelo SARS-CoV-2 no segundo principal jornal da RTP1, sendo uma delas, a duração deste formato televisivo. O "Jornal da Tarde" apresentava uma duração média de 60 a 65 minutos nos primeiros 15 dias do mês de março, quando pouco ainda se sabia da doença. Até ao último dia de maio, este espaço de informação viria a aumentar a sua duração em quase mais 20 minutos.

Também a utilização de notícias de "Última Hora", que se esperava ser mais exaustiva ou constante, acabou por não dominar a totalidades dos 91 jornais analisados, e teve a sua maioria relacionada com a divulgação dos dados diários da doença em Portugal pela DGS. Este tópico remete-nos para aquilo que são os acontecimentos fabricados. Isto é, a maioria das notícias de "Última Hora" avançadas na amostra do "Jornal da Tarde" analisadas e cujo direto foi utilizado, remetem para um evento que foi, na verdade, determinado pela fonte, neste caso a DGS.

Em contrapartida, e porque a maioria das notícias em "Última Hora" avançadas diziam respeito aos dados da DGS, podemos concluir que as fontes oficiais foram, na sua maioria, privilegiadas.

---

[6] Mais sobre este assunto veja-se João Miranda, Joaquim Fidalgo e Paulo Martins (2021) *Jornalistas em Tempo de Pandemia: Novas Rotinas Profissionais, Novos Desafios Éticos.* Comunicação e Sociedade, 39, p. 287-307. Disponível em: https://journals.openedition.org/cs/5619

[7] Veja-se Reuters Institute (2021) *Digital News Report*, https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021/portugal

Com o evoluir da pandemia, assim foi também o aumento da quantidade de notícias de "Última Hora". Estas acabariam por ter, cada vez mais desenvolvimento ao longo de cada edição do "Jornal da Tarde", o que terá também acontecido devido ao aumento da duração de cada jornal, havendo por isso tempo de antena para os respetivos desenvolvimentos.

A Covid-19 dominou a informação no mundo, e Portugal não foi exceção. O impacto da covid-19 no "Jornal da Tarde" pode ser facilmente compreendido pelo facto de, das 59 notícias de "Última Hora" avançadas, 56 serem com a temática da pandemia.

Por fim, até então havia muitos anos que o país não parava para se juntar à volta da televisão, como aconteceu no início da pandemia. Os canais de televisão aprenderam a reinventar-se, não só nos conteúdos transmitidos, mas também na forma de fazer televisão. Nas redações, muitas das vezes sem se saber como, os jornalistas tiveram de fechar as suas peças acreditando estarem a fazer tudo aquilo que podiam. Porque era a primeira vez nas suas vidas que o faziam daquela maneira.

Bibliografia

Covid-19 e Jornalismo. *Jornalismo & Jornalistas*, Lisboa, nº. 73, pp. 6-24. Disponível em: https://www.clubedejornalistas.pt/?p=19520

Albert, P., Tudeso, A. (1982). *História da rádio e televisão*. Lisboa: Notícias (2020, outubro 29).

Althaus, S. (2010). The Forgotten Role of the Global Newsreel Industry in the Long Transition from Text to Television. *International Journal of Press/Politics*, 15 (2), pp. 193–218.

Andrade, A. (2019). *Telejornalismo em Portugal: a tecnologia interfere no noticiário da RTP?*. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Brasil: Universidade Federal do Pará.

Assumpção, D., Villegas, G. (2013). *A reinvenção do jornalismo: tecnologia mudando a forma de produzir e fazer jornalismo. Livro de Atas - Comunicação Global, Cultura e Tecnologia*. 8º Congresso SOPCOM. Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa.

Backes, V., Duarte, E. (2020). Telejornalismo: estratégias de reconfiguração de uma mesma notícia. *Intexto*, 49, pp. 196 – 213. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/82629

Becker, B. (2005). Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção. *Revista Galáxia*, São Paulo, 10, pp. 51-64. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1428

Beckers, K., Aelst, P. (2019). Look who's talking. *Journalism Studies*, 20 (6), pp. 872-890. Disponível em: https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1463169

Bermejo, F., Chan, Y., *et al*. (2014). *Digital Journalism - Making news, breaking news. Mapping Digital Media.* Nova Iorque: Open Society Foundations, Program on Independent Journalism. Disponível em: https://www.opensocietyfoundations.org/publications/mapping-digital-media-global-findings

Bettencourt *et al*. (2010). *A dimensão multimédia nas principais redacções portuguesas: mito ou realidade*. Lisboa: [s.n.]

Bezerra, E., Accioly, S. (2011). Telejornalismo em plataformas interativas. *Em Questão*, 17 (2), pp. 45-59. Disponível: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/10500

Biltereyst, D., Bowles, B., *et al*. (2012). "A Newsreel of Our Own": The Culture and Commerce of Local Filmed News. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, 32 (3), pp. 355-360. Disponível em: https://doi.org/10.1080/01439685.2012.699643

Boretsky, R., Kuznetsov, G. (s.d.*). O trabalho de jornalista e a televisão*. Praga: OIJ

Bustamente, Enrique (2003). *A Economia da Televisão: a estratégias de gestão de um media*. Porto. Campo das Letras.

Cádima, F. (2010). Televisão, Cidadania e "História Única". Uma Análise da Bibliografia Portuguesa Sobre o Jornalismo Televisivo em Portugal. *Media & Jornalismo*, 9 (2), pp. 95-117

Cádima, F., Ferreira, I. (2021). *Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de pandemia, Volume II*. ICNOVA — Instituto de Comunicação da NOVA Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: https://www.icnova.fcsh.unl.pt/perspectivas-multidisciplinares-da-comunicacao-em-contexto-de-pandemia-vol-i/

Calzado, M., Lio, V., *et al*. (2020). De la producción a la recepción. Una propuesta de observación multi local y sincrónica para el análisis de noticias televisivas. *EMPIRIA - Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, 47, pp. 185-212. Disponível em: https://revistas.uned.es/index.php/empiria/article/view/27429

Canavilhas, J. (2001). *Televisão. O domínio da Informação-espetáculo*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, Covilhã, Universidade da Beira Interior

Canelas, C., Abreu, J. (2014). La edición de vídeo de contenidos audiovisuales en las redacciones centrales de los canalestelevisivos de 24 de información en Portugal (pp. 695-710). In *Gómez, F., Sánchez, J., Miscelánea sobre el entorno audiovisual en 2014*. Madrid: Fragua

Casella, P. (2013). Breaking news or broken news?. *Journalism Practice*, 7 (3), pp. 362-376. Disponível em: https://doi.org/10.1080/17512786.2012.735496

Christopher, H., Timothy, R., *et al*. (1978). *The Mass Media: Aspen Institute Guide to Communication Industry Trends*. New York: Praeger

Coimbra, I. (2018). Telejornalismo além da TV: uma discussão sobre os territórios contemporâneos da notícia. *Texto livre: Linguagem e Tecnologia*, 11 (3), pp. 281-295. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16823

Correia, J. (2008). Os estudos jornalísticos em Portugal: 30 anos de história. In *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia da Pesquisa* (pp. 367-378). Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa

Coutinho, I., Mata, J. (2010). Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena. *Revista FAMECOS*, 17 (1), pp. 65-73. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6881

Cox, G., Day, R. (1995). *Pioneering television news: a first hand report on a revolution in journalism.* Londres: John Libbey

Cruz, C. (2014). *A decisão editorial em televisão: o caso do telejornal da RTP*. (Tese de doutoramento não publicada). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal

Cumming, Adelaide F. Hawley. (1967). *A History of American Newsreels, 1927 to 1950*. PhD diss., New York University

Cunha, I., Martins, C., Cabrera, A. (2021). O ressurgimento da informação televisiva: uma "janela" para a pandemia. In F. Rui Cádima, & I. Ferreira (Eds.), *Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de pandemia*, Vol. 2, pp. 7-29. ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova. Disponível em: https://doi.org/10.34619/4oeg-jmum.

Cunha, I., Martins, C., Cabrera, A. (2021b). Informação Televisiva de Prime Time e Estratégias de Comunicação em Tempo de Pandemia. *Comunicação e sociedade*, 40, pp. 33-52. Disponível em: https://journals.openedition.org/cs/5840.

Dayan, D., Katz, E. (1999). *A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*. Coimbra: Minerva. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312261446_A_noticia_de_abertura_do_TJ_ao_longo_de_50_anos_1959-2009

Dickieson, A. (1963). The Telstar Experiment. In *Telstar I* (pp. 739-746). Goddard Space Flight Center, Washington DC

Ekström, M. (2000). Information, storytelling and attractions: TV journalism in three modes of communication. *Media, Culture & Society*, 22 (4), pp. 465-492. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/016344300022004006

Emerim, C. (2017). Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 14 (2), pp. 113-126. Disponível em: https://www.academia.edu/50688928/Telejornalismo_ou_jornalismo_para_telas_a_proposta_de_um_campo_de_estudos

Fechine, Y. (2006). Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. In *Duarte, E., Castro, M., Televisão Entre o mercado e a academia*. Porto Alegre: Editora Sulina

Fernandes, A. (2000). Televisão do público: um estudo sobre a realidade portuguesa. *CIES-RN - Artigos em revistas científicas nacionais com arbitragem científica*, 32, pp. 117-145. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/389

Fielding, Raymond. (2006). *The American Newsreel: A Complete History, 1911–1967*. 2nd Edition. Jefferson, NC: McFarland

Frazão, S. (2012). Jornalismo participativo no telejornal: o telespectador como produtor de conteúdo. *Vozes e Diálogo*, 11 (2), pp. 44-57. Disponível em: https://www.academia.edu/69628185/Jornalismo_participativo_no_telejornal_o_telespectador_como_produtor_de_conte%C3%BAdo

Frederick, A., *et al*. (1912/2002). The 'Animated' Newspaper. In *Yesterday's News: The British Cinema Newsreel Reader*, ed. L. McKernan. Londres: British Universities Film & Video Council

Gomes, A. (2011). *O telejornal e o zapping na era da Internet: estudo do comportamento de editores e telespectadores nos jornais televisivos das 20 horas da RTP1, SIC e TVI*

(2006-2010). (Tese de doutoramento não publicada). ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Gomes, A. (2012). Nos bastidores dos telejornais: RTP1, SIC e TVI. Lisboa: Tinta-da-China

Gomes, I. (2005). O ponto de vista de telespectadores quanto às funções de informação, legitimação e entretenimento do telejornalismo. Uma crítica do livro Making Sense of the News, de Klaus Bruhn Jensen. *Contemporanea*, 3 (2), pp.217-249. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3458/2524

Goodwin, A.; Whannel, G. (1990), (eds). *Understanding television.* London. Routledge.

Guimarães, A., Fernandes, N. (2012). O Jornalismo em evolução. In *III Seminário de I&DT, Portalegre, 6-7 dezembro 2012.* Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre

Gutmann, J. (2014). Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. *Revista Galáxia*, 14 (28). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532014000200010

Imesch, K., Schade, S., *et al*. (2016). *Constructions of Cultural Identities in Newsreel Cinema and Television after 1945*. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/j.ctv1wxt68

Junior, A. (2014). *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS

Keirstead, P., Keirstead, S. (1990). *The world of telecommunication: introduction to broadcasting, cable, and new technologies.* Boston: Focal Press

Leal, B., Valle, F. (2009). Informação e imagem no telejornal: reflexões sobre um regime visibilidade. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 32 (1), pp. 129-145. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/698/69830991008.pdf

Lewis, J., Cushion,S. (2009). The Thirst to be First. *Journalism Practice*, 3 (3), pp. 304-318. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17512780902798737

Lewis, R. (1962). Telstar: First with the Most. *Bulletin of the Atomic Scientists*, 18 (10), pp. 38-40. Disponível em:https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00963402.1962.11454437

Lima, M. (2014). *O campo jornalístico em Portugal: Convergências e disparidades entre o jornalismo televisivo e a imprensa escrita na atualidade.* (Tese de Doutoramento). Universidade do Porto. Disponível em: https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/77546

Lindell, J., Jakobsson, J., *et al*. (2020). The field of television production: Genesis, structure and position-takings. *Poetics*, 80, pp. 1-13. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0304422X19302700

Lopes, F. *et al*. (2009). A notícia de abertura do TJ ao longo de 50 anos (1959-2009). *Revista Comunicação e Sociedade*, 15, pp. 103-126. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312261446_A_noticia_de_abertura_do_TJ_ao_longo_de_50_anos_1959-2009

Lopes, F., Araújo, R., *et al*. (2021). Comunicar em Saúde em Tempos de Pandemia: Qual o Nosso Papel Enquanto Académicos de Comunicação? Nota Introdutória. C*omunicação e Sociedade*, 40, pp. 7-14. Disponível em: https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3703

Lopes, I. (2011). O telejornalismo e as narrativas sobre o controle social dos meios de comunicação. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 8 (1), pp. 113-126. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314357491_O_telejornalismo_e_as_narrativas_sobre_o_controle_social_dos_meios_de_comunicacaoDOI1050071984-69242010v8n1p113

Maia, P. (2015). Realidade, cinema e jornalismo: uma contribuição aos estudos dos cinejornais. *Revista Labirinto, 22*, pp. 311-322

Making the news: Jobs in TV journalism. *Occupational Outlook Quarterly*, Estados Unidos da América, 53 (1), pp. 1-13, junho, 2009. Disponível em: https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ875429.pdf

Martins, M. (2015). Novas estratégias do telejornalismo como consequência da omnipresença de câmeras: a narrativa em primeira pessoa. *Estudos em Jornalismo e*

Mídia, 12 (2), pp. 251-263. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p251

McKernan, L., Hiley, N. Reconstructing the news: British newsreel documentation and the British Universities Newsreel Project. *Film History*, 13, pp. 185-199

McKernan, Luke. (2002). *Yesterday's News: The British Cinema Newsreel Reader*. Londres: British Universities Film & Video Council

Miller, A., Leshner, G. (2007). How Viewers Process Live, Breaking, and Emotional Television News. *Media Psychology*, 10 (1), pp. 23-40. Disponível em: https://doi.org/10.1080/15213260701300915

Miranda, João, *et al.* (2021). *Jornalistas em Tempo de Pandemia: Novas Rotinas Profissionais, Novos Desafios Éticos*. Comunicação e Sociedade, 39, p. 287-307. Disponível em: https://journals.openedition.org/cs/5619

Moreira, J. (1988). *Televisão em Portugal: pretextos para reflectir*. Universidade de Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Disponível em: https://eg.uc.pt/handle/10316/10912

Pato, L. (2012). *Técnicas de Produção Televisiva na Migração para o Digital*. Coimbra: Grácio Editor

Peixoto, F., Porcello, F. (2016). Quando o repórter aparece na TV: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo. *Estudos em Comunicação*, 22, pp. 123-164. Disponível em: http://www.ec.ubi.pt/ec/22/pdf/ec-22-07.pdf

Rebelo, J. (1993). No primeiro aniversário da televisão privada em Portugal. *Análise Social*, 28 (122), pp. 653-677. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/5587

Reino, L., Pellanda, E. (2017). Jornalismo baseado em localização: O caso do Breaking News. *Revista Observatório*, 3 (3), pp. 229-260. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3513

Reis, B., Sierra, J., *et al*. (2021). A cobertura mediática da Pandemia pelos órgãos de informação digitais portugueses: uma leitura das notícias mais consumidas. In Reis, B., *Um mundo de incertezas; as leituras possíveis de um tempo pandémico* (pp. 50-71). Lisboa: NIP-C@M, Universidade Autónoma de Lisboa

Reuters Institute (2021) *Digital News Report*, https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021/portugal

Roldan, V., Cabral, A., *et al*. (2013). Estilo de liderança e desempenho criativo em equipes de telejornalismo: um estudo em emissoras de TV cearenses. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)*, 12 (3), pp. 1-19. Disponível em: http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/1652/739

Rusbridger, A. (2018). *Breaking News - The Remaking Of Journalism And Why It Matters Now*. Reino Unido: Canongate Books

Sanger, Gerald. (1946/2002). We Lived in the Presence of History: The Story of British Movietone News in the War Years. In *Yesterday's News: The British Cinema Newsreel Reader*, ed. L. McKernan. Londres: British Universities Film & Video Council

Saraiva, M., Azevedo, J., *et al*. (2011). *A cenografia de informação televisiva em Portugal. Da sobriedade à espectacularidade das redacções*. Universidade de Aveiro: Edições Afrontamento. Disponível em: https://ria.ua.pt/handle/10773/7082

Schvarzman, S. (2014). Construindo a história na televisão: Marc Ferro e os Cinejornais em Histoire Parallèle. *Revista Tempo*, 20 (36), pp. 1-22. Disponível em: 10.20509/TEM-1980-542X2014v203624

Schvarzman, S. (2014). *Memória e atualidade na Televisão: Cinejornais, Histoire Parallèle e Marc Ferro.* XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós. Brasil: Universidade Federal do Pará

Silva, L., Teves, V. (1971). Vamos falar de televisão. Lisboa: Verbo

Silva, M. (2012). Jornalista, o "lado" da notícia. *Vozes e Diálogo*, 11 (1), pp. 55-67. Disponível em: https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/3359

Silveira, M. (2006). Resenha - A favor do melhor telejornalismo. *Intexto*, 1 (14), pp. 1-5. Disponível em: http://docplayer.com.br/68255438-Resenha-a-favor-do-melhor-telejornalismo.html

Sobral, F. (2012). Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva. *Millenium*, 42 (17), pp. 143-159. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8199

Sobral, F. (2013). Televisão em contexto português: a estória de uma história. *Revista Extensão em Foco*, 8, pp. 1-13. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/34774/21546

Sousa, P. (2008). *Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo

Souto, J. (2019). *As Notícias no Ecrã - Uma Etnografia da Produção do Noticiário Televisivo.* Braga: Poética Edições

Souza, F., Piveta, P. (2011). A evolução tecnológica na edição do telejornalismo. *Revista FAMECOS*, 18, 2, pp.431-445. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9468

Souza, J. (2003). Trabalhando com cinejornais: relato de uma experiência. *História: Questões & Debates*, 38, pp. 43-62. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5380/his.v38i0.2714

Stănescu, G. (2015). Breaking News and News Alert, between Information and Spectacle for Rating. *Social Sciences and Education Research Review*, 2 (2), pp. 81-91. Disponível em: https://ideas.repec.org/a/edt/jsserr/v2y2015i2p81-91.html

Steve, M. (2003). *American Television News: The Media Marketplace and the Public Interest.* Armonk: M.E. Sharpe

Stollery, M. (2013). The newsreel commentator, the actor, the intellectual, and the broadcaster: celebrity and personality voices in classic British documentar. *Celebrity Studies*, 4 (2), pp. 202-218. Disponível em: https://doi.org/10.1080/19392397.2013.791045

Strauss, M., Baechlin, P. (1952). *Newsreels across the world.* Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Taylor, James. (2002). Beating the Press? Reporting the R101 Disaster. In *Yesterday's News: The British Cinema Newsreel Reader*, ed. L. McKernan. Londres: British Universities Film & Video Council

Teves, V. (2007). *RTP 50 anos de História.* Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal, S.A. Disponível: https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/default.htm

Thurman, N., Newman, N. (2014). The Future of Breaking News Online?. *Journalism Studies*, 15 (5), pp. 655-667. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2014.882080

Tourinho, C. (2010). Telejornalismo: Em busca de um novo paradigma. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 7 (1), pp.19-29. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n1p19

Tourinho, C., Lopes, F. (2011). Existe interactividade no telejornalismo português? Análise dos informativos do prime-time. In *VII Congresso SOPCOM, na Universidade do Porto, Portugal, 15-17 Dezembro 2011* (pp. 834-851). Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação (CETAC.media)

Unstead, R. (1979). *Um estúdio de televisão*. Lisboa: Civilização Brasileira

Vianna, R. (2003). História comparada do telejornalismo: Brasil/Espanha. In *1ª Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Rio de Janeiro, Brasil, maio de 2003*. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Vizeu, A. (2009). O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. *Revista FAMECOS*, 16 (40), pp. 77 – 83. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321

Vizeu, A. (2013). Coprodução de notícias na TV: jornalismo de apuração ou de disseminação?. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 10 (2), pp. 399-415. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n2p399

Vizeu, A., Leite, F. (2018). Decidindo o que é notícia: 20 anos depois. *Revista Observatório, 4 (4)*, pp. 284-307. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5503/13308

Whalen, D. (2014). The Communications Satellite Act of 1962. In *The Rise and Fall of COMSAT* (pp. 388-400). Palgrave Macmillan, Londres. Disponível em: https://doi.org/10.1057/9781137396938_2

ANEXOS

JORNAL DA TARDE RTP - MARÇO																													
DATA EMISSÃO	DIA SEMANA	LINK	TEMA	ABERTURA?	ABORDAGEM	GÉNERO	DURAÇÃO	OBSERVAÇÕES	DESENVOLVIMENTO?	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	DURAÇÃO 1.ª PARTE	DURAÇÃO 2.ª PARTE	DURAÇÃO TOTAL JORNAL	OUTRAS CONSIDERAÇÕES
01/03/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6538/e459157/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						54m32	11m21	65:53m	
02/03/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e459322/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						45:29m	20:45m	66:14m	Dia em que foram registados os primeiros dois casos de Covid-19 em Portugal
03/03/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e459596/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						43:58m	21:37m	65:35m	
04/03/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e459786/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						51:20m	12:34m	63:54m	
05/03/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e460035/jornal-da-tarde	Alunos da Escola Roque Gameiro, na Amadora, em casa a cumprir isolamento profilático, devido a professora infetada. Cinco turmas em isolamento	Não	13:08	Pivot + Entrevista com Diretora Geral da Saúde	Pivot + Entrevista: 13:08h – 13:30h **13:19h -13:27h [tempo em que está última hora no ar]**		Não																44:38m	20:10m	64:48m	
06/03/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e460265/jornal-da-tarde	Ministra da Saúde confirma 13 casos positivos de Covid-19	Não	13:23h	Pivot + Direto da 2.ª reunião em Bruxelas, da reunião de Ministros + Entrevista à Ministra da Saúde + Pivot	Pivot + Direto + Entrevista + Pivot: 13:23h – 13:30h 13:27h – 13:30h [tempo em que está última hora no ar]	Informação de última hora acontece durante o direto / Logo a seguir o pivot faz a observação da mesma / Direto da segunda reunião de Ministros da Saúde em Bruxelas	Não																42:17m	23:12m	65:29m	
07/03/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6538/e460454/jornal-da-tarde	Hospital que acolhia cidadãos em quarentena, na cidade de Quanzhou, China, desabou. Há 70 pessoas nos escombros.	Não	Segunda parte: 14:03h	Pivot	14:03h - 14:04h	Informação de última hora lançada pelo pivot sem mais nenhum outro recurso	Não																48:58m	15:24m	64:22m	
08/03/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6538/e460537/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país																	52:21m	13:22m	65:43m	A Direção-Geral da Saúde anunciou no domingo o encerramento de todas as escolas dos concelhos de Lousada e Felgueiras, no distrito do Porto.
09/03/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e460692/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país																	41:10m	23:23m	64:33m	Todas as faculdades de medicina do país estão a partir de agora de portas fechadas. Decisão tomada naquela manhã pelo Conselho Nacional de Escolas Médicas / Foi encerrada a segunda escola em Portimão, Escola E.B. 2,3 Prof. José Buisel / Presidente da República suspendeu todos os compromissos oficiais das próximas duas semanas e entra em quarentena voluntária
10/03/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e460908/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país																	41:38m	22:43m	64:21m	
11/03/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e461156/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país / Segunda parte: com notícias de desporto relacionadas com a Covid-19 e também notícias isoladas só sobre a pandemia																	45:56m	19:37m	65:33m	
12/03/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e461373/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país																	54:12m	11:15m	65:27m	
13/03/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e461642/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira e segunda parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país / Desporto na segunda parte muito reduzido																	51:50m	12:56m	64:06m	Portugal está em Estado de Alerta, a partir desta data
14/03/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6538/e461917/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país																	47:27m	17:00m	64:27m	Primeiro doente português dado como recuperado
15/03/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6538/e462006/jornal-da-tarde	Portugal vai enviar 2 aviões da TAP para trazer de volta os portugueses retidos em Marrocos	Não	Primeira parte: 13:49h	OFF Pivot + Imagens de vídeo amador	13:49h – 13:50h	Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país / Notícias de desporto muito reduzidas na segunda parte	Não																51:02m	13:49m	64:51m	Primeiro caso Covid nos Açores
16/03/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e462140/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora					Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país / Notícias de desporto muito reduzidas na segunda parte																	51:18m	20:35m	71:53m	
17/03/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e462310/jornal-da-tarde	UEFA adia EURO 2020 para 2021	Sim	Primeira parte: 12h	OFF Pivot + Imagens de Arquivo	12h - 12h	Primeira parte praticamente dedicada à evolução da pandemia no país / Notícias de desporto muito reduzidas na segunda parte	Sim	Primeira parte: 12:40h	SEPARADOR COM PROMOÇÃO AO DESENVOLVIMENTO DA NOTÍCIA	12:40h – 12:47h	Segunda parte: 14:08h	PIVOT + PEÇA	14:08h – 14:10h									50:17m	25:42m	75:59m	Madeira regista 1º caso / Portugal encerra fronteiras com Espanha
18/03/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e462488/jornal-da-tarde	Terminou a reunião do Conselho de Estado. Conclusões da reunião apresentadas em breve no site da Presidência da Republica	Não	Segunda parte: 14:15h	Rodapé + Off Pivot	Rodapé: 14:15h – 14:22h Pivot: 14:15h – 14:16h	Informação foi apenas avançada através de rodapé	Sim	Segunda parte: 14:22h	PIVOT REFORÇA INFORMAÇÃO ESCRITA EM RODAPÉ	14:22h													49:36m	26:34m	75:07m	Subiu para 2 o número de mortes em Portugal
19/03/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e462673/jornal-da-tarde	Conselho de Ministros ainda a decorrer. Conferência de imprensa marcada para as 17h	Não	Segunda parte: 14:10h	Rodapé + Off Pivot	Rodapé: 14:10h – 14:19h Pivot: 14:11h – 14:12h	Informação foi apenas avançada através de rodapé	Não																50:57m	22:59m	73:16m	Anúncio das primeiras medidas de Estado de Emergência que entrou em vigor à 00h deste dia
20/03/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e462886/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						49:08m	26:04m	75:13m	
21/03/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6538/e463069/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						50:08m	24:56m	75:05m	
22/03/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6538/e463282/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						50:34m	22:36m	72:07m	Surto em lar de Famalicão
23/03/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e463210/jornal-da-tarde	Ministro das Finanças vai fazer declarações ao país após encontro com Presidente da República	Sim	Primeira parte: 13:07	Rodapé + Pivot + Direto com imagens da reunião com Marcelo Rebelo de Sousa + Pivot	13:07h – 13:10h / 13:15h – 13:29h	Após reunião, Mário Centeno surge no direto onde faz declarações ao país, após encontro com Presidente da República. Presidente da República promulga Orçamento do Estado	Não																50:50m	21:43m	72:33m	
24/03/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e463412/jornal-da-tarde	Subiu para 29 o número de mortes por Covid em Portugal	Sim	Primeira parte: 13h	Pivot + Direto DGS + Rodapé	Pivot + Direto + Pivot: 13:00h – 13:26h	Retoma de rodapé, interrompido por separador de promoção	Sim	Primeira parte: 13:11h	PIVOT + IMAGENS REUNIÃO ALTO NÍVEL SEDE INFARMED, SOBRE APRESENTAÇÕES TÉCNICAS SOBRE SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA COVID NO PAÍS + DIRETO SEDE INFARMED	13:11h – 13:18h	Primeira parte: 13:15h	OFF PIVOT REFORÇA DADOS DGS PIVOT	13:15h	Primeira parte: 13:18h	OFF PIVOT REFORÇA DADO RELEVANDO NA CONFERÊNCIA IMPRENSA DGS, 123 PESSOAS RECUPERAM DAS COVID- 19)	13:18h – 13:19h	Primeira parte: 13:29h	PIVOT + DIRETO PRESIDENTE DA REPÚBLICA APÓS REUNIÃO DE ALTO NÍVEL NA SEDE INFARMED ONDE REFORÇA DADOS DGS + PIVOT	13:29h – 13:52h	Abertura Segunda parte: 14:01h	Pivot reforça dados DGS (correção feita pela DGS, são 30 o número de vítimas mortais por Covid) + Rodapé + Mapa DGS	Pivot: 14:01h – 14:03h Rodapé: 14:01h – 14:03h	52:16m	21:00m	73:16m	Primeira vez neste mês que aparece Mapa DGS
25/03/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e463600/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						50:04m	22:00m	72:04m	
26/03/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e463782/jornal-da-tarde	Celebrações do 10de junho na Madeira em África do Sul adiadas para 2021	Não	Primeira parte: 13:25	Pivot + Direto Presidente da República, declaração após encontro com Bastonário dos Médicos	Pivot + Direto: 13:25h – 13:39h																		49:52m	23:42m	73:34m	
27/03/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e463945/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						49:11m	20:55m	70:06m	
28/03/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6538/e464287/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						51:04m	21:47m	72:51m	
29/03/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6538/e464307/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						52:53m	17:38m	70:31m	
30/03/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e464490/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						50:49m	22:25m	73:14m	
31/03/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6538/e464693/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora																						45:50m	28:35m	74:25m	

Anexo 1: Recolha de dados do mês de março

DATA EMISSÃO	DIA SEMANA	LINK	TEMA	ABERTURA?	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	OBSERVAÇÕES	DESENVOLVIMENTO?	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	DURAÇÃO 1.ª PARTE	DURAÇÃO 2.ª PARTE	DURAÇÃO 3.ª PARTE	DURAÇÃO JORNAL	OUTRAS CONSIDERAÇÕES
01/04/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e464781/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													38min0s	34min22s		72min50s	
02/04/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e464911/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:30	Rodapé	Rodapé: 13:20 - 13:27	Como os números neste dia foram divulgados um pouco mais tarde, o jornal abriu com o pivot, fazendo referência aos números do dia de forma rápida, sem ser Última Hora. Segue depois para Direto da Conferência da DGS, regressando em seguida para o pivot + videowall que indicava dados diários da Covid-19 em Portugal.								63min52s	31min26s		75min19s	
03/04/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e465108/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:02	Rodapé	Rodapé: 13:02 – 13:28	O jornal abriu com o pivot + videowall, mostrando os números do dia, sem ser Última Hora. Segue depois para Direto da Conferência da DGS, regressando, para concluir, ao pivot. O rodapé surge durante o Direto, às 13:02, afirmando a Última Hora.	Sim	13:00	Pivot + Videowall + Direto + Pivot	13:00 - 13:08				48min57s	25min02s		74min58s	Entraram em vigor novas medidas do Estado de Emergência
04/04/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6569/e465285/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													50min38s	25min28s		76min05s	
05/04/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6569/e465397/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													24min40s	26min46s	23min18s	74min48s	
06/04/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e465507/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													50min20s	26min57s		76min17s	
07/04/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e465615/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													43min50s	28min51s		72min00s	
08/04/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e465842/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:36	Rodapé	13:36 – 13:51	O mesmo rodapé de Última Hora é interrompido apenas por separador	Sim	13:31	Pivot + Videowall	13:31 – 13:34				49min16s	24min46s		74min48s	
09/04/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e466225/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:24	Direto Conferência	Direto: 13:24 – 13:26		Sim	13:29	Rodapé + Pivot	Rodapé: 13:29 – 13:48 Pivot: 13:33 – 13:35				48min44s	51min13s		99min57s	
10/04/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e466423/jornal-da-tarde	Presidente da República vai propor a renovação do Estado de Emergência até 1 de maio	Não	13:44	Direto + Rodapé	Direto: 13:39 – 13:48 Rodapé: 13:44 – 13:49	O direto consiste numa mensagem de PR sobre uma visão de retrospetiva e do futuro próximo. A informação é dada no decorrer do direto. O rodapé só entra no or depois de 15 minutos de direto com o Presidente da República	Não							49min31s	33min48s		83min19s	
11/04/2020	Sábado		**O JORNAL NÃO SE ENCONTRA DISPONÍVEL ONLINE**																	
12/04/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6569/e466752/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													48min34s	33min30s		82min04s	
13/04/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e466787/jornal-da-tarde	DGS recomenda uso de máscaras em espaços fechados	Não	13:03	Pivot + Peça	13:03	O tema de Última Hora é mencionado apenas uma vez ao longo da peça, tendo a mesma prosseguindo sem continuar a transmitir esta informação.	Não							52min13s	30min29s		83min13s	
14/04/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e466977/jornal-da-tarde	FMI prevê recessão de 8% para Portugal em 2020. Pandemia levará a recessão muito maior do que a crise financeira	Não	13:12	Rodapé	13:12 - 13:50	O rodapé surge a meio do jornal e a notícia será desenvolvida cerca de 15 minutos depois	Sim	13:48	Pivot + Peça	13:48 – 13:50				51min30s	32min38s		84min08s	
15/04/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e467117/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													52min19s	53min41s		105min40s	
16/04/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e467309/jornal-da-tarde	Graça Freitas declara existirem condições para levantar cerca sanitária em Ovar	Não	13:22	Pivot + Peça + Entrevista direto videochamada + Declaração	Pivot + Peça: 13:22 – 13:25 Entrevista direto: 13:25 – 13:28 Pivot + Declaração Graça Freitas: 13:29 – 13:30 Retoma entrevista direto: 13:30 – 13:36	O pivot dá a informação relativa ao levantamento da cerca sanitária em Ovar. Em seguida, entrevista ao presidente da Câmara de Ovar, Salvador Malheiro. A entrevista em direto via videochamada, jintada com imagens de Ovar, é interrompida pela declaração de Graça Freitas e, por fim, é retomada a entrevista ao presidente da Câmara.	Não							52min56s	35min36s		88min32	
17/04/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e467573/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													52min51s	33min27s		86min18s	
18/04/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6569/e467842/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													54min27s	23min38s		77min35s	
19/04/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6569/e467951/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													54min10s	29min52s		83min52s	
20/04/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e468060/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													55min23s	30min20s		85min53s	
21/04/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e468180/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:08	Rodapé + Pivot + Direto	Rodapé: 13:08 – 13:51 Pivot: 13:11 Direto: 13:11 – 13:19	Exceção o rodapé durante outra peça. Terminada a peça, o pivot faz um balanço dos números diários, que chegaram mais tarde devido ao atraso da conferência e da divulgação dos mesmos. Em seguida, a emissão segue para direto com o Secretário de Estado da Saúde e Graça Freitas.	Sim	14:00	Pivot + Videowall	14:00 – 14:04				52min21s	35min56s		88min17s	
22/04/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e468365/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:12	Pivot + Mapa DGS	Pivot + Mapa DGS: 13:12 – 13:51	Pivot com Mapa da DGS indicando os números diários confirmados.	Sim	13:14	Rodapé + Pivot + Direto Conferência	14:00	Pivot + Videowall	14:00 – 14:04		53min22s	28min41s		82min03s	Primeira vez que aparece mapa DGS (este mês)
23/04/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e468451/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:00	Pivot + Mapa DGS	13:00 – 13:05		Sim	13:04	Pivot + Direto Conferência	13:04 – 13:11	13:10	Pivot + Videowall	13:10 – 14:01	51min20s	30min06s		81min26s	
24/04/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e468636/jornal-da-tarde	Restrição na circulação nos dias 1, 2 e 3 de maio. Proibida a deslocação para fora dos concelhos.	Não	13:15	Pivot + Direto + Rodapé	Pivot + Direto + Pivot: 13:09 - 13:23 Rodapé: 13:15 – 13:20	Direto com o Primeiro-Ministro, em S. Bento, sobre o Estado de Emergência	Não											
			Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:30	Pivot + Mapa DGS + Rodapé + Direto	Pivot + Mapa DGS: 13:30 – 13:31 Rodapé: 13:30 – 13:50 Direto + Pivot: 13:33 – 13:33		Sim	13:58	Pivot + Videowall	13:58 – 14:02				51min32s	32min52s		83min54s	
25/04/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6569/e468907/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:19	Pivot + Mapa DGS + Direto + Pivot + Rodapé	Pivot + Mapa DGS: 13:19 – 13:20 Direto + Pivot: 13:20 – 13:24 Rodapé: 13:27 – 13:50		Sim	13:57	Pivot + Videowall	13:57 – 14:00				51min07s	19min51s		70min58s	
26/04/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6569/e469046/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:00	Pivot + Mapa DGS + Rodapé + Direto + Pivot + Videowall	Pivot + Mapa DGS: 13:00 Rodapé: 13:06 – 13:41 Direto: 13:11 – 13:16 Pivot + Videowall: 13:16 – 13:18		Não							42min21s	17min51s		59min12s	
27/04/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e469230/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:14	Pivot + Mapa DGS + Rodapé + Pivot + Direto + Pivot + Mapa DGS	Pivot + Mapa DGS: 13:14 – 13:17 Rodapé: 13:18 – 13:49 Pivot + Direto: 13:27 – 13:31 Pivot + Mapa DGS: 13:31		Sim	13:58	Pivot + Videowall	13:58 – 13:59				50min16s	32min35s		82min06s	
28/04/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e469447/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora													51min58s	30min38s		82min35s	
29/04/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e469670/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:19	Pivot + Direto + Rodapé	Pivot + Direto DGS + Pivot: 13:17 – 13:25 Rodapé: 13:19 – 13:49 Pivot + Mapa DGS: 13:26 – 13:27	Por lapso, o rodapé entra por alguns segundos na segunda parte do jornal	Não							52min40s	34min01s		86min41s	
30/04/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6569/e469877/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:12	Pivot + Videowall + Rodapé + Direto DGS	Pivot + Videowall: 13:12 – 13:14 Rodapé: 13:12 – 13:49 Direto DGS: 13:18 – 13:19		Não							50min46s	32min37s		82min41s	

Anexo 2: Recolha de dados do mês de abril

DATA EMISSÃO	DIA SEMANA	LINK	TEMA	ABERTURA	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	OBSERVAÇÕES	DESENVOLVIMENTO?	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	OBSERVAÇÕES	PRIORIDADE	ABORDAGEM	DURAÇÃO	DURAÇÃO 1.ª PARTE	DURAÇÃO 2.ª PARTE	DURAÇÃO TOTAL	OUTRAS CONSIDERAÇÕES
01/05/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e470071/jornal-da-tarde	Portugal ultrapassa barreira dos 1.000 mortos	Sim	13:00	Rodapé + Pivot	Notícia: 1m46s Rodapé: Todo a primeira parte	Notícia acompanhada de recurso a videowall	Não								51m51	14m21	68m12s	
02/05/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6508/e470436/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:27	Pivot + Direto + Rodapé	Pivot + Direto: 13:27 – 13:37 Rodapé: 13:32 – final da primeira parte	Notícia acompanhada de recurso a videowall	Não								52m43s	24m03	76m46s	
03/05/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6508/e470612/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora														49m30s	12m46	62m16s	Primeiro dia do estado de calamidade
04/05/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e470612/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:38	Rodapé	13:38 – 14:10 (durante a segunda parte)		Sim	13:48	Pivot + Direto DGS	13:48 – 13:58 (final da primeira parte)					54m25s	29m22	83m27s	Primeiro dia da primeira fase do primeiro desconfinamento
05/05/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e470682/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:20	Pivot + Mapa DGS	13:20 – 13:21	Pivot diz que os dados vão ser desenvolvidos no jornal	Sim	13:24	Pivot + Direto DGS + Rodapé	Pivot + Direto DGS: 13:24 – 13:26 Rodapé: 13:25 – até final da primeira parte		13:46	Pivot atualiza dados com recurso a videowall	13:46 – 13:48	52m06s	32m04	84m10s	
06/05/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e470908/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:00	Rodapé + Pivot + Mapa DGS	13:00 – 13:01 Rodapé: 13:00 – até final da primeira parte	Por lapso o rodapé entra na emissão nos primeiros segundos da segunda parte	Sim	13:18	Pivot + Dados Videowall + Direto DGS	13:18 – 13:24					52m20s	31m34	83m54s	
07/05/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e471465/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:23	Rodapé	13:23 - até final da primeira parte	Primeiro fizeram a transmissão, durante alguns minutos, da Conferência da DGS, já com as questões colocadas pelos jornalistas, e só depois entrou no ar o rodapé com informação em Última Hora	Sim	13:15	Direto Conferência DGS	Direto: 13:15 - 13:18		14:00 (início segunda parte)	Pivot + Videowall	14:00 - 14:01	53m15	31m27	84m42s	
08/05/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e471621/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:29	Pivot + Mapa DGS + Direto DGS + Rodapé	Pivot + Mapa DGS + Direto DGS: 13:29 – 13:33 Rodapé: 13:31 - até final da primeira parte	O rodapé com a informação de última hora é colocado em emissão 2 minutos depois da informação "ir para o ar", já durante a conferência.	Sim	13:56	Pivot + Dados Videowall	13:56 – 13:57					48m30s	35m44	85m14s	
09/05/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6508/e471758/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:00	Pivot + Videowall + Rodapé	Pivot + Videowall: 13:00 – até 13:01 Rodapé: 13:00 – 13:10	O rodapé está no ar durante apenas alguns segundos no abertura do jornal, e volta ao ecrã aos 13:02	Sim	13:18	Pivot + Direto DGS + Pivot (pivot faz resumo das informações)	13:18 – 13:24					50m48s	20m54	71m02s	
10/05/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6508/e471645/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:14	Pivot + Mapa DGS + Direto DGS	13:14 – 13:19	Não houve rodapé	Não								51m53s	32m11	83m44s	
11/05/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e471645/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:08	Pivot + Mapa DGS + Direto DGS + Rodapé	13:08 – 13:09 Rodapé: 13:09 – até ao final da primeira parte	O rodapé entra no ar depois de pivot terminar a informação. // Por lapso o rodapé entra na emissão nos primeiros segundos da segunda parte.	Sim	13:12	Pivot + Direto DGS + Pivot (resumo da informação com videowall)	13:12 – 13:20					52m28s	32m02	84m30s	
12/05/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e471918/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:12	Rodapé	13:12 – até ao final da primeira parte		Sim	13:17	Pivot + Mapa DGS	13:17 – 13:19		13:58	Pivot atualiza dados com recurso a videowall	13:58 – 14:02	52m33s	31m49	83m20s	
13/05/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e472258/jornal-da-tarde	Não foram registadas notícias de Última Hora														51m09s	35m12	86m21s	Os dados da DGS foram apresentados com recurso a videowall e direto da DGS sem qualquer informação de última hora. Começa-se a notar a tendência de aguardar pelo início da conferência da DGS para desenvolver a notícia dos dados das últimas 24 horas da DGS.
14/05/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e472482/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:13	Rodapé	13:13 – até ao final da primeira parte		Sim	13:26	Pivot + Videowall + Direto DGS	13:26 – 13:33	O pivot afirma que os dados acabam de sair, quando já entrou essa informação em rodapé há 13 minutos.				51m09s	34m38	85m17s	Analisa-se a segunda fase de desconfinamento
			Atraso na deslocação de utentes do lar do comércio em Matosinhos	Não	13:23	Pivot + Direto	13:23 – 13:26	Às 13:21 é lançada uma peça sobre o tema. Às 13:23 o pivot atualiza o tema em notícia de última hora com recurso a direto.	Não											
15/05/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e472731/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:00	Rodapé	13:00 – até ao final da primeira parte	O rodapé entre no ar às 13:00 com os dados, mas o tema só é abordado às 13h36	Sim	13:26	Pivot com atualização de dados em videowall + (13:27) TH de Graça Freitas + (13:28) Pivot com continuação de avaliação de dados + (13:28) Entrevista com Ricardo Mexia em análise nas duas semanas do início do desconfinamento (13:36)	13:26 – 13:36					48m06s	34m57	83m03s	
16/05/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6508/e473062/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:00	Rodapé	13:00 – até ao final da primeira parte	O rodapé entre no ar às 13:00 com os dados, mas o tema só é abordado às 13h15	Sim	13:15	Pivot com atualização de dados em videowall + (13:17) Direto DGS + (13:22) Pivot afirma que se tiveremos mais novidades na	13:15 – 13:24					52m05s	29m19	81m24s	
17/05/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6508/e473449/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:02	Rodapé	13:02 – até ao final da primeira parte	O rodapé entre no ar às 13:02 com os dados, mas o tema só é abordado às 13h19	Sim	13:19	Pivot com atualização de dados em videowall + (13:21) TH DGS + (13:22) Pivot faz uma análise de percentagens dos dados da covid no videowall (13:24)	13:19 – 13:24					47m58s	23m59	71m17s	
18/05/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e473116/jornal-da-tarde	As informações dos dados da pandemia bem como a conferência da DGS não foram consideradas "Última Hora"														41m35s	42m57	84m32s	
19/05/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e473252/jornal-da-tarde	As informações dos dados da pandemia bem como a conferência da DGS não foram consideradas "Última Hora"														52m58s	31m44	84m02s	
20/05/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e473545/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:16	Rodapé	13:16 – 13:38	O rodapé entre no ar às 13:16 com os dados, mas o tema só é abordado às 13h32. O rodapé sai mais cedo que o normal do ar, ao fim de 22 minutos.	Sim	13:32	Pivot com atualização de dados em videowall	13:32 – 13:35					54m00s	28m33	82m33s	Em última hora, demite-se Regina Duarte. Informação com Pivot e recurso ao Twitter de Bolsonaro (14:18 – 14:19)
21/05/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e473779/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:13	Rodapé	13:13 – até ao final da primeira parte	O rodapé entre no ar às 13:13 com os dados, mas o tema só é abordado às 13h24.	Sim	13:24	Pivot com atualização de dados em videowall	13:24 – 13:25					45m10s	38m21	83m31s	
22/05/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e474004/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:21	Rodapé	13:21 – até ao final da primeira parte	O rodapé entre no ar às 13:13 com os dados, mas o tema só é abordado às 13h54. O tema é desenvolvido 40 minutos depois de abordado em rodapé	Sim	13:54	Pivot com atualização de dados em videowall	13:54 – 13:57					47m15s	37m06	84m21s	
23/05/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6508/e474243/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:28	Rodapé	13:18 – até ao final da primeira parte	O rodapé entre no ar às 13:18 com os dados, mas o tema só é abordado às 13h42.	Sim	13:42	Pivot com atualização de dados em videowall + (13:44) TH Ministro da Saúde na DGS (13:45)	13:54 – 13:57					51m44s	30m56	82m00s	
24/05/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6508/e474524/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:29	Pivot com recurso a videowall + Rodapé	Pivot: 13:29 – 13:31 Rodapé: 13:31 – até ao final da primeira parte	Devido a uma falha técnica o rodapé só entrou no ar às 13:31	Não								52m14s	32m46	85m02s	
25/05/2020	Segunda-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e474816/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:16	Rodapé	13:16 – até ao final da primeira parte		Sim	13:33	Pivot lança dados com recurso a videowall + (13:35) Pivot lança TH Lovenda Sales + (13:35) Pivot lança TH Graça Freitas (13:37)	13:33 – 13:37					51m55s	31m10	82m05s	
26/05/2020	Terça-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e474989/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:06	Rodapé	13:06 – até ao final da primeira parte		Sim	13:12	Pivot lança dados com recurso a videowall + (13:14) Pivot lança TH Graça Freitas (13:16)	13:34 – 13:36					48m52s	34m08	82m60s	Informação de última hora dada pelo Pivot com recurso a direto no local (14:04 às 14:08): 1 morto e 1 desaparecido em Alvar.
27/05/2020	Quarta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e474863/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:30	Rodapé	13:30 – até ao final da primeira parte		Sim	13:32	Pivot lança dados com recurso ao mapa da DGS + (13:33) Direto DGS + (13:36) Conclusões Pivot	13:32 – 13:40	Há vários dias que a RTP não mostrava o mapa da DGS nem fazia direto na conferência de imprensa	13:58	Pivot recorda dados da pandemia com recurso a videowall + Pivot lança TH de Graça Freitas	13:58 – 14:01	51m00s	30m38	81m38s	Informação de última hora dada pelo Pivot com a informação da data do debate parlamentar sobre Orçamento suplementar
28/05/2020	Quinta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e475083/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:37	Rodapé	13:30 – até ao final da primeira parte	**Rodapé esteve no ar durante quase todo o jornal**	Sim	13:42	Pivot lança dados com recurso ao videowall + (13:43) Direto DGS + (13:48) Pivot reforça dados e percentagens da covid-19 (13:48)	13:42 – 13:49					50m14s	33m45	83m59s	Avaliam-se as medidas para a 3.ª fase do primeiro desconfinamento
29/05/2020	Sexta-feira	https://www.rtp.pt/play/p6508/e475300/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:10	Rodapé	13:10 – até ao final da primeira parte		Sim	13:12	Pivot lança dados com recurso ao mapa da DGS	13:12 – 13:13	Pivot avisa que os dados serão de novo atualizados com recurso a nova animação gráfica no decorrer do jornal.	13:59	Pivot lança dados com recurso ao videowall + (14:01) Pivot lança TH de Graça Freitas + (14:02) Pivot regressa aos números (14:02)	13:59 – 14:03	51m28	32m16	83m44s	
30/05/2020	Sábado	https://www.rtp.pt/play/p6508/e475638/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Não	13:04	Rodapé	13:04 – até ao final da primeira parte		Sim	13:22	Pivot lança dados com recurso a videowall	13:22 – 13:24		13:41	Pivot lança TH de Ministro da Educação	13:41 – 13:43	50m54	31m57	82m11s	São apresentadas as medidas da 3.ª Fase do primeiro plano de desconfinamento
31/05/2020	Domingo	https://www.rtp.pt/play/p6508/e475922/jornal-da-tarde	Balanço diário dos dados da Covid-19	Sim	13:00	Rodapé	13:00 – até ao final da primeira parte		Sim	13:05	Pivot lança dados com recurso a videowall	13:05 – 13:06		13:34	Pivot lança TH de Ministro da Educação	13:34 – 13:36	49m11	26m17	74m28s	

Anexo 3: Recolha de dados do mês de maio